

**HELENA STÜRMER**

**A NÔMADE DE PASSOS LARGOS: UMA AUTOETNOGRAFIA DE QUEM SE  
TORNA PESQUISADORA EM LINGUÍSTICA APLICADA A PARTIR DE SUAS  
IDENTIDADES, CRENÇAS E EMOÇÕES**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientadora: Ana Maria Ferreira Barcelos

**VIÇOSA - MINAS GERAIS  
2024**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade  
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

S936n  
2024

Stürmer, Helena, 1991-  
A nômade de passos largos: na autoetnografia de quem se torna pesquisadora em linguística aplicada a partir de suas identidades, crenças e emoções / Helena Stürmer. – Viçosa, MG, 2024.

1 dissertação eletrônica (144 f.): il. (algumas color.).

Orientador: Ana Maria Ferreira Barcelos.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa, Departamento de Letras, 2024.

Referências bibliográficas: f. 135-144.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2024.347>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Linguística aplicada. 2. Etnologia. 3. Pesquisadores - Formação. 4. Ciência. 5. Identidade (Conceito filosófico). 6. Crença e dúvida. 7. Emoções. I. Barcelos, Ana Maria Ferreira, 1966-. II. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 22. ed. 418


**HELENA STÜRMER**

**A NÔMADE DE PASSOS LARGOS: UMA AUTOETNOGRAFIA DE QUEM SE TORNA  
PESQUISADORA EM LINGUÍSTICA APLICADA A PARTIR DE SUAS  
IDENTIDADES, CRENÇAS E EMOÇÕES**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.


APROVADA: 20 de março de 2024.

Assentimento:

Documento assinado digitalmente  
 HELENA STÜRMER  
Data: 22/07/2024 10:10:53-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Helena Stürmer  
Autor

Documento assinado digitalmente  
 ANA MARIA FERREIRA BARCELOS  
Data: 22/07/2024 12:56:39-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Ana Maria Ferreira Barcelos  
Orientadora

*Aos júpiters em minha vida; sem vocês, meu  
caminho é nada.*

## AGRADECIMENTOS

Como alguém que tem no mapa astrológico da vida o planeta grande e benéfico Júpiter na casa 7, a casa das alianças e das parcerias, tenho muito, demais mesmo, a quem agradecer por esta pesquisa vivida. Da forma que se encontra em mim, ele me faz (me) encontrar com o outro, no outro, pelo outro, a sorte – vocês, júpiteres de minha vida. São tantas e tantos, especiais e imensos, que difícil é fazer caber aqui em poucos nomes.

À minha mãe Giovana, ao meu pai Edilson, ao meu irmão Gustavo e à minha irmã Elisa. Obrigada por fazerem de nosso espaço um encontro com o respeito e a harmonia; vocês me ensinam sobre liberdade, e sem o incentivo e suporte que sempre recebi, não seria eu aqui hoje. Obrigada.

Às amigadas cabeçadas e radicais, Thays, Murilo, Roberta, Pedro, sem quem eu temi conseguir viver alguns anos longe para viver em outro estado, em outra região, esta pesquisa. Obrigada por segurarem minhas pontas em Curitiba e por me abrirem tantas pontas outras no imaginário. Vocês me dão filosofia, arte, música, cinema, geografia. Eu sinto vocês aqui todos os dias. Obrigada.

À orientadora e mãe acadêmica Ana Maria, com quem tive o privilégio de partilhar esta etapa dos estudos acadêmicos e esta fase de amadurecimento da vida em Viçosa. Obrigada por me abrir caminhos, pelo acolhimento e pela confiança, Ana. Sem você, esta pesquisa não sairia; ela também é sua.

Às amigadas mineiras Raquel, Vinicius, Bárbara A., Keven, que abriram a porta de casa para me oferecer pouso, nutrição, festa, aventura, carinho e muita conversa amiga. Vocês são anjos. Obrigada por me aceitarem em suas vidas e me ajudarem a dar sentido para o aqui hoje. Com vocês, a paisagem ondulada fica mais colorida.

Às amigas e colegas da turma de Linguística Aplicada do mestrado na UFV, Clarisse, Thaiana, Layla, Bárbara, Josiane, foi um prazer dividir leituras, discussões, desabafos e opiniões com vocês. Admiro cada uma em sua própria história de vida. Obrigada pela partilha.

À prima Carol, ao amigo Luigi e às amigas Katy, Jennifer, Mari, pessoas especiais e pesquisadoras que mesmo geograficamente distantes e cientificamente de outras áreas, me ajudam a confiar no processo e a sustentar minha (e nossa) humanidade na ciência. Se eu acreditei no fim, foi com vocês. Obrigada.

Ao professor e (ex) orientador que tive na UFPR e colega de pesquisa Eduardo Figueiredo e à professora e colega de pesquisa Denise Kluge, por serem também abertura de caminhos no mundo científico da academia e por me encorajarem nessa jornada. Vocês me ensinam muito.

À Lillian e à Tatiane, pelo espaço seguro proporcionado para um outro tipo de encontro e escuta comigo mesma. A pesquisa, para respirar bem, precisa de Yoga e terapia.

À Flor, espécie canina companheira que caminha ao meu lado todos os dias. Obrigada por ser companhia no sol, na tempestade, no barulho, no silêncio e por viajar comigo tantos quilômetros para eu não estar só. Você é uma guerreirinha.

Às professoras Joziane Assis e Tânia Romero, pela leitura gentil e contribuições na banca do Seminário de Qualificação e na etapa final de apresentação deste trabalho. Obrigada por “defenderem” ele comigo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudos.

À Universidade Federal de Viçosa, pela oportunidade de realizar meus estudos na pós-graduação com estrutura, natureza, lazer, cultura e esporte.

Às conexões, aos encontros, ao universo, à vida, obrigada.

*“Aprender  
com certas flores  
para quem ser  
é espalhar-se  
e que num sopro  
se soltam”*

(Ana Martins Marques,  
“Dente-de-leão”)

## RESUMO

STÜRMER, Helena. Universidade Federal de Viçosa, março de 2023.

**A nômade de passos largos:** uma autoetnografia de quem se torna pesquisadora em Linguística Aplicada a partir de suas identidades, crenças e emoções. Orientadora: Ana Maria Ferreira Barcelos.

Nesta pesquisa, você acompanha meu percurso no mestrado em Letras buscando compreender como as identidades (Norton, 2013; Hall, 2014; Silva T., 2014) interagem com as crenças (Barcelos, 2006) e emoções (Ahmed, 2014; Lupton, 2012) em minha formação como pesquisadora na Linguística Aplicada (LA) brasileira contemporânea (Moita Lopes, 2006; 2013). Entre março de 2022 e março de 2024, componho com o espaço universitário, com a cidade de Viçosa (MG) e com a ciência pós-moderna um currículo, um *currere* (Pinar, 2011; 2016), que me faz perguntar e prosseguir: como identidades, crenças e emoções constroem o sujeito que me torna pesquisadora na Linguística Aplicada contemporânea? Nesse deslocamento investigativo, sigo pelo caminho metodológico da autoetnografia (Adams; Jones; Ellis, 2016), tipo de pesquisa incorporada e situada (Haraway, 1997) em que o sujeito pesquisador se coloca a observar a si mesmo enquanto investiga, relacionando suas experiências pessoais a fenômenos sociais e coletivos. Desse modo, entre minhas anotações em cadernos de aula, diário de campo e diário pessoal, conversas, leituras, fotografias e *insights*, também observo qual contexto da LA brasileira contemporânea se revela quando acompanho o desenvolvimento de meu pesquisar por esse campo científico. Reflito sobre os fios que me tecem nessa rede, pois falar de mim é falar de pesquisa científica, de Linguística Aplicada, de linguagens, de ensino, de universidade, de formação, de espaço, de tempo, de escrita, de experiência, de família, de amigades e de muitos encontros mais. Além disso, experimento nesse pesquisar a autoetnografia como processo teórico-metodológico, buscando compreender como se dá esse desenvolvimento que altera paradigmas no “fazer ciência” contemporâneo para se tornar pesquisa e

ser apresentada em sua performance escrita como uma. Esta é, portanto, uma dissertação autoetnográfica.

Palavras-chave: autoetnografia; formação de pesquisadora; Linguística Aplicada; ciência pós-moderna; identidades, crenças e emoções.

## ABSTRACT

STÜRMER, Helena. Universidade Federal de Viçosa, março de 2023.

**The nomad with large steps:** an autoethnography of someone becoming a researcher in Applied Linguistics by walking through identities, emotions and beliefs. Orientadora: Ana Maria Ferreira Barcelos.

In this research, you follow my journey through my master's degree in Letras while I seek to understand how identities (Norton, 2013; Hall, 2014; Silva T., 2014) interact with beliefs (Barcelos, 2006) and emotions (Maturana, 2005; Ahmed, 2014; Lupton, 2012) in my education process of becoming a researcher in contemporary Brazilian applied linguistics (AL) (Moita Lopes, 2006; 2013). From March 2022 to March 2024, I compose with the university, with the city of Viçosa (MG), and with post-modern science a curriculum, a "*currere*" (Pinar, 2011; 2016), which makes me ask and move my steps aside and beyond: how do identities, beliefs, and emotions form the subject that makes me a researcher in contemporary applied linguistics? In this quest, I walk the methodological path of autoethnography (Adams; Jones; Ellis, 2016), a type of embodied and situated research (Haraway, 2009) in which the researcher observes himself/herself while investigating, by relating their personal experiences to social and collective phenomena. For that purpose, I use my notes from class notebooks, field diaries, and personal diaries, in addition to records of conversations, readings, photographs, and insights to also observe what context of contemporary Brazilian AL is revealed when I follow the development of my research in this scientific field. I reflect on the threads that weave me into this network since talking about myself is talking about scientific research, applied linguistics, languages, teaching, university, education, space, time, writing, experience, family, friendships, and many other encounters. Additionally, I experience autoethnography as a theoretical-methodological process, seeking to understand how such type of inquiry changes paradigms in our scientific practices in the present days so much so as to also be performed and delivered in its written form as a scientific research paper. Therefore, this is an autoethnographic dissertation as well.

Keywords: autoethnography; researcher education; applied linguistics; postmodern science; identities, beliefs and emotions.

## SUMÁRIO

<b>1. VOCÊ ESTÁ AQUI.....</b>	<b>12</b>
<b>2. OS CAMINHOS QUE TRAZEM AQUI JÁ SÃO A PESQUISA.....</b>	<b>19</b>
Abertura.....	21
<b>3. A PESQUISA COMEÇANDO PELO <i>MEIO</i>.....</b>	<b>48</b>
Em deslocamento.....	54
<b>4. DO <i>MEIO</i> PARA O <i>FIM</i>.....</b>	<b>106</b>
Escrevendo.....	108
<b>5. ONDE E QUANDO VOCÊ ESTÁ AGORA.....</b>	<b>123</b>
A experiência.....	125
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>135</b>

# **1. VOCÊ ESTÁ AQUI**

...

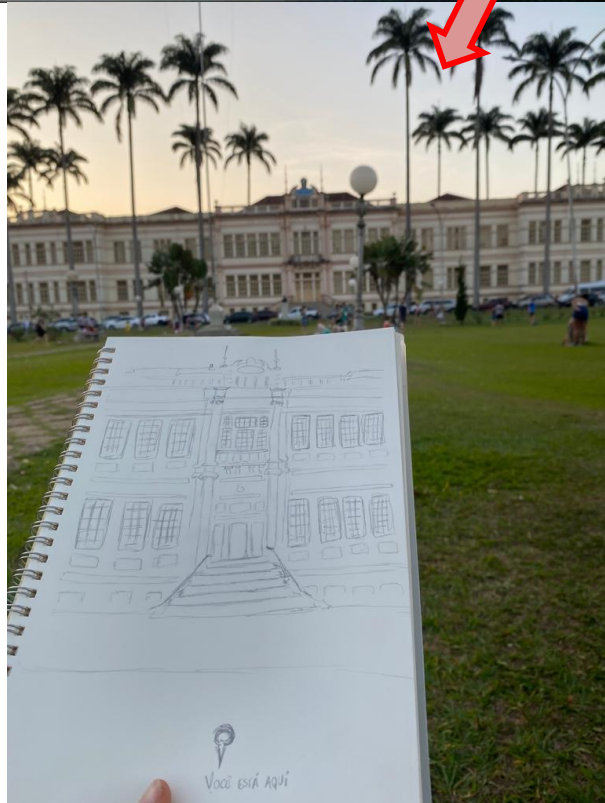
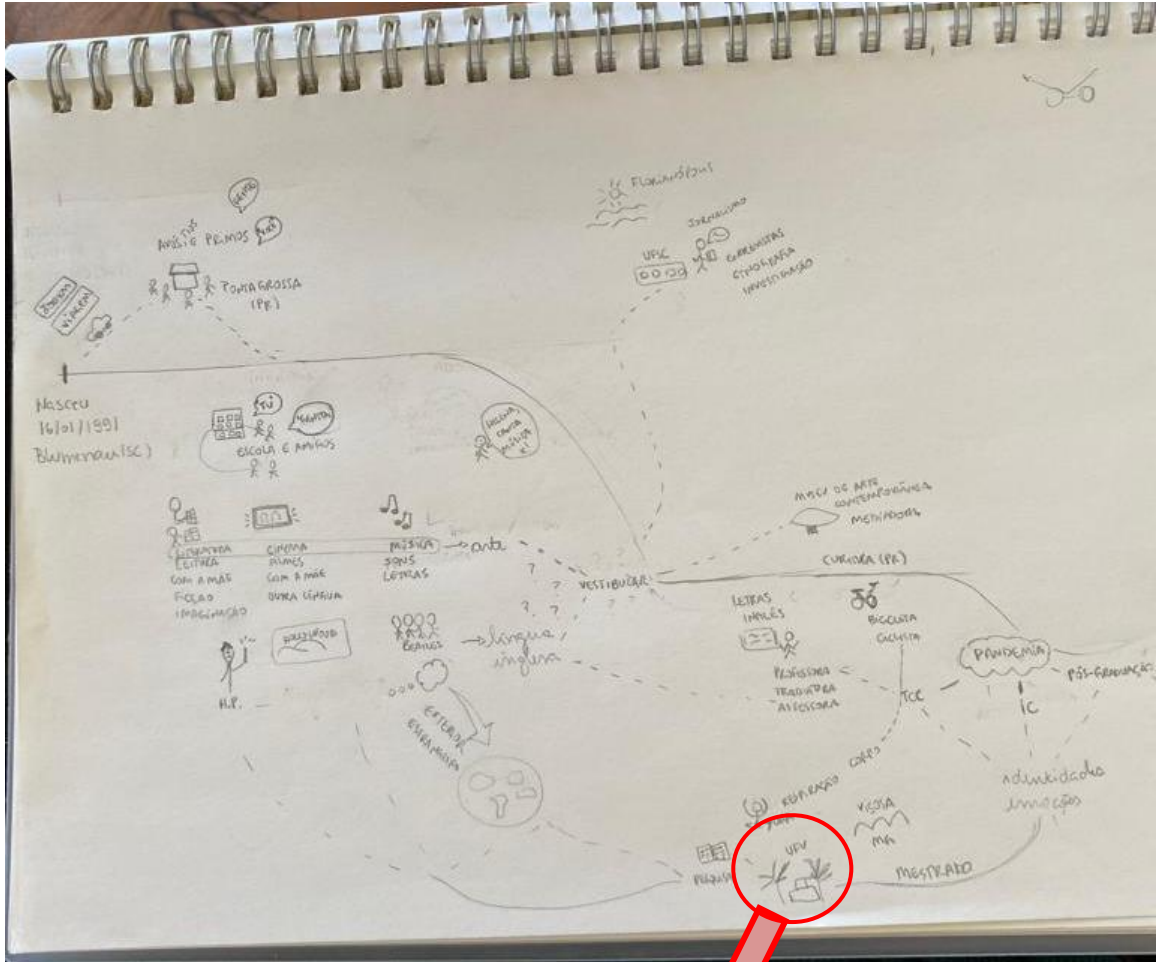


Imagem 1: Linha do tempo com destaque para a UFV, representada pela fotografia e desenho do prédio Arthur da Silva Bernardes em meu caderno.

Este é o “Bernadão”; nome popular do edifício Arthur da Silva Bernardes, político e advogado nascido em Viçosa, Zona da Mata Mineira, que foi presidente do Brasil entre 1922 e 1926. Arthur da Silva Bernardes decidiu durante seu mandato construir uma universidade em sua cidade de origem, fazendo nascer este edifício, frente ao qual você e eu estamos agora, mas que na época fundava especificamente a “Escola Superior de Agricultura e Veterinária”, hoje a Universidade Federal de Viçosa (UFV), pois, lembremos, você está no interior de Minas Gerais. Aqui, leite é ciência, leite é coisa séria. Bernardes tinha a intenção de modernizar os conhecimentos da época nessas áreas das ciências naturais, por isso, em negociação com o cônsul dos Estados Unidos, trouxeram de lá o agrônomo Peter Henry Rolfs, o “P. H. Rolfs”. Esse nome também é popular na região, pois ele está na avenida que conecta o eixo central do *campus* universitário ao centro da cidade.

O que se vê lá no centro urbano é diferente do que se vê aqui. Enquanto lá, sorveterias, imobiliárias, assistências técnicas, barbearias, lanchonetes, mercadinhos, oficinas, o comércio em geral, movimentam habitantes que circulam entre edifícios baixos colados uns aos outros, debruçados sobre ruas estreitas, sinuosas em uma tumultuosa e apertada paisagem urbana de interior, aqui estamos no plano, no horizonte amplo com jardins aparados e planejados de Jacarandás, Ipês, Paineiras, Pau-Brasil e várias outras espécies plantadas e floridas a cada ano que uma turma na universidade se forma, desde 1926. A UFV é uma universidade tradicional. Eleita entre os *campi* mais bonitos do Brasil e destaque em listas internacionais de pesquisas em ciências animais e veterinária, biologia, bioquímica e ciências ambientais, recebe fundos do governo federal e de parcerias que financiam cerca de 50 programas de pós-graduação *stricto sensu* – contando o *campus* Rio Paranaíba e o *campus* Florestal. Em Viçosa, são 13 nas Ciências Agrárias, 13 nas Ciências Biológicas e da Saúde, 11 nas Ciências Exatas e Tecnológicas e 7 nas Ciências Humanas, Letras e Artes.

Desse modo, todo ano, a UFV – e conseqüentemente Viçosa – atrai cerca de 2.723 pós-graduandos, entre mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos que veem na pesquisa científica – seja oportunidade de trabalho, seja inovação,

resolução de problemas, seja ensino, desenvolvimento, carreira, formação continuada, seja produção de conhecimento – inúmeros e diferentes propósitos. Cada um ao seu “modo” compõe com o seu “currículo” de vida os currículos acadêmicos de suas áreas, adicionam linhas às correntes teóricas afiliadas, com elas tecem a rede de suas comunidades de prática, que compõem a ciência e a universidade pública brasileira.

Assim, no programa de pós-graduação das ciências humanas, no mestrado de Letras, na linha da “Linguística Aplicada - formação de professores e ensino de línguas”, eu sou um ponto que pretende arrematar mais um nó nessa tecelagem. “*Quem sou eu no meio dessa trama?*” é uma pergunta que talvez você também se faça. De caráter filosófico, metafísico, político, sociológico, ou o que for, a questão é inesgotável. Por ser um questionamento e uma construção humana, pensar sobre identidade(s) também pode nos levar a pensar em linguagem, já que é através dela que construímos definições, sentidos e significados. Pensar produção e construção de identidade(s) pelo uso da linguagem (Moita Lopes, 2006) em suas relações sociais é, portanto, um dos propósitos da Linguística Aplicada (LA).

Nos estudos sobre identidades em LA, esse foco recebe bastante destaque nos contextos de ensino e aprendizagem de línguas. Com transformações nas concepções de “ensino” e de “língua” sendo desenvolvidas a partir de uma virada sociocultural na década de 1970, aspectos das dimensões do social e do contexto passaram a compor a maneira como sujeitos envolvidos com a linguagem – aprendizes e professores, nesse caso – são concebidos em suas identidades (Frank; Conceição, 2021). Significa que conforme a sociedade em que vivemos se complexifica – e vemos isso com a globalização, os movimentos migratórios, as emergências climáticas, as guerras, os avanços científicos e tecnológicos – certas “certezas” e crenças se desestabilizam, são provocadas. Assim também a maneira como nos comunicamos, sentimos e nos percebemos a “nós” mesmos e aos “outros”. Por isso também somos levados a outros contextos, outras relações, outras possíveis contingências na maneira como se constroem, se expressam e se negociam identidades – conceitualmente na “ciência” e corporalmente na

“realidade”. Em relação à LA contemporânea, estamos atravessando fronteiras epistemológicas; em relação aos contextos de ensino, estamos saindo para outras formas de “sala de aula”.

Estamos na pesquisa acadêmica, um mundo que pretende unir ciência e realidade. Por muito tempo, da posição de quem pesquisa, para habitar esse mundo, fez-se necessário uma postura neutra, imparcial, apagada. Cientistas dentro daquelas mesmas ciências naturais que fundaram a “Escola Superior de Agricultura e Veterinária” em Viçosa apoiavam-se no desenvolvimento da ciência moderna, acreditando que o uso de métodos com medições, divisões e classificações forneceria um entendimento fidedigno da realidade, já que estariam baseados em um modelo que prezava pela razão. Para eles, a validade das inferências lógicas era considerada independentemente das atitudes e preferências humanas. Isto é, o conhecimento, para ser aceito, seria objetivo e universal. A verdade era – e ainda continua sendo, dependendo da área de pesquisa – absoluta.

Contudo, das ciências naturais para as humanas na pós-modernidade, paradigmas dominantes baseados no modelo positivista da racionalidade vão sendo contestados (Santos, 2009). Nos estudos, sujeitos vão aos poucos ganhando corpo, etnias, raças, classes sociais, espaço, tempo e contradições. A verdade/conhecimento afasta-se então da ideia de um objeto absoluto que se alcança, para se aproximar das condições de espaço e tempo atravessadas por tradições, crenças, práticas sociais, rotinas, literaturas, alimentos, *smartphones*, bactérias, fungos, falhas tectônicas, constelações. Afinal, sujeitos são históricos, sociais e movidos por valores e emoções, como bem nos mostram Arthur Bernardes e o “Bernadão”. Portanto, não é de se estranhar o surgimento de outras formas de se relacionar com a construção de conhecimento nas ciências atualmente, como afirma Santos:

Hoje sabemos e suspeitamos que as nossas trajetórias de vida pessoais e coletivas (enquanto comunidades científicas) e os valores, as crenças e preconceitos que transportam são a prova íntima do nosso conhecimento, sem o qual as nossas investigações laboratoriais ou de arquivo, os nossos cálculos ou os nossos

trabalhos de campo constituiriam um emaranhado de diligências absurdas sem fio nem pavio. No entanto, este saber das nossas trajetórias e valores, do qual podemos ou não ter consciência, corre subterrânea e clandestinamente, nos pressupostos não-ditos do nosso discurso científico. (Santos, 2009, p. 84)

Por isso, percorrer “subterrânea e clandestinamente os pressupostos não-ditos” da pesquisa acadêmica olhando para as identidades interagindo com crenças e emoções em meu próprio percurso de formação como pesquisadora é o objetivo e a maneira com que escolho conduzir o mestrado na Universidade Federal de Viçosa, Departamento de Letras, na Linguística Aplicada. Entre março de 2022 e março de 2024, componho com esse espaço um currículo, um caminho, que me faz perguntar e prosseguir: *Como identidades, crenças e emoções constroem o sujeito que me torna pesquisadora na Linguística Aplicada contemporânea?* Aqui, você está em uma pesquisa autoetnográfica.

Portanto, ela se baseia nas perspectivas pós-modernas de um paradigma emergente (Santos, 2009) na ciência para se conceber e se “produzir conhecimento”. A metodologia, o caminho, é outro. Nesta pesquisa, eu escrevo a partir da experiência pessoal para analisar uma experiência coletiva e cultural (Jones; Adams; Ellis, 2016) que é a prática científica e a formação de uma pesquisadora qualitativa brasileira na área das linguagens. Para isso, acompanho *como* os fenômenos sociais das identidades, crenças e emoções se relacionam e se manifestam nas vivências de minha trajetória. Aqui, não estou interessada em classificações e tipologias, como alguns estudos em LA fazem; aqui, meu olhar autoetnográfico é para o meio: a travessia.

Nesse caminho, vou com meu corpo, acompanhada de memórias, observações e diversos objetos. Entre anotações em cadernos de aula, diários de campo e pessoal, além de conversas, leituras, sons, fotografias e *insights*, também busco observar sobre qual contexto da LA brasileira contemporânea se revela quando acompanho o desenvolvimento de *meu pesquisar* por esse campo científico. Reflito sobre os fios que me tecem nessa rede, pois falar de mim é falar de pesquisa científica, de Linguística Aplicada, de linguagens, de ensino, de

universidade, de formação, de família, de amizades, de encontros e de muitas coisas outras mais.

Além disso, à medida que meus passos se deslocam, experimento nesse pesquisar a autoetnografia como processo teórico-metodológico, buscando compreender como se dá esse processo que altera paradigmas no “fazer ciência” contemporâneo para se tornar pesquisa e ser *apresentada* como uma. Aqui, você não está em uma dissertação tradicional. Aqui, a autoetnografia é apresentada em sua forma escrita, performática, como um projeto estético de pesquisa (Jones; Adams; Ellis, 2016) e que encontra inspiração e afinidade no “inventário” de Nishimura (2018) apresentado em sua tese de doutorado. Por isso, não há divisões entre “referencial teórico”, “análise de dados” e “considerações finais”, por exemplo. Este trabalho está dividido em seções que contêm elas mesmas as teorias, as perguntas, as interpretações e reflexões que cada parte do caminho me suscita. Às vezes em caráter mais narrativo, às vezes em tom mais ensaístico, a linguagem vai se alterando, sem enrijecer em uma estrutura só. A autoetnografia é, também, um encontro com a própria voz.

Aqui, deixo o convite aberto para você me acompanhar. Se quiser seguir ouvindo um som, você pode comigo dar um *play*<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> “In the mood for re/search” é uma *playlist* de título em inglês com canções (a maioria) brasileiras, que criei com as minhas referências e ouvi enquanto seguia com a autoetnografia no mestrado em Viçosa (MG).

Disponível em: <https://open.spotify.com/playlist/3sgfr88bKKN4oqfahnwKPk?si=e1c45376aede4a4d>. É assim que eu caminho, é assim que eu pesquiso.

**2. OS CAMINHOS QUE TRAZEM AQUI  
JÁ SÃO A PESQUISA**

...



Imagem 2: Estrada mineira vista pelo ônibus a caminho de Viçosa.

## ABERTURA

“Se você abrir uma pessoa, irá achar paisagens; se me abrir, irá achar praias”, fala a cineasta Agnès Varda para a câmera, desviando de algas e de um vento litorâneo enquanto caminha seus pés descalços sobre a faixa extensa de areia em alguma praia do Mar do Norte na Bélgica, antes de ali dispor, com assistência de sua equipe, alguns vários espelhos. Recordo a cena de abertura de seu documentário mais autobiográfico<sup>2</sup> quando recebo no celular, na última olhada antes de dormir em uma terça-feira à noite, a mensagem de Roberta – uma amiga artista do sul – me mostrando a Baía de Guanabara. Não é por uma foto turística ou imagem reproduzida, no entanto, que a orla carioca a quilômetros de distância de repente aparece em meu quarto em Viçosa, Minas Gerais. Mas é a música por ela enviada, na letra de Caetano Veloso<sup>3</sup>, que então vem colorir minha noite, a iluminar os meus sonhos depois de um dia de final de agosto muito,  *muito* nublado.

Eu vinha tendo dificuldades para escrever. Havia chegado naquela etapa robusta e combusta da pesquisa da pós-graduação que possivelmente muitas pessoas “exploratórias” e “qualitativas” vivem em seus estudos. Encontrava-me inflada de dados gerados, de leituras fichadas, dezenas de arquivos no Word começados e pela metade (outras dezenas no *google docs*), *power points* com anotações esquematizadas para a orientadora, transcrições de diários impressas e sublinhadas, muitas frases destacadas com setas puxando balões que içavam uma mente pulsando intensamente tentando organizar um presente que puxava o futuro, mesclando-se ao passado. Com respiração curta e acelerada, meu diafragma não acompanhava tamanha combustão; sentia que a qualquer atrito poderia estourar. Quando estamos embaralhadas em meio a tantas abas abertas na vida da pesquisa acadêmica, a sensação é de que temos tudo e que não temos nada. Os papéis pendiam da mesa para o chão, o vento outonal desordenava

---

<sup>2</sup> AS PRAIAS de Agnès. Direção de Agnès Varda. Produção de Agnès Varda. França: Ciné-Tamaris, 2008.1 Video DV (110 min.).

<sup>3</sup> VELOSO, CAETANO. **O estrangeiro**. Brasil: Philips, 1989. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=uIMZLr7LXVE&ab\\_channel=CaetanoVeloso-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=uIMZLr7LXVE&ab_channel=CaetanoVeloso-Topic)>.

cronogramas e *post-its* adesivados na parede, as portas dos armários escancaradas, as roupas sujas emboladas, os cantos do banheiro e do *box* encardidos e empoeirados. Como fazer para organizar esse balão?

Particularmente, havia um outro tipo de pressão que também tornava meu ar mais comprimido. Eu não conseguia encontrar distância no tempo e no espaço aos quais me via envolta para ver em um grande quadro o cenário e poder enxergar colorido os matizes, as tonalidades, o dourado, o azul, o verde em meus dados, já que “o papel da distância – concebida como estranhamento, até mesmo exílio (Wang 2004, 135) – é crucial na percepção estética.” (Pinar, 2011, p. 102, tradução minha). Estávamos muito colados, porque de uma maneira um pouco mais *perigosa*, nesta pesquisa que me arrisco a abrir para você agora, os dados são *eu*; e as emoções, em um momento de abertura – nesse primeiro encontro –, às vezes não colaboram: “(...) quando estamos sob determinada emoção, há coisas que podemos fazer e coisas que não podemos fazer, e que aceitamos como válidos certos argumentos que não aceitaríamos sob outra emoção.” (Maturana, 2005, p. 15). A insegurança em causar uma boa impressão e de ter o julgamento do outro aprovado bate forte nessas horas e quase me paralisa a não sair de casa.

Estou em uma pesquisa autoetnográfica. A autoetnografia é um caminho teórico-metodológico que busca pela análise e descrição da experiência pessoal compreender sistematicamente a experiência cultural e social de um fenômeno (Ellis, 2004; Doloriert; Sambrook, 2009; Adams; Jones; Ellis, 2016). Ela deriva da etnografia, método originado na Antropologia, que pressupõe a imersão do pesquisador em um campo para realizar a descrição/representação (“grafia”) de uma cultura, grupo ou comunidade (“etno”). Através da observação direta e participante, o etnógrafo tem como objetivo estudar uma determinada realidade social e cultural, compartilhando a experiência vivenciada pelo *outro* a partir da relação de intersubjetividade que com ele estabelece (Clifford, 1998). Assim, a etnografia é tanto o desenvolvimento dessa relação no campo como é também a sua descrição e interpretação em forma escrita. Nesse sentido, a etnografia é *método* ao mesmo tempo que é o *fim* (Ellis, 2004).

No entanto, nessa via metodológica, o pesquisador será sempre alguém “de fora”; alguém que, vindo de outra cultura, baseia sua interpretação em seus próprios valores, assim como as próprias teorias com as quais se alinha também carregam os delas (Denzin, 2002). Desse modo, naquele que seria o texto tradicional da etnografia – embora escrito em estilo neutro, objetivo e em terceira pessoa –, seria a voz do pesquisador a vir à tona, e não a de seus participantes (Allen-Collinson, 2016). A habilidade de representar *o outro* começa então a ser questionada por etnógrafos pós-modernos e pós-estruturalistas em um período nos anos 1980 que ficou conhecido como “crise de representação” (Denzin, 2002; Adams; Jones; Ellis, 2016). A partir daí, a etnografia vem sendo experimentada em diferentes estilos de escrita e incorporando outras concepções de ética e abordagem que busquem inovar na possibilidade de representação de sujeitos e legitimação de autoria, sendo a *autoetnografia* uma dessas variantes.

Desde 1978, quando o termo “autoetnografia” apareceu pela primeira vez no título de uma publicação do antropólogo David Hayano (*Auto-Ethnography: Paradigms, Problems, and Prospects*), esse viés vem sendo escolhido e desenvolvido por pesquisadores de diferentes disciplinas do conhecimento – como mostram os exemplos mencionados por Cooper e Lilyea (2022) –, incluindo as Letras e a Linguística Aplicada (Ono, 2017; Assis, 2018; Tonin, 2018; Nogueira, 2019; Merlo, 2022), sendo por eles adaptado a depender de seus contextos e objetivos. Embora “não exista um manual de procedimentos” (Ono, 2017, p. 44), uma vez que os dados “emergem das situações vivenciadas” (Ono, 2017, p. 96) ao invés de serem gerados, a maneira como a autoetnografia é aplicada varia no espectro que se estende entre a pesquisa narrativa e pesquisa etnográfica. Da primeira, ela emprega características do gênero autobiográfico e narrativas de vida (Reichmann; Romero, 2019), enquanto que da segunda herda a imersão no campo de modo que observação e interpretação em relação ao contexto social sejam desenvolvidas.

Embora escritas pessoais possam ser consideradas observações de uma cultura, há características complementares que distinguem a autoetnografia de outros trabalhos pessoais. Elas incluem: “(1) comentar/criticar

propositadamente uma cultura e as práticas culturais, (2) contribuir para a pesquisa existente, (3) abraçar a vulnerabilidade com propósito e (4) criar um relacionamento recíproco com o público a fim de incitar uma resposta.” (Jones; Adams; Ellis, 2016, p. 22, tradução minha). Isso convoca pesquisadoras e pesquisadores a colocarem-se em uma outra posição na relação com eles próprios, com o mundo, com a ciência e com a produção de conhecimento. Carolyn Ellis, acadêmica norte-americana na área da Comunicação e uma das precursoras a sistematizar autoetnografia como metodologia de pesquisa, escreve na introdução do manual que lançou com outras e outros autoetnógrafos:

Para a maioria de nós, autoetnografia não é simplesmente uma maneira de conhecer sobre o mundo; ela se tornou uma maneira de estar no mundo, que requer viver conscientemente, emocionalmente e reflexivamente. Ela pede que nós não apenas examinemos nossas vidas, mas que também consideremos como e por que pensamos, agimos e sentimos da maneira que fazemos. Autoetnografia requer que desafie nossas próprias suposições, questionando repetidamente se penetramos as tantas camadas de nossas defesas, medos e inseguranças quanto nosso projeto requer. Ela pede que pensemos e revisemos nossas vidas, tomando decisões conscientes sobre quem e como queremos ser. (Ellis, 2016, p. 10, tradução minha)

Pela reflexão acima, posso ver que a autoetnografia se torna para seus seguidores algo mais do que um método; ela é uma perspectiva e um processo de aprendizagem (Ono, 2017). É uma maneira de não apenas investigar *sobre* o mundo, mas de com ele se relacionar como um “participante” (Ellis, 2004), visto que a “corporalização” (*embodiment*) é o seu grande foco (Allen-Collinson, 2016). Por isso, eu a assumo como um tipo de pesquisa incorporada e situada (Haraway, 1995), de onde o sujeito pesquisador coloca-se a observar a si mesmo enquanto investiga, sendo ele próprio “o pesquisado”.

Desse modo, os dados são de auto-observação e de autorreflexão e podem ser obtidos durante a imersão no estudo por meio de anotações, questionamentos, memórias e sentimentos anotados em diários de campo, por exemplo. Também podem vir de suportes externos ao estudo propriamente dito, como registros pessoais em fotografias, cartas (hoje em dia mais provável *e-mails* e mensagens

de *Whatsapp*), diários antigos, outros tipos de materiais e memória (Cooper; Lilyea, 2022). Apoiando-se em um paradigma pós-moderno de concepção de ciência e produção de conhecimento (Santos, 2009), a pesquisa autoetnográfica carrega, portanto, um alto grau de subjetividade.

Não tinha sido esse meu objetivo quando submeti uma proposta de projeto ao edital do mestrado em Estudos Linguísticos e Linguística Aplicada (LA) do departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa. A intenção era dar continuidade ao estudo que havia conduzido no trabalho de conclusão de curso de licenciatura em Letras Inglês na Universidade Federal do Paraná (UFPR) durante o ano de 2021 por meio de outras vias metodológicas, como entrevistas e narrativas, que pudessem me auxiliar na investigação com participantes que não seriam eu própria. Seriam professoras de línguas, e o foco do estudo, as identidades de professoras ciclistas.

Falar de identidades é complexo. A busca pela compreensão de quem somos e qual (quais) posição (posições) ocupamos no mundo, que possa nos garantir um senso de pertencimento social, é um assunto que intriga os humanos e por isso interessa diversas áreas das ciências sociais e humanas. Acompanhando as mudanças constantes, estruturais e institucionais que perpassam a modernidade e a pós-modernidade, os conceitos de “identidade(s)” se mantêm igualmente em reformulação pelas áreas como as da Sociologia, Filosofia, Psicologia, Antropologia e Estudos Culturais. Em comum entre as concepções atuais, no entanto, podemos assinalar o seu caráter social, relacional e a estreita dependência que possui com a linguagem: “O artefato simbólico presente na linguagem garante ao indivíduo a oportunidade de construir o mundo e suas relações sociais, e é nessa conjuntura que se forma a identidade” (Frank; Conceição, 2021, p. 14).

Portanto, é um tópico profícuo que se mantém em construção no campo da LA (Frank; Conceição, 2021). No contexto de ensino e aprendizagem de línguas, o tema começou a ganhar centralidade nos estudos a partir da mudança nas concepções do ensino como apenas a aplicação de um método e de uma língua como algo que se “adquire”, para uma compreensão da língua como prática social,

em seu uso real, e o contato que o aprendiz tem com a língua/cultura diferente, o que faz serem incluídos domínios contextuais e sociais nesse processo (Johnson; Golombek, 2002). Sujeitos, assim, passam a ganhar dimensões que os incorporam a uma rede no modo de construírem significados para si e para seu entorno. Conforme Bonny Norton, autora referência nos estudos sobre identidades na LA e ensino e aprendizagem de línguas: “Uso o termo identidade para fazer referência a como uma pessoa entende sua relação com o mundo, como essa relação é construída ao longo do tempo e do espaço e como a pessoa entende as possibilidades para o futuro” (Norton, 2013, p. 4, tradução minha). Nessa compreensão, identidade, assim como a linguagem, não é algo que simplesmente se adquire, como se estivesse pronta, mas é uma construção contingente, que oscila e está sempre em processo (Silva T., 2014).

Estar em um curso de licenciatura em Letras Inglês me fez refletir sobre algo que me incomodava há um bom tempo, mas sobre o qual eu nunca havia parado para pensar conceitualmente e cientificamente antes. Embora inquietações a respeito de “como me definir” e “como me encaixar” viessem inconscientemente desde a época da infância, foi – aos 30 anos de idade – com a entrada como aluna especial na disciplina da pós-graduação chamada “Agência, identidade e discurso” que acredito ter acontecido o *encontro* sistematizado (e talvez mais consciente) de “eu” com as identidades.

O convite veio pelo professor, que era também o orientador na pesquisa de Iniciação Científica da qual eu fazia parte. Pesquisávamos, a partir de nosso contexto público universitário, as percepções de docentes de Letras Estrangeiras formadores de professores de línguas a respeito de suas rotinas de trabalho e bem-estar, tendo como base o apoio teórico dos estudos das emoções, outro tema que vinha (e continua) ganhando espaço na Linguística Aplicada (Barcelos *et al.*, 2022). Interagindo com o social e a cognição, colorindo nossas percepções e influenciando nossas ações (Barcelos, 2015), as emoções, na área de ensino de línguas, começaram a aparecer (Aragão, 2007; Benesch, 2012).

Por isso, identidades vieram para mim junto às emoções, e isso se reflete não apenas na pluralidade de conceitos e complexidade para se definir e acessar

o construto, como também se mostraram mútuas na maneira como passo a compreendê-las da teoria para a minha vivência. Em emoção (*emovere*) está movimento. Aquilo que nos impele, que elaboramos pelos sentidos, que resulta de percepções/avaliações (Barcelos, 2015) e que nos coloca a agir (Maturana, 2005). Agimos em comunidade; em contexto sócio-histórico, por onde nossas relações nos constituem como sujeitos, que, em constante transformação, assumem diferentes papéis sociais e identidades (Hall, 2006; Silva T., 2014). Nesse fluxo, pelo discurso, vamos negociando agência (Norton, 2013), construindo sentido (Jordão, 2005) e tornando-nos – em um vai e vem – outros: estamos em *deslocamento*.

No deslocamento urbano pelas ruas da cidade, meu olhar é mais alto que minha estatura. Ele é móvel, leve, equilibrado, sensível, atento, periférico, arejado. Nas ruas da cidade, meu olhar fala. Comunica a minha direção, assim como também comunicam meu dedo, meu braço, minha perna e minha mão. Pelas ruas da cidade eu sinto que meu olhar por sobre duas rodas voa, mas que quando precisa, ele apoia o pé no chão. Porque meu olhar tem corpo (Harding, 2015). Ele é espaço-com outros espaços, compõe a paisagem, ele é o meio, porque não há fora e não há dentro, nas ruas da cidade meu corpo é transição. A escolha antes de sair de casa pelo modo bicicleta de me deslocar, quando eu morava em Curitiba no Paraná, despertou em mim a percepção para esse outro olhar (Hempkemeyer, 2017), a corpos outros, que são presentes, vistos, atingidos ou desviados. Também despertam pelo meu corpo todos os sentidos (Cervio, 2015); ele atravessa todas as estações, no contrafluxo os quilômetros por ele são calculados diferente e no contratempo vai à margem, sem deixar de reclamar sua posição.

Foi da posição **ciclista** – de dentro do apartamento em Curitiba – que então me apresentei na primeira aula de “Agência, identidade e discurso” quando foi meu o rosto a se esticar e preencher a tela inteira do *Zoom*. Era início de 2021, final da graduação, e eu estava afastada do movimento das ruas e dos encontros cotidianos, suspensa por uma outra concepção de espaço e tempo que só um ser-outro-de-nós humanos nos consegue forçar a ter. Quando se vive uma pandemia contagiada por um vírus, inédita, solitária e em isolamento, somos “reduzidos ao

nosso passado e, ainda que alguém fosse tentado a viver no futuro, logo renunciava, ao experimentar as feridas que a imaginação finalmente inflige ao que nela confiam” (Camus, 2017, posição 828), era o que eu sentia na vida real e assustadoramente coincidia com o absurdo da ficção de *A Peste*, escrita em 1947 na Argélia, por Albert Camus. Assim, deslocada pela contingência daquele momento, não foi com o estudo, não foi com o trabalho – como geralmente as pessoas escolhem – mas com aquilo que me colocava em movimento, a emoção, que me identifiquei.

O contexto teve sua parte. Tendo vivido por sete anos no ritmo acelerado da capital paranaense, de fluxo intenso de trânsito, longas distâncias, transporte público caro, parques urbanos planejados, rotas de ciclovia disponíveis no centro da cidade, que também tem na política municipal um apelo pelo *marketing* de “cidade sustentável” e como contraponto na vida real um movimento cicloativista que é presente e atuante, favoreceu ao meu corpo de escala humana experimentar – e conectar com – um outro modo de circular. Isso fez despertar um olhar para fora refletido do olhar para mim mesma e das escolhas de meus hábitos e atitudes, algo que Olekszechen *et al.* (2019) também relacionaram à cognição ambiental. O pedalar se tornara para mim um encontro com identidades, assim como o foi para outra ciclista de quem me aproximo agora, mestra e doutoranda em Educação: “O pedalar se transforma em atividade estética, educativa, pedagógica, que vibra, subjetiva e modifica ambientes e pessoa” (Hempkemeyer, 2017, p. 3). Curiosa sobre se conceitualmente haveria para ciclistas uma identidade, busquei leituras. Encontrei o construto assim nomeado em estudos sociológicos sobre “identidades de transporte” (Aldred, 2013); localizado como “identidade de lugar” na psicologia ambiental (Olekszechen, 2016); e, não assim nomeada, mas também muito presente, em pesquisas que traziam questões de gênero para discussões de planejamento e mobilidade urbana (Harkot, 2018).

Desse modo, compreendendo que identidades são dinâmicas e assumem seu caráter múltiplo conforme a sociedade na era da pós-modernidade se transforma e se complexifica (Hall, 2014), ao senti-las pelas leituras das aulas e da iniciação científica remexendo essas questões dentro de mim em um período

da história planetária bastante complexo, levei a reverberação para o trabalho de conclusão de curso. Minha questão estava na relação que poderia haver entre as identidades de professoras e identidades *outras* que as constituem e interagem em suas “agências” e “investimentos” (Norton, 2013) no contexto urbano contemporâneo. Uma vez que interseccionalidades com identidades sociais de raça (Ferreira, 2015), classe (Dias; Mastrella-De-Andrade, 2015), gênero e sexualidade (Nelson, 2015; Louro, 2000) vinham aparecendo nos estudos sobre identidades em contextos de ensino e aprendizagem de línguas, meu interesse estava na possibilidade de haver na construção da identidade docente de professoras de línguas um encontro com a identidade ciclista.

Por isso, busquei com outras professoras que também se identificavam como ciclistas compreender os seus percursos com essa relação. Queria saber como as percepções de si a partir das posições que assumiam refletiam em suas práticas – dentro e fora da sala de aula –, o modo como entendem ensino, língua e a relação com estudantes. Sem perceber, na época, eu já estava também acessando noções de crenças de professores, já que essas podem ser acionadas a depender do contexto e posições que ocupam, influenciando em suas identidades (Barcelos, 2017). Além disso, crenças exercem papel fundamental na tomada de decisão em sala de aula, moldando as práticas (Barcelos, 2006; Borg, 2017) e influenciando na interpretação de novas informações, experiências (Borg, 2017) e “auto-conceito da pessoa e/ou a maneira como ela interpreta seu próprio comportamento” (Furham, 1988, p. 11 *apud* Barcelos, 2013, p. 158).

Como ainda vivíamos um isolamento social ao final de 2021 devido ao prolongamento da pandemia COVID-19, não pude pedalar com as participantes como eu gostaria de ter feito para mobilizar nossas entrevistas. Por isso, foi por encontros virtuais que escutei nos relatos percepções de autonomia, resistência, liberdade, comunidades, afetos, alegria, autoestima, conexões – em relação a estudantes, à língua e à cidade –, todas de algum modo compoendo as suas identidades (Stürmer, 2023). Mais abertas do que fechadas, as perguntas despertaram em suas memórias encontros afetivos, situações, trajetórias de vida e histórias, que, mesmo sendo contadas em entrevistas, acabaram chegando para

mim – a “entrevistadora”, a “interlocutora”, a “leitora” – desenhadas em forma de narrativas: “o ato de contar histórias atualiza e produz dispositivos de inscrição para a memória. [...] As narrativas nos ajudam a redigir a partir de múltiplas fontes, auxiliando-nos a entendê-las e organizá-las de maneira que possam ser compartilhadas com quem as lê” (Galindo, Martins e Rodrigues, 2014, p. 297).

Ao escutá-las – “ler” o que narravam – sobre suas próprias conexões e experiências passadas, buscando na infância, adolescência e juventude o percurso que as fizeram encontrar com as bicicletas e com as línguas estrangeiras, a conexão comigo também foi ativada. Hoje, revisitando esse estudo enquanto escrevo sobre ele aqui, revejo e desvendo para mim outros pontos de identificação à medida que também sou cada vez mais levada ao passado pela minha memória, já que “a beleza de uma autoetnografia é deixar que as histórias tenham a possibilidade de fluir dentro do texto e que uma lembrança vá desencadeando a outra” (Tonin, 2018, p. 18-19). Além da bicicleta, ler e aprender uma língua estrangeira, duas décadas antes, também haviam mexido com a minha identidade.

A leitura é um hábito e um gosto que começou cedo. Desde nova, ainda antes de estar alfabetizada, minha mãe lia comigo na cama – e mais tarde também com meu irmão – antes de dormir. Mesmo morando em outra cidade, com uma tia pedagoga e um tio que trabalhava viajando como representante da editora Ática, livros infantis e infantojuvenis tiveram entrada fácil pela porta de casa. Assim, foram chegando *Falta um parafuso na cabeça do robô*, de Marcus Cardelíquio, *Sabe de quem era aquele rabinho?* e *Sabe o que a girafa espiou?*, de Elza César Sallut da editora Scipione e *Di-Versos alemães*, livro de poesia de autores estrangeiros, organizados e traduzidos em uma coleção pela escritora Tatiana Belinky, nascida na Rússia, mas que chegou ao Brasil em 1929 aos dez anos de idade; aqui, construiu família e sua literatura. Nas páginas iniciais de apresentação, ela conta:

Chegando ao Brasil, logo comecei a falar e a ler em português. Depois aprendi inglês e francês, de tanta vontade de conhecer livros e poesias dessas línguas. Poder ler e entender coisas bonitas em vários idiomas é um grande prazer, podem crer! E como eu queria muito – e ainda quero – repartir com as crianças brasileiras as alegrias e as emoções das amadas leituras poéticas, comecei a traduzir as preferidas da minha própria infância e adolescência. E foi assim que nasceu a série *Di-Versos*, da qual este livro é o terceiro – mas não o último... (Belinky, 1993, s.p.)

E quantas coisas bonitas passei a ver na vida com poesia. Belinky me apresentou de sua infância em São Petersburgo versos que se tornaram, cerca de 70 anos depois, os mais repetidos por mim em Blumenau (SC) na minha própria infância, de tanto que os lia, estavam sempre comigo, recitando-os de cor, segundo a minha mãe.<sup>4</sup> Dela, eu volto a receber hoje o livro, enviado em forma de foto pelo celular, e por isso não consigo tocá-lo em suas páginas soltas, seus

---

<sup>4</sup> O meu poema favorito e decorado era o primeiro do livro. Chama-se “Encontrada”, de Johann Wolfgang von Goethe. (Sim! O famoso Goethe, importante escritor do Romantismo alemão e autor de *Fausto*, tem poemas infantis escritos, e eu só descobri isso agora, surpresa quando revi o livro). Trago ele abaixo na tradução para você:

Eu fui ao bosque  
A passear,  
Andar à toa,  
Vagabundear.

Eu vi na sombra  
Pequena flor,  
Qual estrelinha  
De linda cor.

Quis arrancá-la,  
E ela falou:  
– Queres que eu murche  
Sem Sol e amor?

Desenterrei-a  
Com a raiz,  
E para casa  
Voltei feliz.

Plantei-a logo  
No meu jardim,  
E ela floresce  
Junto de mim.

pequenos pedaços rasgados, suas pontas orelhadas e sentir nele a falta da [perdida] capa. Um corpo imprime sua presença no outro; o tempo e o espaço, sem deixar esconderem sua marca, me retornam na imagem e na memória, com um misto de saudade, de um retorno ao coração, uma recordação que eu não sabia existir, que faz meus olhos sorrirem e a garganta marejar. A escrita/pesquisa, que estava confuso neste momento de saber para onde conduzir, desenrola. Na literatura, sim, há muitos anos eu encontro fio...Presentemente e cotidianamente, um meio de conectar. Gostar de ler não é um hábito, para mim é sempre um encontrar...Por que será?

Vigotski (1999) diria que a arte tem contribuições para o desenvolvimento humano; que ela exprime através de uma obra – um livro, uma pintura, uma peça de teatro, uma escultura, uma música, um filme – características psicológicas complexas da sociedade que lhe dá origem, ao mesmo tempo em que possibilita a apropriação dessas características de quem dela é fruidor/fruidora. Ao objetivar e suscitar emoções que podem ser contraditórias em indivíduos, uma transformação de sentimentos e de consciência pode ocorrer se elas forem superadas em uma nova organização psicológica, processo esse conhecido por catarse. Além disso, pela arte “o homem pode se apropriar do que já foi vivido, constituindo-se em forma de conhecer a si e ao mundo” (Barroco; Superti, 2014, p. 24).

Fui, naturalmente, buscando esse lugar. Não sendo uma criança extrovertida, eu estava diariamente entre os livros, o que certa vez deve ter despertado o interesse de uma professora a me convidar para um concurso de leitura. Precisávamos ler um conto em voz alta para os jurados avaliarem, eu não lembro qual conto era, mas sei que fiquei em último lugar depois de ter “morrido” de vergonha de participar do evento. Eu não queria estar ali lendo em voz alta, porque não era ler em voz alta para os outros o que me atraía na literatura. Era eu lendo comigo mesma (ou com uma irmã-amiga, que compõe minha história com a memória dela, dizendo que fui eu a ensiná-la a ler quando éramos bem novas).

Era eu, comigo mesma, desvendando os livros como os de Agatha Christie e todos os que havia disponíveis na biblioteca da escola da série brasileira “Vagalume”, lançada na década de 1970, mas que até então naqueles finais de 1990/início dos anos 2000 atraía pré-adolescentes como eu que gostavam de suspenses e aventuras. Por isso, quando Harry Potter chegou da Inglaterra foi um marco para mim – e para muitos de minha geração –, sendo a sequência mais longa que provavelmente eu devo ter lido. Naqueles livros, eu via uma forma de me encontrar, porque ali nas histórias, o Harry crescia no mesmo tempo que eu, seguíamos os anos com a mesma idade e as mesmas transições para a adolescência, as dúvidas, as amizades, os estudos e os conflitos, apesar de estarmos em espaços muito diferentes.

Segundo Vigotski (1999, p. 308), a arte “recolhe da vida o seu material”, estando intrinsecamente ligada às relações sociais de determinada época, sendo um “meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo” (Fischer, 1976, p. 13) e refletindo “a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias” (Fischer, 1976, p. 13).

A arte é o social em nós, e se o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que suas raízes e essência sejam individuais. ... O social existe até onde há apenas um homem e as suas emoções. ... A refundição das emoções fora de nós realiza-se por força de um sentimento social que foi objetivado, levado para fora de nós, materializado e fixado nos objetos externos da arte, que se tornaram instrumento da sociedade. (Vigotski, 1999, p. 315)

Para o autor, a arte altera o humor imediato dos indivíduos, propicia nova organização psíquica e objetiva sentimentos e outras potencialidades humanas. Por isso, ao se produzi-la e ao dela nos apropriarmos, funções psicológicas dos sujeitos também são formadas e desenvolvidas (Barroco; Superti, 2014), pois não basta a nossa capacidade visual, mas é preciso que se aprenda a “ler” o mundo: “Nesse sentido, a arte literária, por exemplo, não somente estimula o decifrar dos signos, mas veicula significados, oferece ao leitor elementos para que faça novas composições, novas objetivações” (Barroco; Superti, 2014, p. 25). Nesse processo

de objetivação e apropriação, nossas capacidades humanas tanto biológicas quanto culturais são sintetizadas, possibilitando a transformação de nossa ação na realidade.

Assim, buscando histórias nas ficções dos livros, encontro-me **leitora** do sentir, do pensar, do criar, do ouvir, do viver. Também com outras linguagens, não apenas a literatura, na arte tenho meu exílio, meu estrangeiro. E “entender coisas bonitas em vários idiomas” em minha vida acabou vindo com ela; e, como disse Belinky, foi (é) um grande prazer!

Difícil especificar como e quando o inglês entrou na minha vida. Não foi por uma imposição, não foi para ser um instrumento, nem foi por motivos externos mercadológicos. Arrisco dizer que possivelmente meu *encontro* com o inglês tenha sido pela cultura – e pelo cheiro do produto químico aplicado no bolor que as fitas VHS deixavam nos aparelhos da videolocadora. Eu era criança, devia ter uns oito ou nove anos. Aquele cheiro ia da videolocadora para minha casa, junto com os encartes de capas xerocadas em preto e branco dos filmes que minha mãe (novamente ela) gostava de alugar – sempre legendados. Como eu assistia junto, digo que meu encontro com a língua estrangeira, no caso a língua inglesa, foi pelo cinema, “a sétima arte”. Foi pelo som dos diálogos que a mim chegavam e nada se pareciam com o que eu lia nas letras amarelas que se alteravam rápido; foi por acompanhar Meg Ryan, Tom Hanks, Robin Williams trocando *e-mails* de amor, contando histórias do passado e se vestindo de babá para se aproximar dos filhos que eu desenvolvi curiosidade para “decodificar” aquelas palavras que eu ouvia em minha casa pelo autofalante da televisão. Embora ainda naquela época não compreendesse tudo lendo, o som, as palavras, entravam em mim. Por isso também não sei dizer o que veio primeiro, se foi a língua ou se foram os filmes – ou, ainda, se foi involuntariamente minha mãe (que, inclusive, até hoje tem o sonho de aprender inglês)!

O fato é que dos primeiros contatos com cinema *hollywoodiano* eu desenvolvi muito gosto por Cinema e que do inglês norte-americano eu desenvolvi

muito o gosto por Línguas.<sup>5</sup> Pelas palavras, pelo seu poder de criação, pelos significados, pelos sons. Música, assim, também se mostra fundamental em como me constituo em relação com o mundo. À medida que vou amadurecendo e vivenciando novos encontros e experiências, com ela vou acessando e sendo acessada em outros níveis de sensibilidades, de expressão, criação de imagens, elaboração de pensamentos, emoções (Vigotski, 1999). O meu encontro com a música começou a se desenvolver entre a pré-adolescência e adolescência e trouxe junto a curiosidade e o aprendizado da língua inglesa. Outras pessoas também relatam terem sido atraídas por línguas estrangeiras dessa forma. Assis (2018), em autoetnografia sobre sua relação com o espanhol, conta como foi o afeto despertado quando ouviu na novela *Torre de Babel*, que teve grande projeção no Brasil em 1998, a música “Corazón partío”, de Alejandro Sanz:

Cantando “Corazón partío” e dançando sozinha, eu imaginava cenas românticas, afinal, era adolescente e, como tal, tinha minhas idealizações e, vendo novelas, alimentava esse tipo de fantasia (...). A música foi, portanto, determinante na minha relação de afinidade e intimidade com o Espanhol. Pelos ouvidos, pelo ritmo e pelos movimentos corporais do flamenco, senti que aquela língua diferente era minha também. A descoberta desse novo mundo, através das impressões causadas pelo contato com a voz de Sanz, despertou-me emoções que me levaram a querer senti-las infinitamente, quem sabe? (Assis, 2018, p. 83-84)

Buscando hoje na literatura, compreendo o papel que a música tem sobre a fase da adolescência (Dys; Schellenberg; McLean, 2017). Embora identidades sejam revisadas e transformadas continuamente conforme novas experiências e papéis vão se tornando importantes (Dys; Schellenberg; McLean, 2017), a adolescência é um período central para o desenvolvimento delas, já que nesse estágio oportunidades para explorá-las começam a aparecer (Erikson, 1968). É

---

<sup>5</sup> Tanto que mais tarde, quando passei pela primeira vez pelo momento da escolha de um curso para o vestibular, minhas dúvidas entre Cinema e Letras (Inglês) foram grandes. Naquela ocasião, acabei optando por aquilo que eu achei que poderia ficar no *meio* entre um e outro, o curso de Jornalismo, o qual eu acabei concluindo como bacharel em 2014 na Universidade Federal de Santa Catarina. Enquanto finalizava o curso, estudava para o segundo vestibular, dessa vez então para o curso de licenciatura em Letras Inglês, ao qual consegui ingressar no início de 2015.

nessa fase que eu, uma pré-adolescente/adolescente introspectiva, começo a vivenciar, por uma aparente “atividade de lazer”, espaços de socializações que são as festinhas com as amigas, as idas ao *shopping* e ao cinema e os encontros de sexta-feira à noite na casa de alguém para pedir pizza e assistir a seriados. Nesses momentos, a música sempre esteve tocando no fundo. Vários *pop*, *rock*, *hip hop* e *r&b* internacionais – Britney Spears, Avril Lavigne, Linkin Park, Blink 182, Strokes, Snoop Dogg, 50 Cent –, que, além de estarem nas “mais pedidas” da rádio, também estavam nas aulas de línguas, pois, em sua maioria, o que escutávamos, a classe média, na cidade urbana catarinense com mais de 200 mil habitantes, cantava-se “em inglês”.

Eu gostava de saber cantá-las. Minha memória boa em decorar as letras que eu buscava por conta própria fazia uma amiga minha, sempre que podia, pedir alto, no meio de todos na sala de aula (do primeiro ano do ensino médio, independentemente da matéria): “Helena, canta música tal!”. Ela era uma pessoa chamativa, alta, escandalosa, engraçada; impressionada, falava: “Helena, tu sabe cantar todas as músicas do mundo”. Eu, tímida, dava risada. Eu jamais me colocaria no centro de um palco e holofotes, mas *saber inglês* e *saber as músicas*, e por isso ser reconhecida, era algo com que eu me senti bem em ser identificada: “Nessa relação orgânica entre os indivíduos e o ambiente, na qual moldamos e somos moldados pelas avaliações dos outros sobre nossos comportamentos, formamos ideias sobre nossas identidades com base no que os outros pensam de nós e como nos tratam” (Barcelos, 2017, p. 146, tradução minha). Animada, eu continuava a busca pelas letras, por seus significados e por continuar sabendo a pronúncia para cantá-las quando as ouvia em casa, nas festas ou na rádio. Pois, eu gostava de música e eu gostava de inglês; a risada tímida para a amiga disfarçava alguns pingos de orgulho.

Naquela primeira década dos anos 2000, não era tão fácil assim acessar “todas as músicas do mundo”. A internet havia recém passado da discada para a banda larga, as redes sociais eram alguns *blogs* e *Orkut*, por onde vasculhávamos comunidades e fóruns que disponibilizassem *links* sobre artistas e seus lançamentos. Algumas eu conseguia pelos CDs que chegavam às lojas – e ouvia lá

mesmo, porque comprar era caro – e outras mais pela rádio. A MTV, na TV a cabo pirata, também teve sua influente grande parte. Descobrir uma música internacional – e aprender a cantar a letra dela – era, assim, uma aventura particular: “Exploração refere-se a um processo de exame e descoberta enquanto se busca um renovado senso de identidade” (Dys; Schellenberg; McLean, 2017, p. 249, tradução minha). Assim como na literatura, era um mundo em que eu passava horas do dia comigo mesma e com os artistas, com os gostos que fui descobrindo em mim à medida que encontrava fora dos *rankings* atuais da época os gêneros antigos, rocks clássicos dos anos 1960 e 1970 e os tecladinhos e sintetizadores do *new wave* e *disco* dos 1980, com os quais fui me identificando e, aos poucos, me *diferenciando* das amigas, que eram – em suas preferências e personalidades – mais “populares”:

Identidade diz respeito tanto à similaridade quanto à diferença. Diz respeito ao modo como sujeitos veem a si mesmos em representação e a como eles constroem diferenças dentro daquela representação e entre esta e a representação de outros. Identidade diz respeito tanto à correspondência quanto à dissimilaridade. (Hetherington, 1998, p. 17)

Ao “explorar” aquelas músicas vistas como “alternativas” em relação ao que estava no auge para a minha geração, eu explorava outras palavras, outros sons, outra língua, outras identidades. Nesse período de início de descobertas, que eram ainda muito “domiciliares”, crescia a minha vontade de viajar, de estudar fora, de me mudar da minha cidade e da casa dos meus pais quando terminasse o ensino médio. Era o exterior que eu buscava e onde, de certa forma, eu queria me encontrar; dizia na época – e bem determinada, segundo a minha mãe – que quando eu pudesse, iria morar fora do Brasil.

Tivesse sido outra cultura, de outro país, a chegar até mim pela indústria cultural, talvez tivesse sido outra a língua com a qual eu teria construído uma relação, e não o inglês. Conforme uma das conclusões de Coracini (2011) a partir das histórias de cinco mulheres falantes de português e também de outras línguas como o italiano, espanhol, inglês, alemão e francês: “o interesse do sujeito por

uma ou outra língua depende de momentos de identificação que se manifestam de modos diferentes, segundo as experiências de vida de cada um” (Coracini, 2011, p. 310). Encontros com a mídia, professores, pais e conhecidos também são recorrentes e subjazem às experiências de aprendizagem da língua inglesa (Motha; Lin, 2014), como foi o meu caso **aprendiz**, também mediado por aqueles livros, aqueles filmes, aquelas músicas – aquela forma de *estrangeiro*, como eu havia dito acima – onde eu encontrava o meu espaço, minhas experiências, meu exílio. Eu me *deslocava* por ali.

Assim, noto que *deslocamento* é uma experimentação com as identidades, tanto metafórica quanto fisicamente falando. É uma maneira de performar; a voz se altera se você fala em outra língua (Kramsch, 2009), assim também podem se alterar os gestos com as mãos, o peso sobre o qual se apoiam as pernas e a abertura com que se contrai ou se expande os ombros; da mesma forma que mudam ao cantar ou ao tocar um instrumento, um objeto esse que se torna extensão de seu corpo, mesmo ele sendo um livro, pode te transpor para um local, um ser, um ponto que você nunca imaginou existir e que passa a habitar você por uma perspectiva narrada, ou, ainda, a perspectiva é que narra você e o outro/você se transforma. Você se torna outro experimentando seu corpo a partir de outro local – “des-locar”. Talvez a ciclista já existisse aí, como consigo pensar com uma das participantes naquele trabalho de conclusão de curso. Pedalar e aprender/ensinar línguas não é uma estrutura, mas um movimento; uma prática que se constrói no meio, afetando e se deixando afetar pelos sentidos, despertando e sendo despertada por conexões. Parecia fazer sentido o que pensávamos e sentíamos, então. Assim, naquela ocasião acadêmica, pude ser levada a estender, pelo deslocar da rua, o espaço para mais uma dimensão das identidades e estudos das identidades, propondo à Linguística Aplicada contemporânea um passo no campo para além da sala de aula; experimentando os limites, propunha pela margem dos lados uma tentativa de abertura.

Hoje, a proposta adensa e arrisca. Se minha intenção era trazer as professoras ciclistas para o mestrado, a paisagem com a qual acabo me encontrando no início de 2022 faz alterar a rota. Enquanto eu conversava sobre

a vida e os astros com Thays, uma amiga-família, na grama do *campus* politécnico da UFPR depois do que teria sido, sem eu saber, meu último almoço no Restaurante Universitário (RU) curitibano, soube da futura/presente orientadora por mensagem de *Whatsapp* a confirmação do auxílio da bolsa da CAPES para a condução dos estudos no mestrado. Não tive muito tempo de ponderar para responder se aceitaria vir, já que as aulas na pós-graduação tinham iniciado naquele mesmo dia, 07 de março de 2022; o ideal seria chegar à universidade o mais breve, pois após dois anos vivendo uma rotina de conexão instável, as aulas tinham finalmente voltado a ser integralmente presenciais. O deslocamento seria grande, Minas Gerais era para mim, até então, apenas um imaginário.

Minas Gerais era uma representação construída discursivamente pelas aulas de história do ensino médio, pela novela da Globo que passava depois da Malhação quando eu era adolescente, pela arte e literatura de que eu gostava e aprendi a apreciar intelectualmente a partir da entrada na graduação. Minas Gerais era Tiradentes, café e leite, Coração de Estudante, cidades históricas, casas coloridas, ruas espremidas e escravidão; Minas era igrejas e barroco, “uma pedra no meio do caminho” e “a máquina do mundo”<sup>6</sup>, Clube da Esquina, Guimarães Rosa e Darcy Ribeiro; era pão de queijo, era tempero, era mares de morros, era dourada. Minas Gerais era um Brasil “verdadeiro”, de uma história a mil quilômetros distante de mim, que, como se fosse um filme, parecia intocável. Eu nunca, até 14 de março de 2022, havia pisado no estado de Minas Gerais.

Então com o “sim” comecei a agir. No dia seguinte do último almoço no RU da UFPR, coleí grau por um clique no *link* recebido por *e-mail*, que atrasou devido à prorrogação da divulgação do resultado do Enade; no outro, enviei relatórios, certificados e comprovantes, também por *e-mail*, à coordenação da UFV; avisei por chamada de vídeo meus pais em Blumenau (SC) sobre a minha ida, depois pesquisei a logística, primeiro eu embarcaria em um Cometa em Curitiba e trocava em Belo Horizonte por um Pássaro Verde. A espécie canina companheira Flor e as outras plantas companheiras ficaram com a amiga-família Thays. Se não

---

<sup>6</sup> Poemas do mineiro nascido em Itabira Carlos Drummond de Andrade.

há ação humana sem que uma emoção a estabeleça como tal (Maturana, 2005), observar as reações e as práticas no cotidiano é uma via de apreender aquilo que talvez tenhamos dificuldade em nomear. O movimento foi ativado, meu corpo de uma mala de rodas, outra de mão e uma mochila nas costas, no domingo de 13 de março de 2022, por fim, para mais uma mudança se abriu. Sinais do sujeito da experiência do qual fala Jorge Larrosa começam a aparecer: “O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião” (Larrosa, 2002, p. 25).

Voando de ônibus sobre o chão chego depois de 23 horas à outra paisagem. É Zona da Mata mineira, cidade chamada Viçosa. Composta por ladeiras, palmeiras, curvas e casas penduradas. Desse asfalto, ao invés de raízes de árvores (o que acontecia em Curitiba), brotam passos. Eles desenham no espaço disputado entre ônibus, motos, entregadores de encomendas por aplicativos, caixotes de verduras, caçambas de entulho de construção e restos de lixo os contornos de seu próprio passeio que, nesta parte do Brasil, não chamam de calçada. As palavras ganham outros significados. Compreendê-las na língua dessa paisagem ondulada requer outros sentidos: aqui, meus pés encontram o chão: “A linguagem se move, então, com os sujeitos pelo tempo e espaço. Nesse processo de transformação, transformam-se todos: a linguagem, os sujeitos e os espaços-temporais”, argumentam Liberali e Fuga (2018, p. 368). “*Minas é uma sensação, assim, de Brasil*”, lembro de um amigo do sul falando. O chão me conduz por ruas desconstruídas, atravesso esquinas enviesadas, o ar é quente, suada abro o mapa e não entendo nada – entrar na linguagem de uma cidade diferente é perder-se repetidamente sem encontrar as palavras. É estranhar-se a si estranhando o entorno:

A viagem obriga quem viaja a sentir-se “estrangeiro”, posicionando-o, ainda que temporariamente, como o “outro”. A viagem proporciona a experiência do “não sentir-se em casa” que, na perspectiva da teoria cultural contemporânea, caracteriza, na verdade, toda identidade cultural. Na viagem, podemos experimentar, ainda que de forma limitada, as delícias – e as

inseguranças – da instabilidade e da precariedade da identidade.  
(Silva T., 2014, p. 88)

Portanto, aqui chego **estrangeira**. *Aqui, no interior, acho que nunca me vi tanto em tão fora da zona de conforto. Simplicidade é assim. (diário pessoal, 14/03/2022).* O olhar de fora para dentro vai deslocando o corpo, confrontando no primeiro contato a *diferença* – de relevo, de clima, de nome, urbanidade, alimentação, som, costumes, linguagem, cultura, lazer. (...) *Eu sou pequena e tenho pernas curtas, parece que na rua dos Passos o passo não anda. Com as construções coladas umas às outras, o 836 não chega nunca. Não consigo distinguir cada coisa. Tudo muito perto, colado. Vi que tem muitas lojas de acessórios para celular e muitas quitandas. Essa semana saí para procurar mercado e me perdi repetidamente, sempre voltando para o google maps, estava difícilíssimo me localizar. São umas curvas que sobem, outras que fecham, não entendo o desenho dessa cidade pendurada. Me perdi várias vezes. Fiquei irritada. Caminhar nessa cidade é difícil. Ruas apertadas. Não tem calçada, as pessoas ficam paradas ou a passo lento, ciclofaixa só tem dentro do campus da universidade. Eu suou muito, a mochila é pesada, porque não tem internet em casa. (...) O sol, que é meu amigo, aqui ele me derruba. Não uso meu biquíni. Eu, por mim, sem máscara e de mochila pesada, já sou um alienígena na cidade. É difícil comer, não são muitas as variedades, comer fora do RU não é novidade. Vegetarianos não encontrei nenhum. Pessoa ou estabelecimento. Muito leite, ovo e carne (...). O som da cidade é barulhento. Não consigo sentir minhas escápulas alargadas e não consigo ouvir o que estou pensando. Não há espaço para circular e respirar torna-se mais difícil. (diário pessoal 23/03/2022).*

A abertura para a mudança desestabiliza minhas emoções, crenças, imaginários. Como diz Blommaert (2005, p. 223), “quando as pessoas ficam deslocadas, seus discursos se tornam desterritorializados – desconectados de seus espaços habituais e inseridos em novos regidos por novas regras”. Salienta hábitos e valores em uma diferenciação do outro que marca uma fronteira simbólica entre o “eu” e a “cidade” (tudo e todos que a compõem), e também entre o “eu lá” (na capital do sul) e o “eu aqui” (no interior mineiro): “(...) podemos

partir do princípio de que toda identidade, a exemplo de qualquer processo social, tem uma dimensão espacial – pelo simples fato de que não se realiza puramente ‘em abstrato’ (...), mas contextualizada no espaço-tempo, geográfica e historicamente percebido/vivido” (Haesbaert, 2011, p. 51).

Fica evidente, pelo conflito vivido, o papel ativo e performativo que o espaço – seja em ruas de pedra ou ruas de asfalto, seja na umidade de clima temperado ou na aridez de chuvas distribuídas em outras épocas do ano, seja no peso da mochila, por exemplo – tem sobre mim, sobre minhas emoções e sobre o meu agir. Interagindo com diferentes outros, humanos ou não humanos, nossos corpos e sentidos são engajados diferentemente dependendo do lugar, do espaço e com o que e quem estamos nos relacionando, o que me lembra de que minha corporalidade não existe sozinha: “estamos constantemente nos relacionando e respondendo a outros corpos, de modo que nossa corporalidade nunca é individual” (Lupton, 2012, p. 5, tradução minha), tampouco aquilo que por ela desperta: “As emoções ocorrem dentro e ao redor do corpo à medida que ele se move pelo espaço e interage com outros corpos e objetos” (Lupton, 2012, p. 6, tradução minha). Portanto, minhas emoções e corporalidade não são nunca individuais; elas são relacionais e, por isso, são também *espaciais*. De fato, concordando com o geógrafo Haesbaert (2011), o espaço importa.

Talvez soe como contradição eu me sentir espacialmente afetada e ainda assim não gostar ou não querer ter a delimitação regional/estadual/municipal/territorial como uma marca identitária. E isso traz traços do passado. Nasci em Blumenau, Santa Catarina, mas não foi onde nasceram meus pais. Meu pai nasceu no oeste catarinense, região de Campos Novos; minha mãe, no Paraná, região dos Campos Gerais. Foi lá onde se conheceram e onde morava uma parte da família. Quando nasci, os dois tinham recém se mudado para Santa Catarina por motivos de trabalho do meu pai, que tinha sido transferido de cidade. Não era algo que estava nos planos, mas foi para onde as circunstâncias os levaram. Assim, distante da família “grande”, começaram a construir, em outro estado, outra cidade, um outro núcleo, um outro lar.

Por isso, não cresci perto dos meus avós, perto dos tios, nem perto dos primos. Para vê-los, nós tínhamos que viajar cerca de 350 km. Então, a minha infância foi sempre viajando nos feriados, no Carnaval, na Páscoa, no Natal. Quando chegavam as férias de final de ano, era aquela expectativa porque seria um mês, o período mais prolongado para ficar longe com os primos, que cresciam na mesma idade. Foram muitas horas viajando nesse período desses meus 33 anos. Têm sido muitos anos de estrada.

Naquelas viagens, meu pai ligava para gente ouvir no carro CD dos Serranos, um grupo musical do Rio Grande do Sul. Então por anos nós deslocávamos de Santa Catarina para o Paraná e do Paraná para Santa Catarina ouvindo música gaúcha no trajeto, apesar de lá em casa ninguém ter nascido no Rio Grande do Sul. Talvez o maior laço afetivo com o estado seja do meu pai, que gosta muito de futebol e torce até hoje para o time do Internacional. No ir e vir, eu me sentia deslocada. Porque dentro de casa eu ouvia e falava um tipo de sotaque e dialeto; fora de casa, na escola com os amigos, era outro. Na hora de falar, eu soava para mim mesma estranha, eu não sabia qual usar, “tu” ou “você”? “tu comprasse” ou “você comprou”?, “gentchi” ou “geentE”? Em Blumenau, as pessoas me reconheciam pelo meu sotaque diferente; no Paraná, quando ia para a casa dos meus avós, também. Eu não gostava que falassem do meu sotaque, não gostava que marcassem isso em mim. Eu sentia vergonha.

Então é muito comum para quem chega “estrangeira” ser recebida nas primeiras conversas com um “de onde você é”, o tipo de pergunta que me requer um tempo de reflexão, resposta e de explicação, à qual devolvo com outra pergunta, quando temos tempo para a conversa: *o que você quer dizer com ‘de onde você é’?* Pois não me vejo “sendo” de um lugar fixo. Tendo nascido em uma certa cidade – onde até hoje moram meus pais e que eu visito em datas especiais –, vivido as “descobertas” da juventude e os primeiros passos da “independência e liberdade” da entrada na universidade em uma outra na capital – onde hoje mora uma irmã – e depois de adulta ter mudado para uma capital diferente em outro estado, onde construí vínculos importantes que se constituem para mim como afetos familiares, sinto que não há um local que prevaleça em minha

história, pelo menos não até hoje, não até agora... Não faz sentido para mim, assim como não fazia na época daquela disciplina de “Agência, identidade e discurso” identificar-me pelo estudo ou pelo trabalho, apresentar-me hoje por uma territorialidade. Os lugares, as pessoas, as experiências, os encontros estão nos sabores que sinto, nas músicas que ouço, nos pensamentos que construo, nas perguntas que faço, estão comigo a se incorporarem aonde chego, aonde vou: “sou o espaço onde estou”.<sup>7</sup>

Por isso, acho enriquecedora a concepção de espaço que a geógrafa Doreen Massey, a mim apresentada pela amiga-família Thays, propõe. A autora questiona nosso hábito de sempre o termos pensado como uma superfície inerte, morta, fixa, estável, sugerindo que, ao invés disso, imaginássemos o espaço como produto de inter-relações, como a esfera das possibilidades da existência da multiplicidade, sempre aberto, em construção e jamais fechado e acabado. Talvez, acrescenta Massey, “pudéssemos imaginar o espaço como uma simultaneidade de estórias-até-agora” (Massey, 2008, p. 29). *(...) E qual não foi meu espanto ao chegar em Viçosa, uma “cidade rodoviária”, como eu mais tarde viria a chamá-la. (...) Na cidade-rodoviária, tudo é movimento, é efêmero, é passagem, é barulhento. “Tem gente que vem e quer voltar, tem gente que vai e quer ficar, tem gente que veio só olhar” – lembro Milton cantando – e quando você se acostuma, quando você encontra alguém, esse alguém vai embora. (diário de campo 26/04/2023). Antes de dormir, penso “Por que essa cidade me deixa tão cansada?” (diário de campo 12/09/2022).* Eu não estava, afinal, vindo “só olhar”.

Eu estou a compor com uma “estória-até-agora” as inter-relações e as possibilidades de existência daquele – deste – espaço. O espaço da cidade, mas também da universidade, da academia, das ciências, da Linguística Aplicada, das identidades. Na “cidade rodoviária”, de dentro da minha natureza-ciência-humana, é onde vim parar como pesquisadora que continua sua formação acadêmica pela entrada no mestrado. Estrangeira, também, na pós-graduação.

---

<sup>7</sup> Nome da exposição da qual participei com colegas do setor educativo em um projeto de curadoria de um museu de arte contemporânea em Curitiba (PR), onde trabalhei como mediadora entre 2019 e 2020. O nome faz referência a um verso citado em *A poética do espaço* (Bachelard, 2008) do escritor e editor francês Noël Arnaud.

Escolho no interior, e pelo interior, da Zona da Mata mineira do Brasil, abrir-me para a pesquisa, que se torna ela agora esta reflexão.

Enquanto nos estudos de identidades, crenças e emoções, professores são entrevistados, observados ou têm suas experiências narradas na busca por se compreender na ciência seus modos de pensar, sentir, agir e construir significados de si e da realidade, há do outro lado do estudo quem se coloca a interpretar tais informações. Embora reconheçam nos participantes escolhidos as complexidades e contradições de quem não é objeto, mas sim sujeitos culturais, históricos e sociais, a aproximação desse movimento ainda tende a manter “anulada” a existência da pesquisadora ou pesquisador como um sujeito nesta relação. E como sujeito, também ela ou ele está localizado em um espaço e tempo; como sujeito, também sente, pensa e age em suas complexidades e contradições; como sujeito, também ela/ele/elu significa a partir de um ponto. É deste ponto que parto.

Chego a Viçosa desconfiada das palavras, dos conceitos, da ciência e dos pesquisadores. Enquanto leitora, aprendiz e iniciante na pesquisa científica nos anos finais da graduação, percebia um descompasso na relação intersubjetiva da prática científica da pesquisa em emoções, especificamente naquelas sobre emoções de professores, com as quais eu vinha tendo mais contato. *Como posso “perguntar”, “avaliar”, “classificar” e “interpretar” emoções do outro, se não sei se por essa palavra – e o que ela engloba – temos as mesmas compreensões? Os métodos e os instrumentos por vezes não me convenciam, os “resultados” também não. Estariam os fins antecipando os meios?*

Sobre os estudos com as crenças em Linguística Aplicada e sua relação com a prática docente, eu vejo que Borg (2018) – no primeiro texto do ano enviado pela orientadora no grupo de pesquisa recém entrado – assinala para uma similar postura crítica: “É fundamental para qualquer pessoa que deseje realizar pesquisas sobre as crenças e práticas de professores avaliar plenamente o impacto que determinadas decisões conceituais e metodológicas terão, inevitavelmente, sobre os seus resultados” (Borg, 2018, p. 81, tradução minha). Por isso, ele fala que instrumentos devem ser bem desenvolvidos e que resultados

devem ser interpretados criticamente. Ainda complementa: “Expansão metodológica para além do triunvirato convencional de questionários, entrevistas e observações também é desejável para métodos de pesquisa inovadores” (Borg, 2018, p. 88). Então eu não estava sozinha na desconfiança. É possível que minhas inquietações junto com as do autor estivessem vindo com o *zeitgeist* (“espírito do tempo”) da ciência na pós-modernidade:

Um mundo pós-moderno é aquele em que a racionalidade, o método científico e as certezas do mundo moderno não se sustentam mais. (...) No mundo pós-moderno, tudo é "contestado". O que foi considerado verdadeiro, real ou certo pode ser questionado; e há várias interpretações do mesmo fenômeno, dependendo da posição em que se está. Não há absolutos, nenhuma estrutura teórica única para examinar questões sociais e políticas. (Merriam, 2002 *apud* Croker, 2009, p. 12-13, tradução minha)

Eu havia chegado a Viçosa procurando por professoras ciclistas, mas sem avistá-las na paisagem, acabei encontrando em mim o questionamento. “Autoetnografia” era uma palavra que comecei a ouvir circular no meio acadêmico, e uma colega veterana no mestrado também me lançou esta quando nos conhecemos: “Por que você não faz uma pesquisa autoetnográfica?”. Eu já conhecia um pouco da etnografia, escrevia em diários, estava iniciando uma nova etapa da vida e dos estudos em um lugar diferente e precisava apresentar à orientadora uma proposta mais viável para realizar meu projeto de pesquisa. Olhando ao redor e para mim, portanto, pensei e decidi: *sim, por que não uma autoetnografia?*

Assim é que ao me tornar *lócus* de meu estudo, vou encontrando pouco a pouco as paisagens que se descortinam à medida que vou me abrindo. Pelas luzes baixas do entardecer, pelos rastros engraxados nas barras da roupa, pelas folhas secas caídas das sandálias, pelos papéis empilhados, fios emaranhados e pelos cantos da sala, as pistas vão indicando o caminho que compõe uma pesquisa autoetnográfica. Nesse deslocamento metodológico, estou investigando identidades, mas desta vez não especificamente com professoras de línguas, não com professores universitários e não com ciclistas; desta vez, pesquiso

identidades com a pesquisadora, e as emoções e as crenças que interagem nessa relação.

Não se trata de uma pesquisa espelho, monológica, individual. Se permitir-se atravessar pelo sol poente, as refrações emergem, multidimensionais. Bem recorda a música recebida de Roberta na noite nublada, também no título “O estrangeiro”<sup>8</sup>, lembrando-me de que o brilho das cores é transitório. Não enxergo só.

---

<sup>8</sup> Os versos iniciais da letra descrevem os diferentes olhares dos artistas Paul Gauguin (um dos expoentes do movimento impressionista) e de Cole Porter (compositor popular norte-americano de *blues* e jazz) para a Baía de Guanabara, em contraste com o olhar do antropólogo Claude Lévi-Strauss, que a detestou:

“O pintor Paul Gauguin amou a luz na Baía de Guanabara  
O compositor Cole Porter adorou as luzes na noite dela  
A Baía de Guanabara  
O antropólogo Claude Levy-Strauss detestou a Baía de Guanabara  
Pareceu-lhe uma boca banguela.”

### **3. A PESQUISA COMEÇANDO PELO**

*MEIO*

...



Imagem 3: Refratada com a paisagem nas luzes baixas do entardecer pelo vidro da sacada no apartamento em Viçosa. Quanto é dentro e quanto é fora?

Eu sempre achei difícil definir...

Por onde começar?

Estudar sobre emoções de professores me fez pensar em identidades. Pensar em identidades me fez pensar em palavras. Pensar em palavras me fez pensar em representações. Pensar em representações me fez pensar em linguagens. Pensar em linguagens me fez pensar em sentidos. Pensar em sentidos me fez pensar em corpo. Pensar em corpo me fez pensar em matéria. Pensar em matéria me fez pensar em chão. Pensar em chão me fez pensar em raiz. Pensar em raiz me fez pensar em conexão. Pensar em conexão me fez pensar em contato. Pensar em contato me fez pensar em deslocamento. Pensar em deslocamento me fez pensar em abertura. Pensar em abertura me fez pensar em espaço. Pensar em espaço me fez pensar forma. Pensar em forma me fez pensar conteúdo. Pensar em conteúdo me fez pensar em vazio. Pensar em vazio me fez pensar em silêncio. Pensar em silêncio me fez pensar. Pensar me fez agir. Agir me fez perguntar Como?

Elaborações iniciais nas primeiras páginas do diário de campo, 15/08/2022.

...

Uma palavra que leva à outra palavra, uma memória que puxa outra memória, uma experiência que traz outra experiência, um ponto, que não é origem, mas é meada. Eu puxo fios e os vou seguindo...esse é o *movimento do meu pensamento* (Freire, 2013); marco rastros no chão, o chão marca rastros em mim, deixo pistas escritas e assim vai caminhando a pesquisa, é assim que eu pesquiso.

Chego aqui pelo meio.

Perguntava-me, nos bastidores das experiências de pesquisa e estudos anteriores, por serem tão abstratas, *como se investiga e se analisa crenças, emoções e identidades?* Subjetivas — e significadas pelas palavras —, tanto por quem escuta quanto por quem fala. Uma questão de ordem epistêmico-metodológica, talvez aí um embrião. Uma aprendiz escolhendo dar um passo atrás do objeto e encontrar com pesquisadores de frente para consigo e para eles, em voz alta, os *meios* (se) questionar. Concordando com Sandra Harding (2015, p. 165): “As suposições e práticas do pesquisador não foram questionadas da mesma forma que os objetos de estudo foram”.

Com alguém questionando as próprias práticas, vejo em mim sinais de uma curiosidade se tornando epistemológica. Sobre ela, Paulo Freire (2013) fala: “quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender, tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando ‘curiosidade epistemológica’, sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto” (Freire, 2013, p. 27-27). Seu argumento se constrói a respeito da formação do “professor-pesquisador”, sujeito que tem sua curiosidade ingênua e espontânea se tornando crítica quanto mais ela se intensifica e se “rigoriza” (*sic*) através da reflexão sobre a prática. Seguindo o argumento, para a pesquisadora vale da mesma forma.

Chego aqui pelo meio.

Poderia ser em outra(s) ciclista(s) professora(s) o foco da investigação. Mas a bicicleta, a língua, o som “devolveram” o meu corpo, e o corpo é o *meio* em mim. É por ele que sinto, é por ele que me revelo e é com ele que eu ajo. Nossas ações transformam o contexto. Com ele, estou aqui:

Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem

assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível. (Freire, 2013, p. 57)

Se minha ação é investigar a pesquisadora, qual história estou “fazendo” e sendo por ela feita? Ao mudar o contexto, muda-se o sujeito (e o inverso também vale): a pesquisa, portanto, também tem sua perspectiva, pergunta e metodologia alteradas.

Chego aqui pelo meio.

Meu passo atrás do objeto cai na autoetnografia. Uma pesquisa que faz do fim o seu *meio*; uma análise sobre experiências sociais e culturais. Com autorreflexão: “Autoetnografia cria um espaço para uma virada, uma mudança, uma reconsideração de como pensamos, como fazemos pesquisa, como estabelecemos relações e como vivemos” (Adams; Jones; Ellis, 2016, p. 21, tradução minha)”. Mudando a pergunta sobre professoras, a pesquisa continua seu foco nas crenças e emoções na relação com as identidades. Permanece a *formação, insere-se a pesquisadora*:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazerem se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (Freire, 2013, p. 30-31)

Chego aqui pelo meio.

**A pesquisa começando pelo meio** é o encontro dela com *eu*.

Com ela, como *eu* pesquiso — o meio — é assim...

...

Nosso encontro acontece na Linguística Aplicada. Para agir e pensar, eu preciso me situar. *O que é a LA? Como posso fazer pesquisa nesse contexto?* À medida que vou entrando em campo, as perguntas que me surgem me fazem seguir deslocando e observando...

Encontrar morada  
no movimento.  
Para onde a língua te  
leva?

Diário pessoal, 28/06/2022

Eu vou me colocar em teste.  
A escrita <- Autoetnografia -> O mapa  
sujeitos que se constroem pela linguagem  
eu  
O que constroem? Como?

Diário pessoal, 30/06/2022

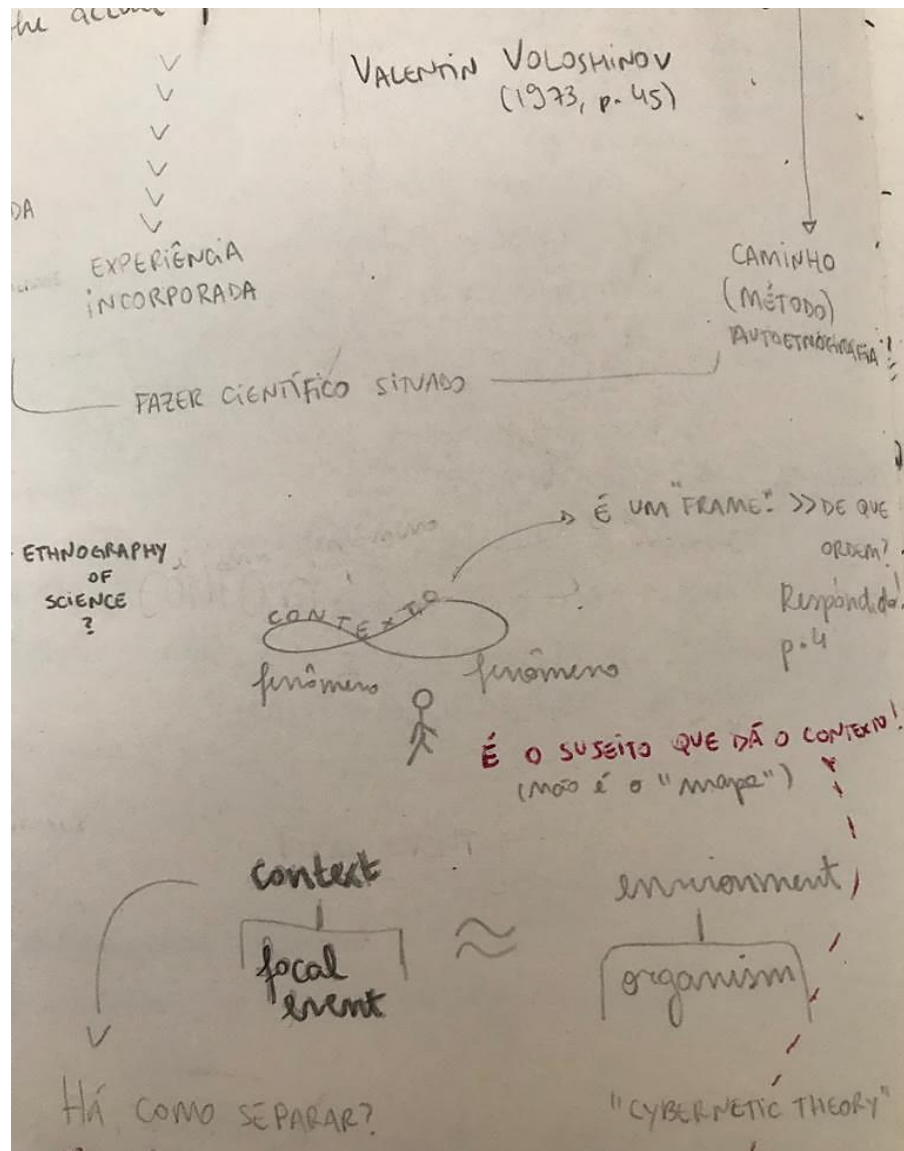


Imagem 4: Reflexões sobre sujeito e contexto no diário de campo, 18/09/2022.

## **Em deslocamento**

Estou imergindo na área do fenômeno da linguagem. Tendo passado por mudanças significativas nas últimas décadas, a Linguística Aplicada (LA) no Brasil tem passado por um momento de ampliação de seu objeto de investigação (Signorini; Cavalcanti, 1998). Antes considerada uma área dependente da Linguística, seu foco estava na resolução de problemas envolvidos com o ensino e aprendizagem de línguas, de modo que era vista por um caráter aplicacionista. Nas últimas décadas, no entanto, o aumento da reflexão crítica tem feito com que autores e autoras a formulem como área que olha para a linguagem em seu uso real, no dia a dia. Esse deslocamento traz para sua concepção a ideia de um campo que passa a integrar as Ciências Sociais e Humanas (Moita Lopes, 2013). Desse modo, busca formas de conhecimento que sejam responsivas às práticas sociais em que vivemos contemporaneamente:

Trata-se, então, de se estudar a língua real, o uso situado da linguagem, os enunciados e discursos, as práticas de linguagem em contextos específicos, buscando não romper esse frágil fio que garante a visão da rede, da trama, da multiplicidade, da complexidade dos objetos-sujeitos em suas práticas. (Rojo, 2007, p. 1762)

À medida que práticas sociais se complexificam na contemporaneidade, a linguagem dentro disso, segundo Moita Lopes (2013), passou a ser vista como um elemento crucial para compreender fenômenos do mundo atual. Devido a essa “virada linguística”, “se quisermos saber sobre linguagem e vida social nos dias de hoje, é preciso sair do campo da linguagem propriamente dito: ler sociologia, geografia, história, antropologia, psicologia cultural e social, etc.” (Moita Lopes, 2006, p. 96). Sublinho, porque me identifico, no primeiro texto lido no programa de Bases Teóricas em Linguística Aplicada, indicado pela professora da disciplina no mestrado – ela também autora de uma pesquisa autoetnográfica (Assis, 2018). Vejo igualmente citações desses autores em apresentações de trabalhos nos simpósios do Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA) do qual participo à distância e ouço algo parecido de Marcia Paraquett (2023), doutora e

professora na Universidade Federal da Bahia (UFBA), quando vem presencialmente ao nosso departamento na UFV para uma palestra intitulada “Uma Linguística Aplicada Des-norteada”. Dela, anoto em meu caderno: “Mostre sua cara e seu corpo. Todo mundo tem seu lugar de fala!”.

Por isso, uma das crenças que vejo se construindo sobre a prática científica em LA circulando nos discursos acadêmicos atuais e próximos a mim enquanto estou no mestrado diz respeito a uma área que se constrói tanto pela proposta interdisciplinar/indisciplinar/transdisciplinar quanto pela difusão de epistemes, desejos e vivências de quem, pela ciência e modernidade, não era antes ouvida/ouvido. Ao invés de disciplina, um campo de caminhos abertos (Moita Lopes, 2006), uma ruptura de fronteiras por onde se cruzam uma diversidade de linhas disciplinares e epistemológicas. Em uma transição de paradigmas, os estudos da linguagem começam a incorporar a decolonialidade, os estudos étnicos, a teoria *queer* e perspectiva feminista, para citar algumas das maneiras pelas quais a pesquisa em LA no Brasil tem buscado fazer ressoar múltiplas vozes (Moita Lopes, 2006; 2013).

Adentro esse campo procurando pela pesquisadora. É possível encontrá-la dentre todos esses timbres? Ao meu entorno, escuto muitas professoras e professores. Estão aqui para falar de seus contextos com a linguagem, geralmente eles sendo a sala de aula na escola ou outros espaços de ensino, “uma vez que processos de ensino e aprendizagem de língua materna ou de línguas estrangeiras envolvem fundamentalmente a *língua* em uso” (Rodrigues; Cerutti-Rizzatti, 2011, p. 21). Por isso, as relações que os preocupam e para as quais dedicam maior foco em seus estudos são com estudantes, com a língua que ensinam, com a aprendizagem, as abordagens metodológicas, com os materiais didáticos, as diretrizes e políticas institucionais, enfim, tudo o que compreende a prática educativa – que é muita coisa, há de se reconhecer.

Também com o crescente entendimento de que ensino e aprendizagem envolvem muito mais daquilo que circunscreve uma sala de aula, as vozes de colegas de turma, professoras e professores e autoras e autores também me contam pelo que sentem e vivenciam em seu dia a dia de prática docente que falar

de educação e falar de línguas é falar de poder, de trabalho, de violência, de desigualdade, de justiça, de emoções, de desejos, de esperança, de futuro e de política. Há muito no contexto de uma professora e de um professor. E essas questões estão em seus temas de pesquisas; é uma maneira importante de continuarem a sua formação – vejo pelos comentários na banca de defesa de uma das colegas do grupo de orientação do mestrado.

Por isso, em um primeiro momento de entrada com a autoetnografia na LA da Universidade Federal de Viçosa, percebo surgir em mim uma culpa que ganha corpo na posição de uma impostora. *Estou fugindo da linha de Ensino de línguas e Formação de professores? Sou representativa de algo para falar de minha posição?* Além disso, dentre tantas vozes e assuntos pertinentes sendo tratados à minha volta, há espaço para uma estrangeira que convive integralmente em seu dia a dia não com a prática docente, mas com a prática científica, desenvolver sua pesquisa sobre seu contexto de formação no universo da “língua real”? Pela teoria, Moita Lopes (2013), Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011) e Rojo (2007) parece dizerem que sim: “é crucial pensar formas de fazer pesquisa que sejam também modos de fazer política ao tematizar o que não é tematizado e ao dar voz a quem não tem” (Moita Lopes, 2013, p. 22), o que me deixa aliviada; e, quando escuto Paraquett (2023) na palestra e converso com Ana em reuniões de orientação e em nosso grupo de pesquisa, sinto-me encorajada a ter um lugar de fala. Mas, quando no uso real da língua, no dia a dia do programa de pós-graduação em Letras, essa situação eu encarno, o nó em que tento amarrar as linhas que por mim se cruzam me coloca em um ponto frágil. Sustentar a *diferença*, para alguém na *formação de pesquisadora* autoetnografando identidades ao longo do mestrado, por vezes, não é fácil.

Se o movimento entre fronteiras coloca em evidência a **instabilidade da identidade**, é **nas próprias linhas de fronteira**, **nos limiares**, nos interstícios, que sua precariedade se torna mais visível. Aqui, mais do que a partida ou a chegada, é cruzar a fronteira, **é estar ou permanecer na fronteira, que é o acontecimento crítico**. (Silva T., 2014, p. 89, grifo meu)

Estou na fronteira para onde a língua e as identidades me trazem: a abertura para uma relação outra com o fazer científico. Pesquisar, em LA, é “**criar** inteligibilidade sobre a questão que estudamos.” (Moita Lopes, 2013, p. 21, grifo meu); é, conforme falam os autores dessa Linguística Aplicada contemporânea, *produzir* teorizações – mais do que *aplicar* teorias de outras áreas – que, de algum modo, contribuam para qualificar a vida humana. Ao que entendo, é costurar, amarrar, dialogar com o estudo em questão, entregando ao público (à sociedade) uma leitura própria, uma alternativa compreensível. Mesmo dentro de uma forma discursiva acadêmica, dentro de padronizações institucionais e buscando desviar de orientações positivistas e objetivistas, é colocar a pesquisadora ou o pesquisador a se posicionar e, de alguma maneira ainda restrita, indireta e tímida, no universo da produção do conhecimento, fazer-se escutar pela sua leitura de mundo (Freire, 2013) – que também constitui a sua identidade (Norton, 2013) – a sua própria voz. Uma pesquisa não deixa de ser, afinal, uma *criação*, um trabalho autoral.

Autoetnografar é produzir conhecimento, na *prestigiosa* ciência, com as próprias experiências de vida. No extremo oposto às orientações objetivistas, dentre as vias metodológicas qualitativas, a autoetnografia humaniza ainda mais a pesquisa, pois sua premissa está na aparição pessoal da pesquisadora ou do pesquisador. É colocando-se como seu “sujeito participante” do estudo que a pesquisadora torna-se a pesquisada, e a voz da pesquisada faz-se ouvir pela da pesquisadora, que a organiza, interpreta e relaciona com o fenômeno social investigado (Ellis; Adams; Bochner, 2011).

Se pesquisar é um trabalho autoral que por outros modelos metodológicos pode ter a construção da voz de quem pesquisa tensionada por limites exigidos na forma de critérios (de validade, confiabilidade e precisão, por exemplo, o que faz com que pesquisadores se coloquem à distância e por vezes descaracterizados do trabalho), autoetnografar é ter no *pesquisar* espaço aberto para a voz da pesquisadora ser experienciada em sua “apropriação” do local em que fala. Isso coloca em evidência o processo da construção de sua identidade por meio de suas próprias experiências de vida e trajetória. Assim, sinto-me chegar ao limiar, à

fronteira entre o *eu* e a produção de conhecimento. A relação fica íntima, angustiante, reflexiva e crítica, porque para uma pesquisadora autoetnografando identidades em seu processo de formação com o fazer científico, as questões são muitas, especialmente na tentativa de compreensão sobre qual é esse *lugar*<sup>9</sup>:

Reta final do projeto.

**Escrever sobre identidade me gera crise de identidade.** Vou nos Estudos Culturais, na Filosofia, na Antropologia, mas estou na Linguística Aplicada, só que não na sala de aula, **estou nos bastidores, para escrever, preciso me situar**, mas estou tendo que trazer de lááá a ligação para aqui, **não sei se posso fazer isso, se sou uma fraude, ou é isso que é fazer ciência?** Posso relacionar conceitos de diferentes áreas e, através desse ponto, **criar a minha “situação”?**

Diário pessoal, 17/11/2022.

“Criar um espaço de pesquisa” (no original: *Creating A Research Space*, representado pela sigla *CARS*) é uma prática comum – e talvez seja um dos movimentos esperados – no discurso acadêmico. Você primeiro “estabelece um território”, apresentando estudos sobre um determinado assunto, demonstrando assim sua importância; depois, “estabelece um nicho”, indicando daquele território uma pergunta ou lacuna que lhe tenha aparecido; e então “ocupa o nicho”, trazendo, portanto, a sua pesquisa com seus objetivos. Esses passos foram sistematizados por Swales (1990) em estudo que conduziu analisando artigos científicos de uma gama de diversas disciplinas. Apesar de as áreas possuírem cada uma suas convenções específicas, o autor encontrou traços de semelhanças, estando elas, na maioria das vezes, presentes nas introduções dos trabalhos. Desse modo, criou o “Modelo *CARS* para introduções”. O estudo de Swales focou no texto; sua contribuição na LA e aos Estudos de Letramento, portanto, faz

<sup>9</sup> Neste e nos demais excertos selecionados do diário e apresentados neste trabalho, destaco em negrito os trechos que apontam para a reflexão aqui desenvolvida.

alusão à parte textual da pesquisa. É uma referência e uma ferramenta para a escrita acadêmica.

Aprendi esse modelo em uma disciplina optativa de tradução técnico-científica que cursei durante a graduação de Letras Inglês na UFPR. Mais tarde, ele me auxiliaria na revisão e tradução de artigos científicos e em encontros individuais de assessoria de escrita que eu oferecia às pessoas da comunidade acadêmica, como integrante de um projeto de extensão da universidade.<sup>10</sup> As mestrandas/mestrandos e doutorandas/doutorandos com quem eu conversava naquela ocasião gostavam de aprender sobre o CARS, dizendo que a estrutura os ajudava em sua organização do estudo. O modelo se mostrou igualmente útil para as turmas de escrita acadêmica em língua inglesa que eu ministrei como professora do programa Idiomas sem Fronteiras, ainda naquele período da graduação. E, de fato, enquanto graduanda de Letras, em vários momentos eu mesma me beneficieei do modelo para redigir meus trabalhos, sentindo seus efeitos positivos não só na língua inglesa, mas sendo transpostos também para a estruturação de atividades na língua portuguesa. Mesmo em seu caráter formulaico – cabendo dentro dele variações –, o Modelo CARS se mostra uma orientação para retoricamente e teoricamente, no texto, se “criar” e “ocupar” um “espaço de pesquisa”.

Naquela época, enquanto professora, assessora, tradutora e graduanda, eu não questioneei o CARS; e também não lembro de outras pessoas o terem questionado para mim. Talvez estivéssemos todas e todos dentro de uma forma muito específica de discurso e práticas científico-acadêmicas. No entanto, a partir do momento em que atualmente vivencio a autoetnógrafa que pesquisa a pesquisadora, a identidade que condicionalmente e contingencialmente me vejo interpelada a assumir (Hall, 2014) me coloca na posição de refletir sobre pontos que, anteriormente, de outras posições, não chegavam à minha “vista”. Nos

---

<sup>10</sup> O Centro de Assessoria de Publicação Acadêmica (CAPA) é um centro que promove interação e diálogo entre alunos(as), professores(as), setores e instituições com o objetivo apoiar a formação de autores(as) acadêmicos(as) através da pesquisa, extensão e assessoria direta na área de escrita acadêmica. Entre as atividades desempenhadas pelos integrantes e oferecidas à comunidade estão revisões de textos acadêmicos, traduções e encontros pessoais. Mais informações disponíveis em: < <http://www.capa.ufpr.br/portal/>>.

Estudos Culturais sobre identidades, Hall fala que além de a modernidade tardia e a pós-modernidade fragmentarem e deslocarem sujeitos e identidades antes “essencializados”, ela também nos coloca em convivência com uma forma de vida consideravelmente reflexiva: “as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre as próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter.” (Giddens, 1990, p. 38, tradução minha). Não é por acaso o (meu) encontro com a autoetnografia na ciência pós-moderna de um mestrado em Estudos Linguísticos e Linguística Aplicada no Brasil em 2022.

Com a autoetnografia, as anotações no diário de campo e nas aulas da disciplina optativa de Percursos Metodológicos da Pesquisa Qualitativa em Educação vão trazendo perguntas que demonstram essa reflexão: *O que é experiência?; Abordagem socioconstrutivista anularia a abordagem fenomenológica?; Qual afetividade, relação emocional, a gente tem com o conhecimento?; Nós (enquanto pesquisadores) temos que saber quem nós somos, quais são os fatores que interferem em nosso olhar?; ‘Quando seu olhar muda, a realidade muda’. O que significa esse ‘olhar’? O que é ‘a realidade’?; Estou antecipando passos?; Por que Linguística Aplicada?; Pesquisar é uma prática social?; Quem é o sujeito da pesquisa?*

À medida que vou seguindo no dia a dia e refletindo com esses questionamentos, o *espaço de pesquisa* criado no papel (ou em página de *Word* ou em comunicação oral em simpósio), para mim, passa a não bastar. O espaço de John Swales certamente desencontra com a “dimensão da multiplicidade”, “que nos apresenta a existência do outro” em uma “esfera na qual distintas trajetórias existem”, de Doreen Massey (2008); e nem precisaria ter encontrado, não foi esse o intuito dele com o “CARS”. Mas talvez Swales, em sua vida, não tenha convivido com uma melhor amiga geógrafa, não tenha participado da curadoria de uma exposição de arte e conversado com visitantes sobre a espacialidade, talvez não tenha se mudado para uma cidade nova em outra região do país e ingressado em outra universidade para fazer mestrado, talvez não tenha conhecido amigos novos, não tenha praticado aulas de Yoga, talvez não tenha mudado a metodologia

de seu estudo, talvez não tenha entrado em uma autoetnografia, talvez não tenha se questionado, talvez não tenha tido seu ponto de vista alterado. E mesmo se tivesse, o espaço *dele* muito provavelmente seria outro. Refletindo e vivendo as “estórias-até-aqui” (Massey, 2008) vão me mostrando que “criar um *espaço de pesquisa*” não ocorre unicamente e teoricamente pelo texto como uma forma de estratégia retórica. Um espaço de pesquisa não é criado, ele se constrói, ele se cria juntamente e concomitantemente *com* a pesquisa. Eu, com a pesquisa, construo esse espaço. Esse espaço não é só retórico; esse espaço é do corpo na escala humana da Terra, ele tem outras dimensões.

Você poderá ver algumas delas na seção a seguir.

...

## Imagens – “Espacializando” com a pesquisa

Ao longo do caminho autoetnográfico, muitos momentos foram registrados e serviram de pistas para mim. Nesta seção, escolhi trazer alguns deles em imagens para você acompanhar o percurso na forma de um ensaio fotográfico.

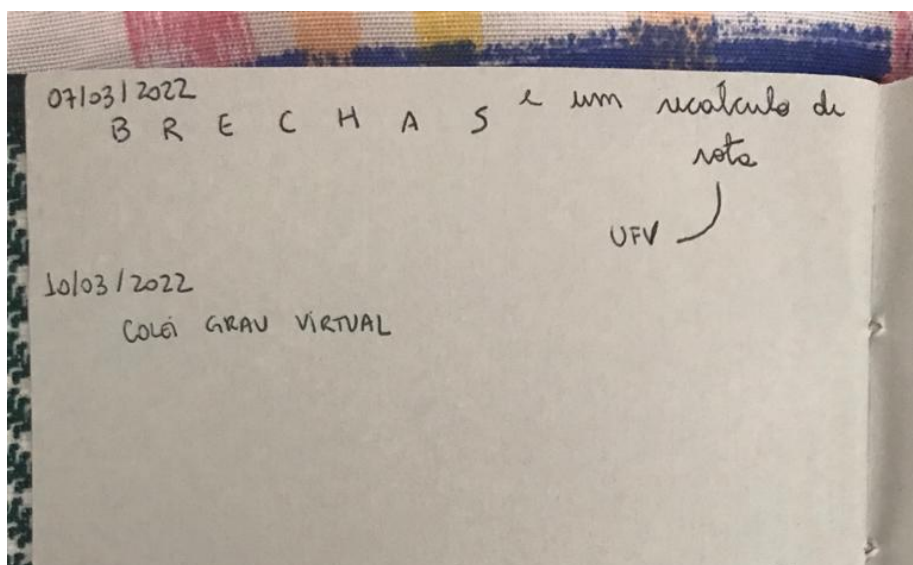


Imagem 5: Diário pessoal, 07/03/2022, Curitiba (PR).

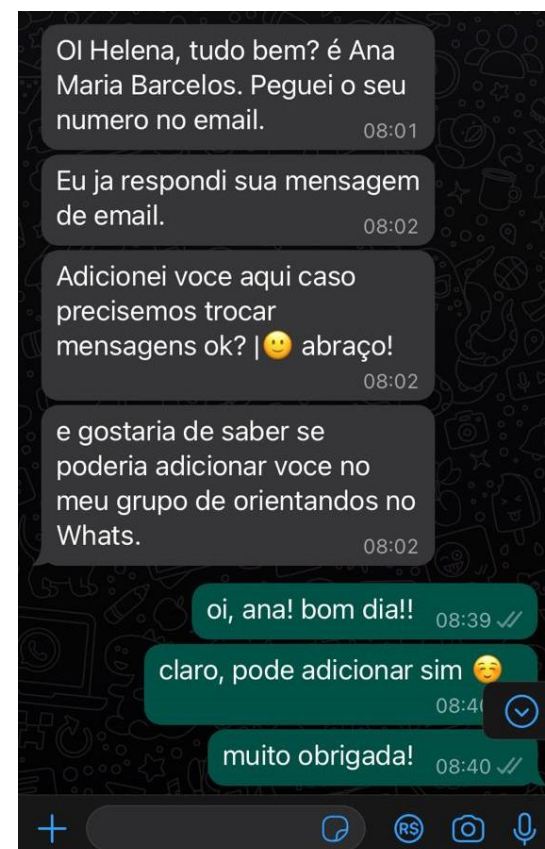


Imagem 6: Entrando no grupo da orientadora, 07/ 03/2023.

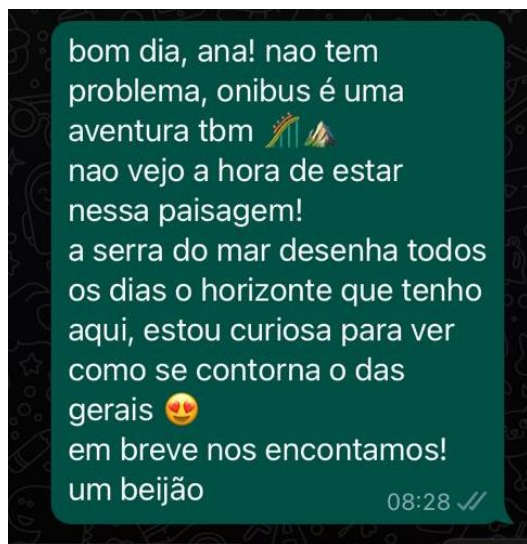


Imagem 7



Imagem 8



Imagem 9



Imagem 10



Imagem 11

Imagens 7 e 8: Dia de embarcar, Curitiba (PR), 13/03/2022.

Imagem 9: Primeiro pão de queijo da vida em terras mineiras, rodoviária de BH (MG), 14/03/2022.

Imagens 10 e 11: Primeiras impressões de Minas – cidades penduradas.



Imagem 12



Imagem 13



Imagem 14

Imagens 12, 13 e 14: Em Viçosa (MG) – cidade de urbanidade apertada e ruas enviesadas.

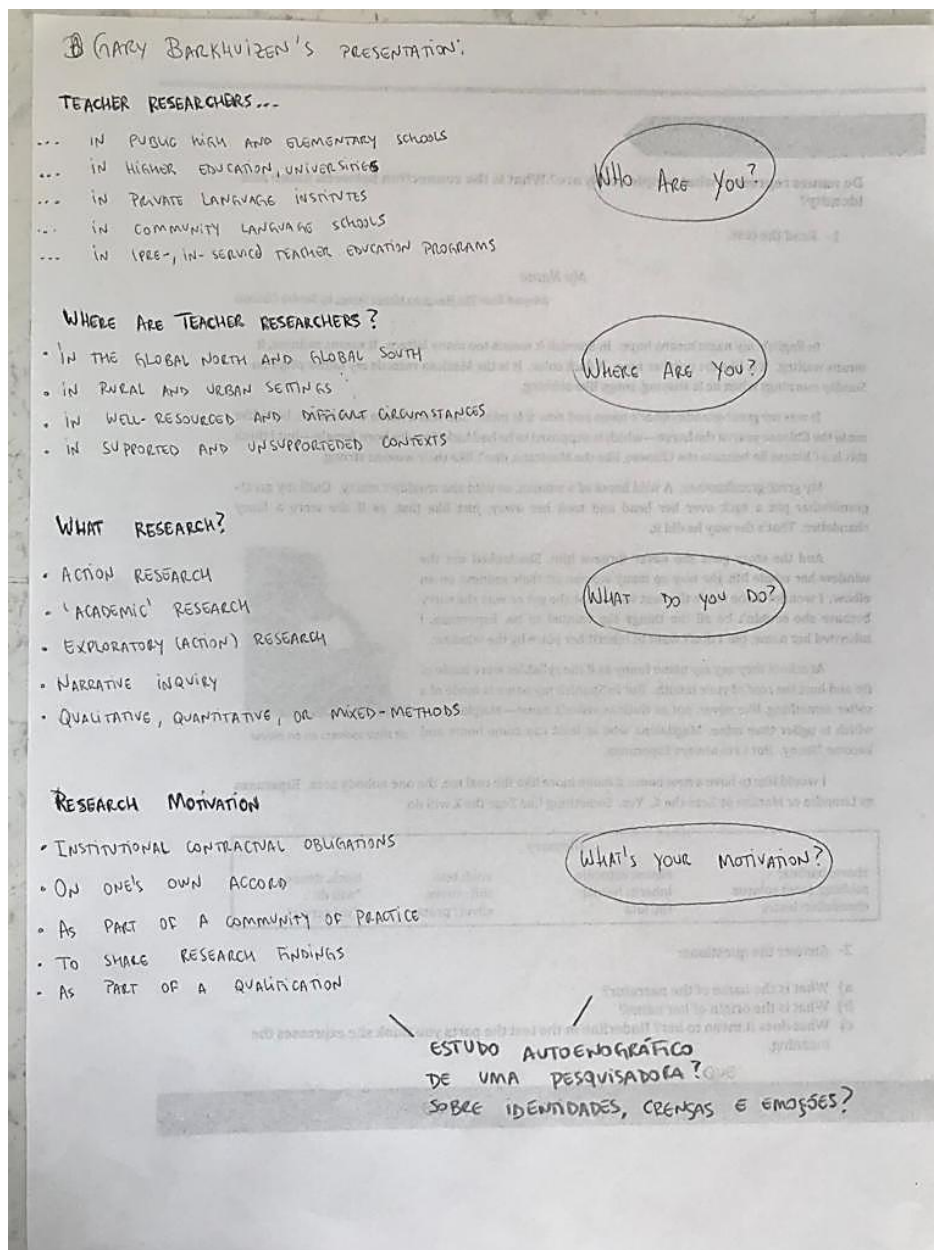


Imagem 15:

Anotações da apresentação de Gary Barkhuizen em evento internacional transmitido *online* sobre estudos de identidades em LA.

*Brainstorming* antes da primeira reunião do ano (sobre a pesquisa) com a orientadora. Viçosa (MG), 19/04/2022.

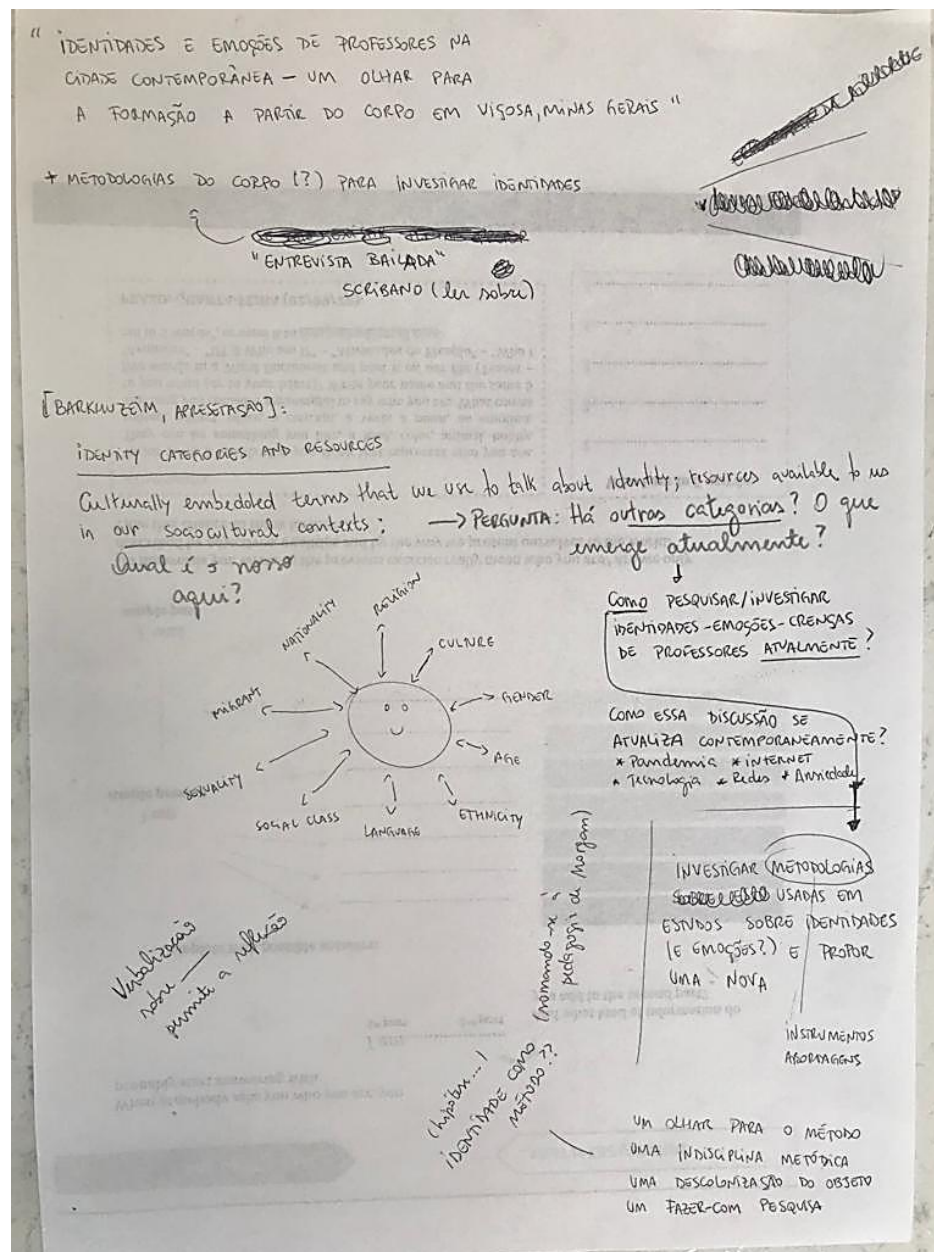


Imagem 16:  
Meu projeto aprovado na seleção não seria o projeto a ser executado no mestrado; estava pensando em como readequar a pesquisa. *Brainstorming* antes da reunião com a orientadora, sentada no chão da sala do apartamento da rua dos Passos. Viçosa (MG), 19/04/2022.

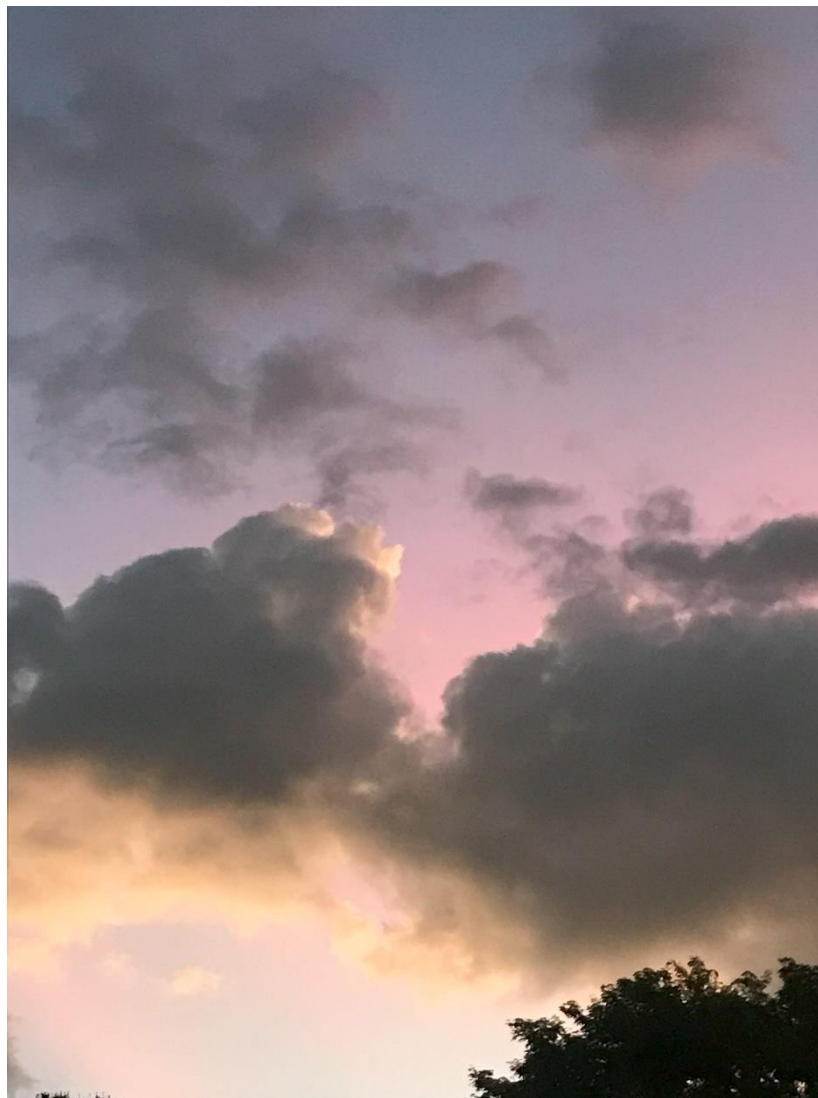


Imagem 17:  
Autoetnografia torna-se  
oficial após encontro com  
orientadora para definir  
objeto e nova metodologia.  
A luz violeta brilha no céu  
da pesquisa. UFV, Viçosa  
(MG), 27/04/2022.



Imagem 18: “Procu-ro-me” (2001), obra da artista visual Leonora de Barros em exposição no Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB) de Belo Horizonte. Busco museus de arte quando viajo para passear: não estou só na investigação. Belo Horizonte (MG), 04/07/2022.



Imagem 19



Imagem 20

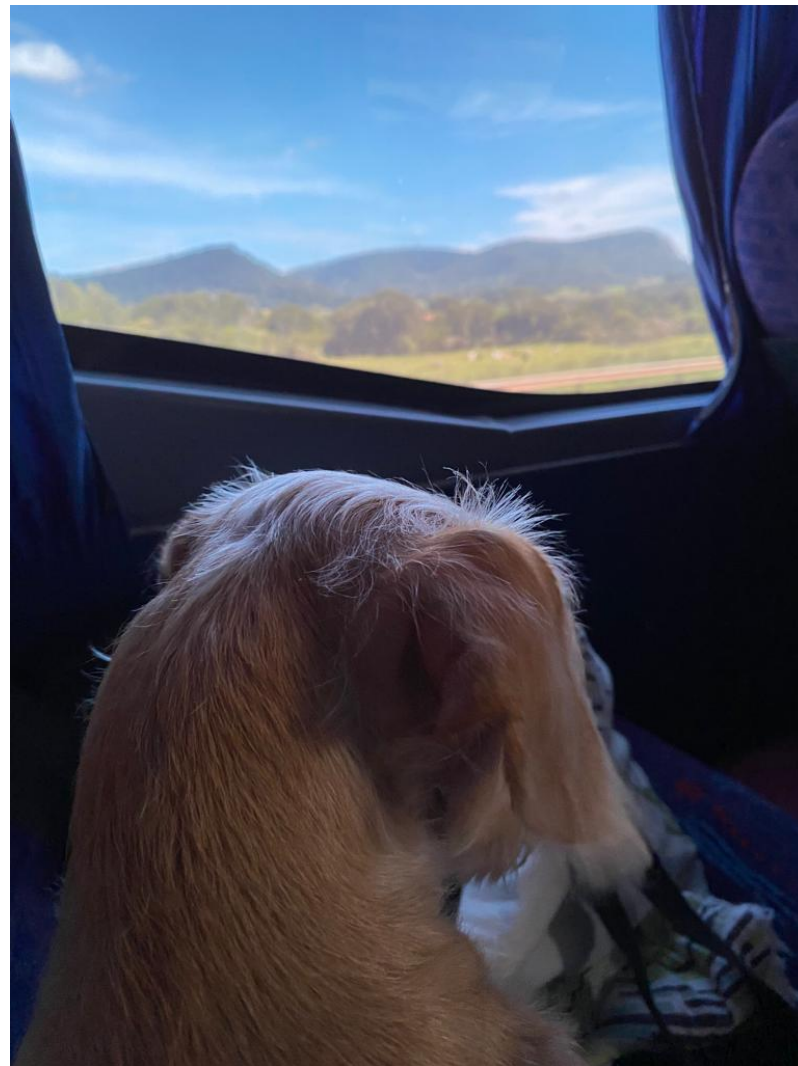


Imagem 21

Imagens 19, 20 e 21: Retorno a Viçosa para o segundo semestre com a Flor, espécie companheira. Curitiba-BH, 01/09/2022.

Imagens 22 e 23: Reflexões sobre aulas, atividades e leituras no diário de campo. Setembro e outubro de 2022.

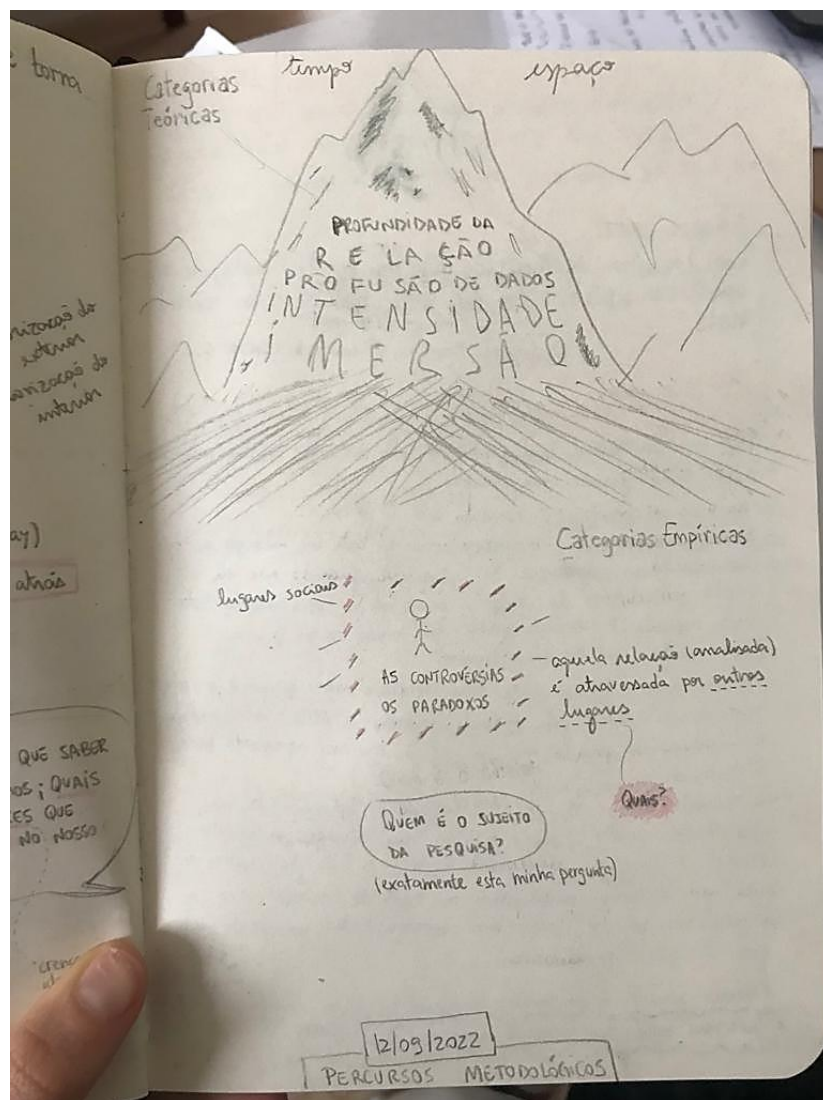


Imagem 22

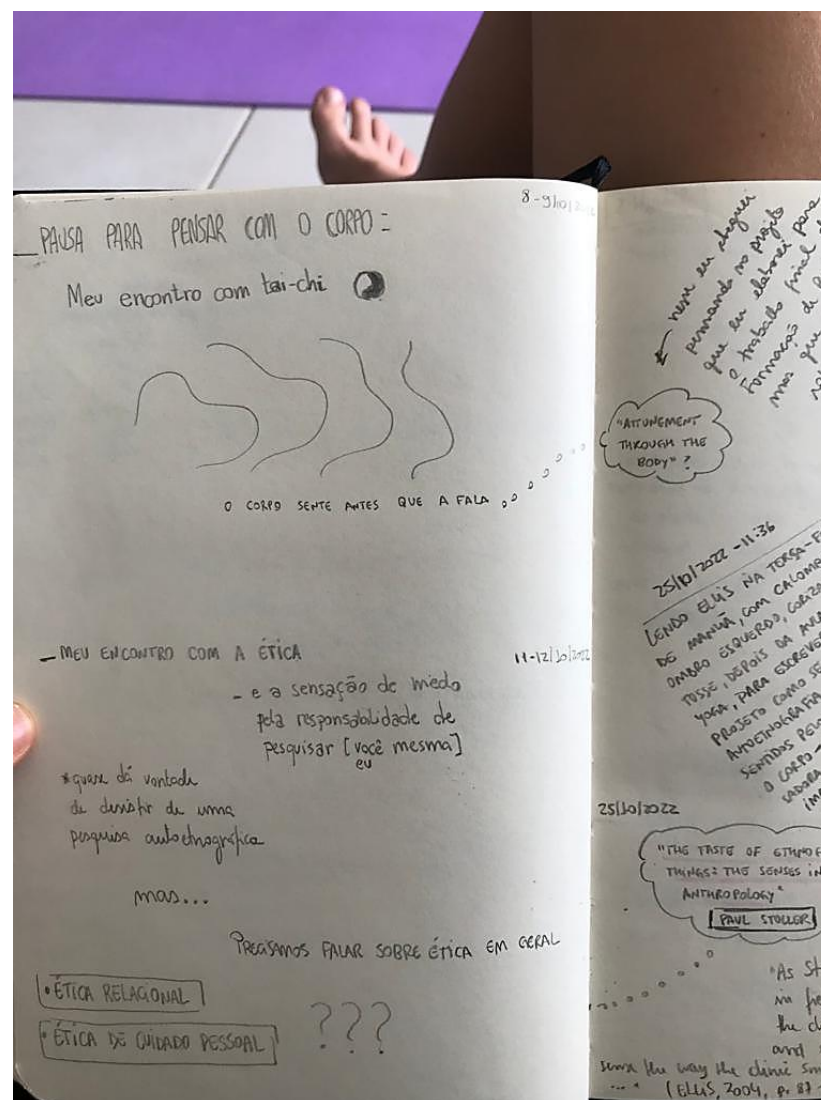


Imagem 23



Imagem 24

Imagens 23 e 24:  
Saída de campo  
para o cruzeiro do  
Morro do Careço  
(início da Serra do  
Brigadeiro - MG)  
com a Semana  
Acadêmica de  
Geografia.  
Conversa sobre  
ocupações da Zona  
da Mata.  
Sou um ponto 'fora'  
do mapa?. Ervália  
(MG),  
21/10/2022.

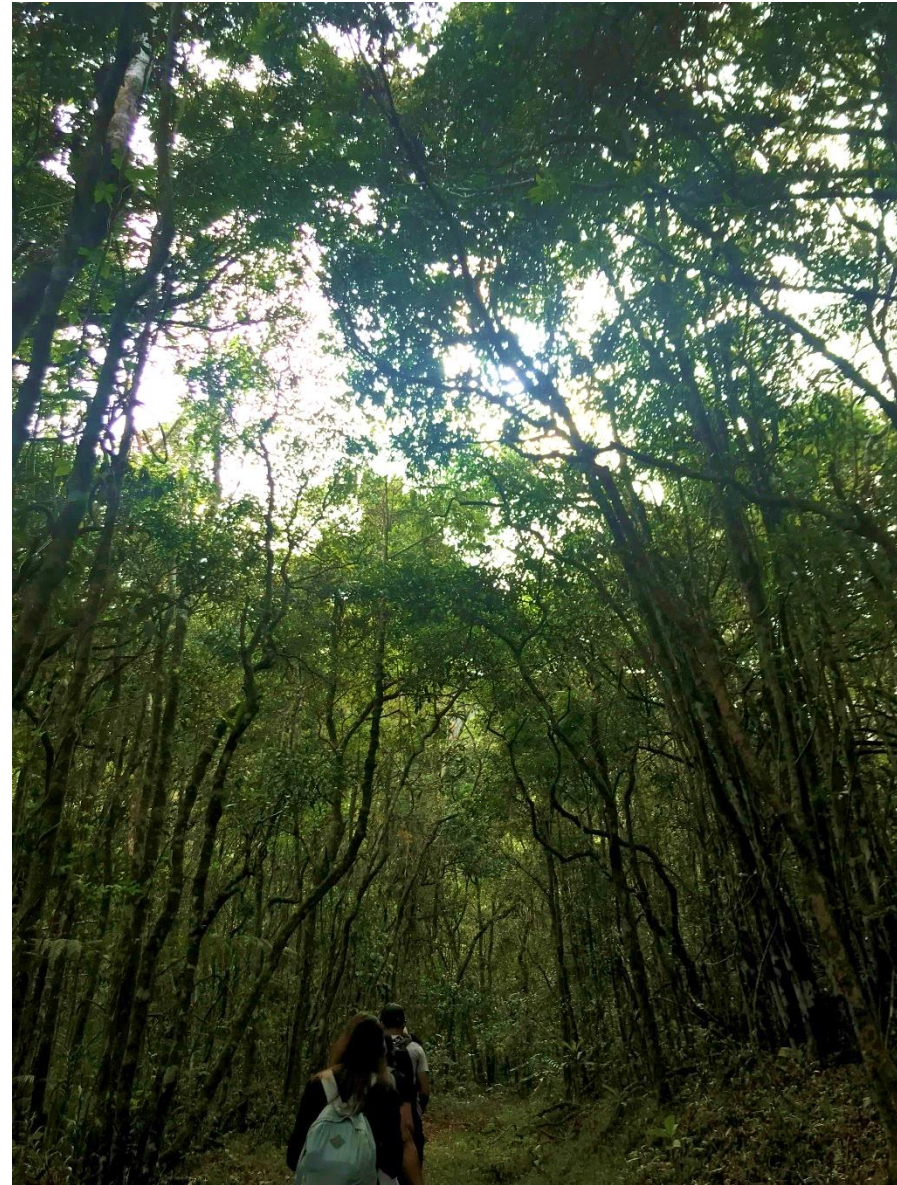
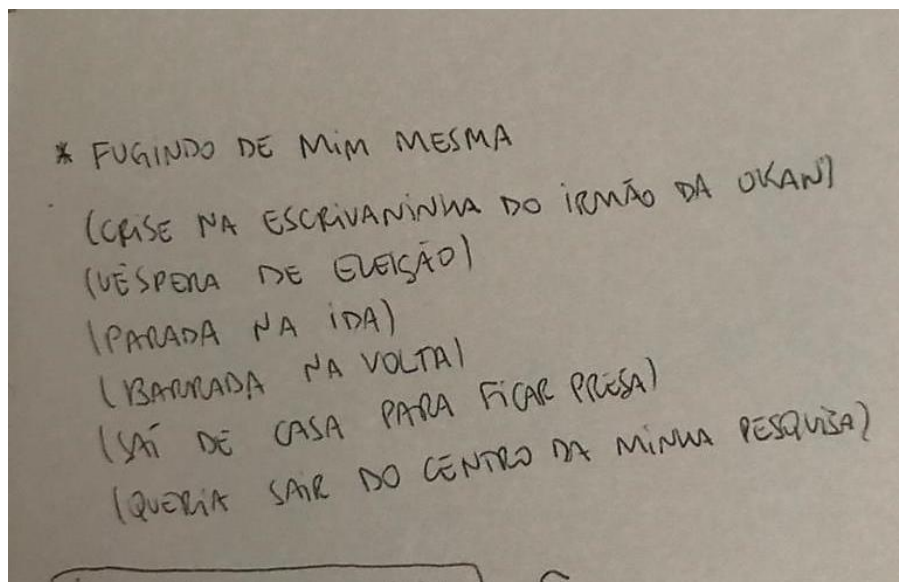


Imagem 25

Imagem 26: Diário pessoal em época do segundo turno das eleições presidenciais que elegeram Lula. Vou a Curitiba para votar e fico hospedada na casa da amiga Thays Ukan. Vivo crises na pesquisa. Curitiba (PR), 29/10/2022.



\* FUGINDO DE MIM MESMA  
(CRISE NA ESCRIVANINHA DO IRMÃO DA UKAN)  
(VÉSPERA DE ELEIÇÃO)  
(PARADA NA IDA)  
(BARUADA NA VOLTA)  
(SAÍ DE CASA PARA FICAR PRESA)  
(QUERIA SAIR DO CENTRO DA MINHA PESQUISA)

Imagem 27: Também é época de escrita do projeto oficial da pesquisa para o Comitê de Ética. A amiga Thays registra meu momento de crise na escrivadinha de seu irmão.



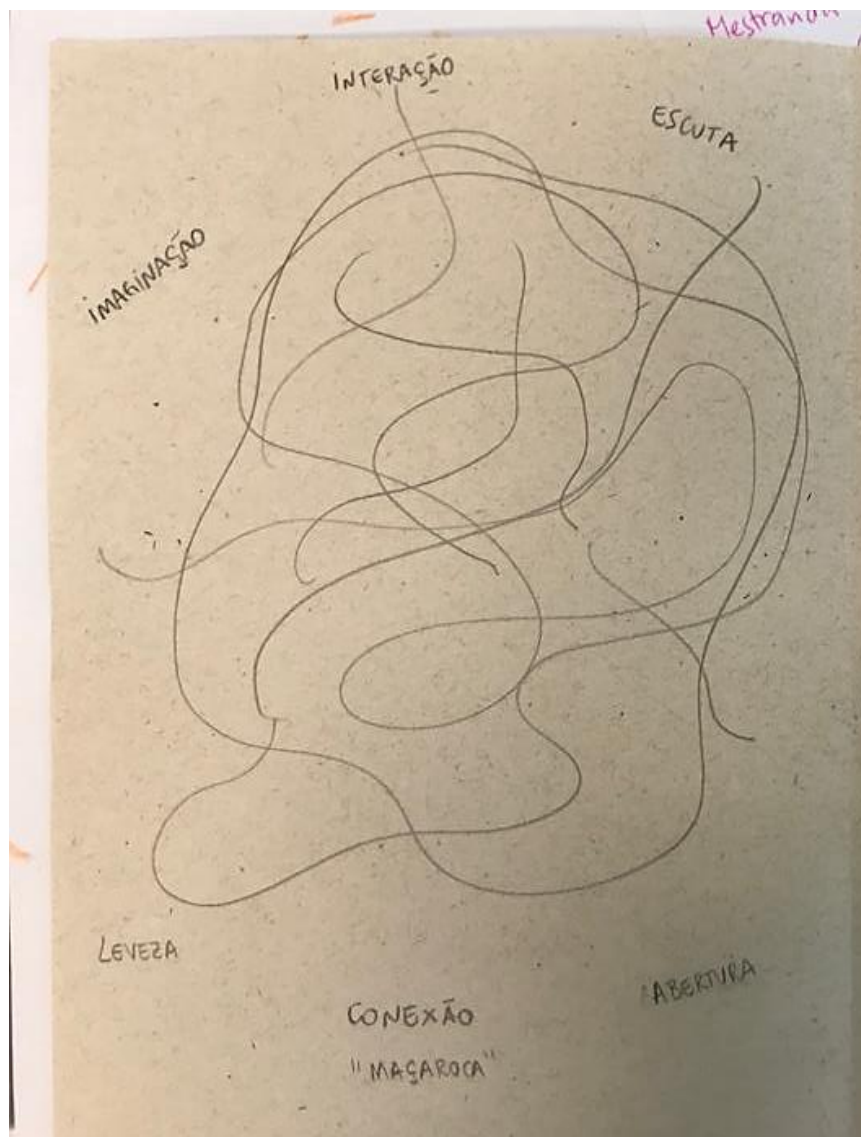


Imagem 28: Respondendo à atividade sobre crenças proposta por um grupo na disciplina de “Formação de professores de línguas”:  
 “1- Quais elementos você considera conscientemente ao tomar decisões sobre a sua prática como professora?; 2- Desenhe uma imagem que represente a sua prática. Esse exercício dirá muito da sua identidade também”. Novembro de 2022.

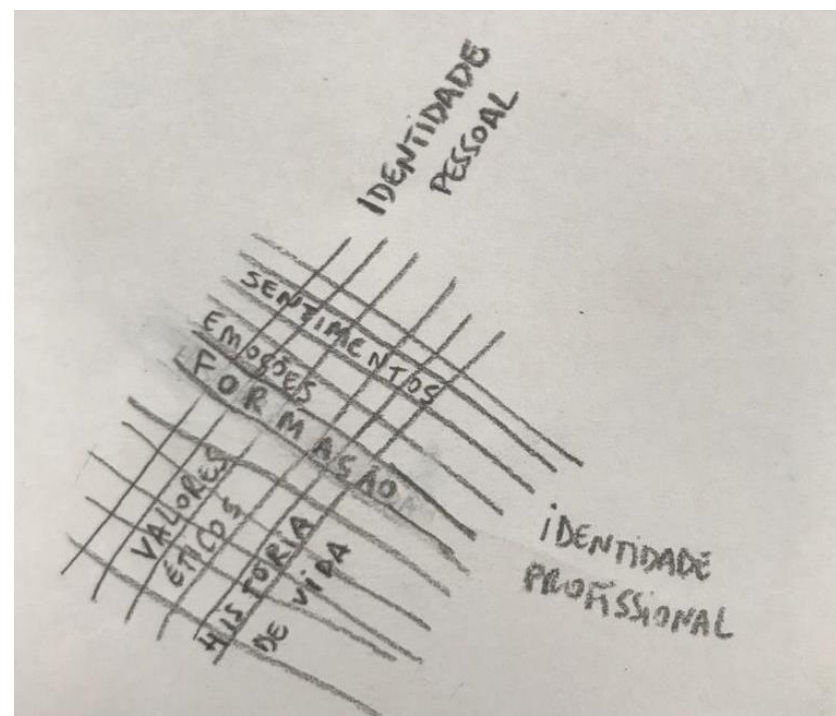


Imagem 29: Estudando para a apresentação de seminário sobre identidades na disciplina de “Formação de professores de línguas” – identidades são uma trama de fios. Novembro de 2022.

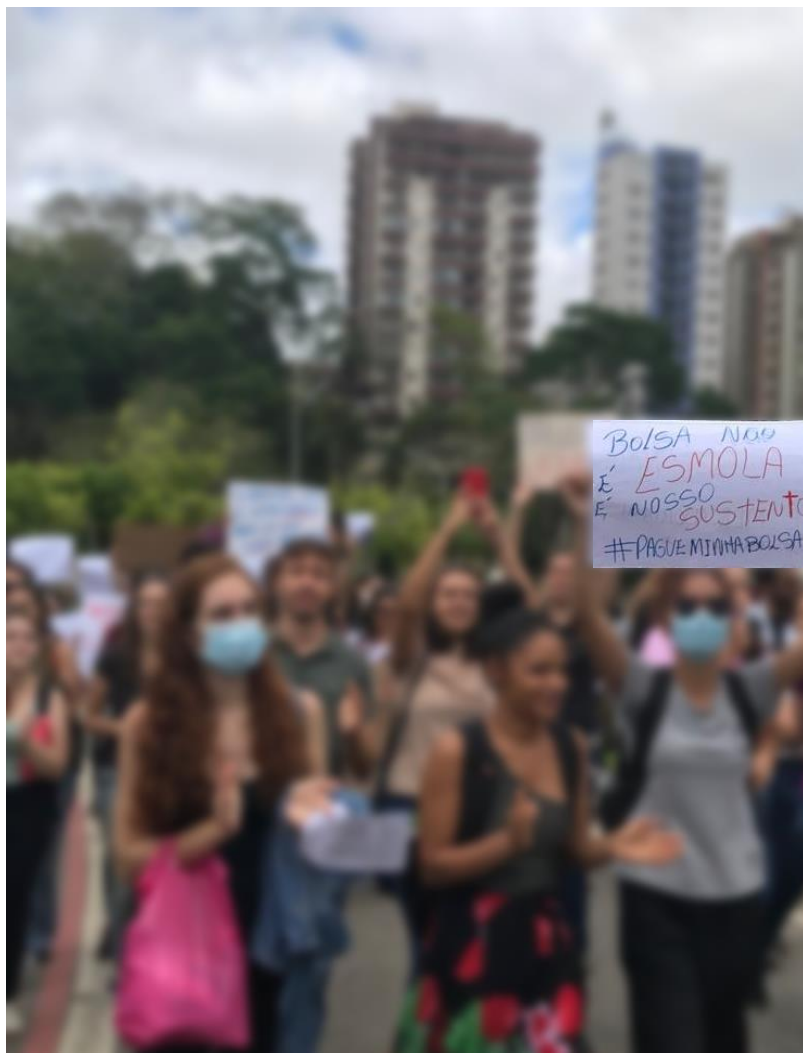


Imagem 30: Interrupção no pagamento das bolsas de auxílio à pesquisa da CAPES. Vou a protesto junto de outras(os) pesquisadores bolsistas na UFV, pois pesquisa é trabalho. Viçosa (MG), 07/12/2022.

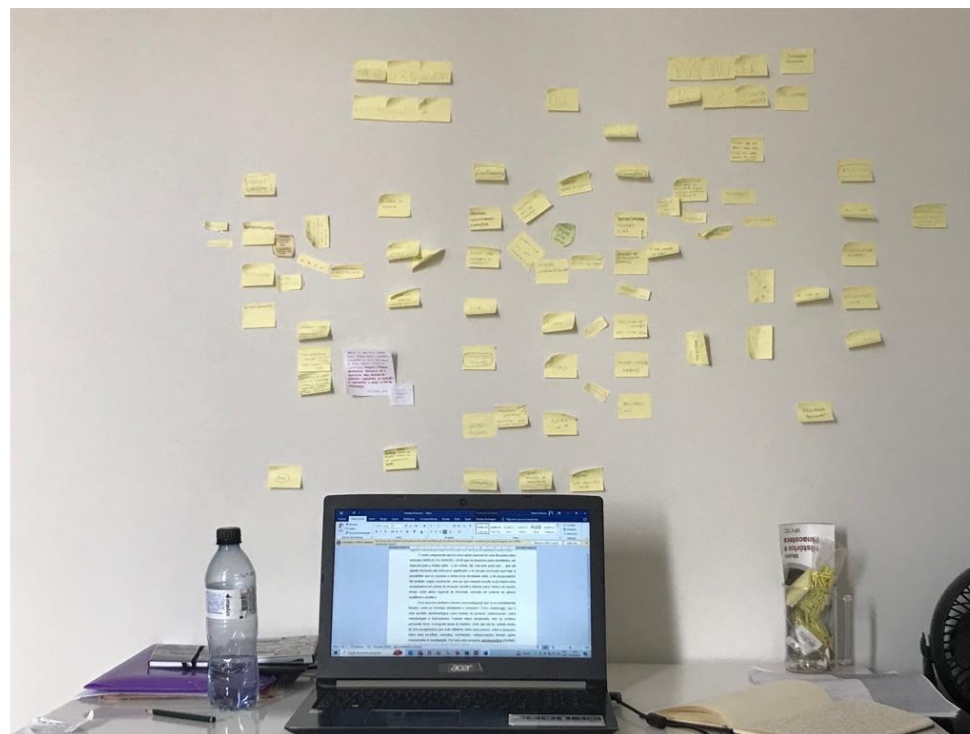


Imagem 31: Autoetnografando para o trabalho final da disciplina “Percurso metodológicos da pesquisa qualitativa em Educação”. Dezembro de 2022.



Imagem 32:  
Levando olhar etnográfico e  
espaço para o estágio  
supervisionado com a orientadora.  
UFV, março-julho, 2023.



Imagem 33:  
Sou um ponto dentro do  
mapa.  
Experiência com  
formação de professores  
no estágio  
supervisionado.



Imagem 34



Imagem 35



Imagem 36

Imagens 34, 35 e 36: Encontro com cultura e história no Kanduna Puri – 1º evento de celebração da cultura indígena promovido pela prefeitura de Viçosa (MG), 15/04/2023.



Imagem 37: “14<sup>a</sup> Troca de Saberes” na universidade. Aprendendo com grupos fora da sala de aula. UFV, julho de 2023.



Imagem 38:  
Puris na “14<sup>a</sup> Troca de Saberes”: encontro de outra relação com a linguagem. UFV, julho de 2023.



Imagem 39

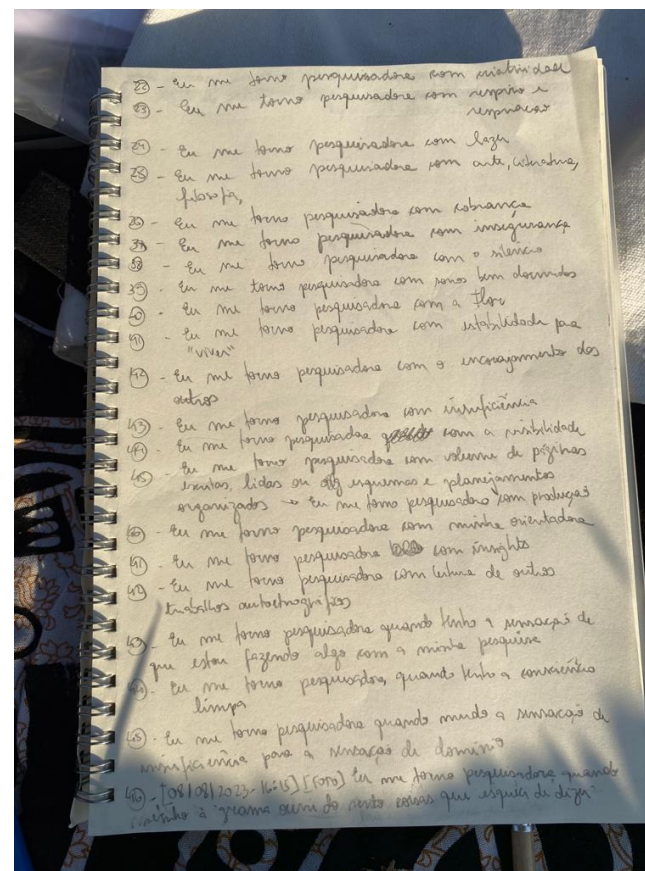


Imagem 40

Imagens 39 e 40: Revisitando e revivendo dados nos cadernos e diários para escrita do Seminário de Qualificação. "Eu me torno pesquisadora me tornando consciente." UFV, agosto de 2023.



Imagem 41: Apresentação da pesquisa autoetnográfica para a banca debatedora e ouvintes no Seminário de Qualificação. UFV, outubro de 2023.

...

Tentando entender a pesquisadora, estou tentando entender o que é o pesquisar – para mim. Busco, escuto, sinto, olho. Pelo retrovisor, os rastros; adiante, a intuição: “conhecer não é, de fato, adivinhar, mas tem algo que ver, de vez em quando, com adivinhar, com intuir” (Freire, 2013, p. 46). E as pistas estão por todos os lados. Quando a pesquisa encarna na sola do calcanhar, no assento do ônibus, na ponta do lápis, na parede do quarto, no pico de um morro e no som de um tambor, ela está onde estou. Onde estou em minha *formação* no mestrado é um caminho que se faz fazendo. Da cabeceira da minha cama há quatro semanas, quando acordo, Paulo Freire me fala que formação está naquilo do que para ele tem base *prática*. Em *Pedagogia da Autonomia* (2013, p. 9), diz: “*formar* é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas”. Para ele, prática formadora é a prática educativa em si mesma, uma formação que acontece no exercer dela própria, isto é, na práxis em que receber ou transferir um conteúdo não é o almejado. Ensinar, desse modo, seria criar condições para que o conhecimento seja construído. Penso que se formar pesquisadora – e a prática de pesquisar – seja assim também, associada às *condições criadas*. E as condições extrapolam um curso planejado.

Um currículo, derivado do verbo em latim *currere* (“correr”), é um percurso. No âmbito educacional, ele é tido como uma prescrição, pois oferece diretrizes, planejamentos, organizações e avaliações (Silva M., 2014) que podem influenciar e *condicionar* uma formação. No programa de mestrado *stricto sensu* do departamento de Letras na UFV, esse tipo de currículo em que no momento eu e a pesquisa nos encontramos tem no regimento as orientações gerais claras: é oferecido “nas áreas de concentração em Estudos Literários e Estudos Linguísticos”; “tem por objetivo a formação de recursos humanos, a realização de pesquisas e o aprofundamento de estudos científicos na área de Letras”; “terá duração máxima de 3 (três) anos, contados a partir da data da admissão” embora nos sejam cobrados 2 anos, especialmente para quem possui bolsa; e, para obtenção do título de mestre, o(a) estudante deverá cumprir com a “elaboração e defesa pública da dissertação de

mestrado” e “cursar o número mínimo de 24 créditos, 50% obtidos em disciplinas da área de concentração em que está matriculado”.<sup>11</sup>

Assim, quem consultar meu Registro Escolar no sistema da universidade, encontrará em “meu currículo”: “Bases Teóricas em Linguística Aplicada” e “Bases Teóricas em Análise do Discurso” (obrigatórias, de 4 créditos cada uma); “Estágio em Ensino II (obrigatória, por eu ser bolsista CAPES, 2 créditos); “Percurso da Pesquisa Qualitativa em Educação”, “Formação de Professores de Línguas” e “Educação e Cotidiano” (optativas, 4 créditos cada, duas delas cursadas no Departamento de Educação da UFV); “Seminário” (uma “pré-banca” da dissertação, 1 crédito) e aproveitamento da disciplina “Agência, Identidade e Discurso - Identidades e emoções na pesquisa em ensino-aprendizagem de línguas” (6 créditos, cursada como aluna especial no programa da UFPR durante a graduação). Cada uma dessas disciplinas atendidas conforme seus respectivos currículos, que foram elaborados pelas respectivas professoras e professores em consonância com as ementas disponibilizadas pelo Programa e em afinção com seus interesses próprios, leituras, metodologias de ensino, visões de mundo, referências, isto é, conforme se expressam as identidades e as crenças em suas formações. Formações que cruzam e aglutinam com a *minha* formação, e a trama de fios se maçaroca cada vez mais. Por isso, currículos são formas de produção de subjetividade e de realidades, diz o professor daquela disciplina de Educação e Cotidiano em uma aula sobre praticantes do cotidiano. Ele produz identidades: “os currículos expressam um processo de construção sócio histórico, mediado pela seleção baseada no que importa mais para os grupos dominantes naquele recorte temporal, e refletem o que se intenta para o estudante sujeito a ele” (Tavano; Almeida, 2018, p. 34). Currículos importam, currículo é político, é local de disputa e de poder.

Há, de fato, muito a se discutir sobre “currículo” e, por isso, há para ele toda uma grande área de Estudos Curriculares. Se eu seguisse por esse fio agora, como faria o movimento natural do meu pensamento – e ele já estava indo –, eu seria

---

<sup>11</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Centro De Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Letras. Regimento interno do programa de pós-graduação em Letras. Disponível em: <<https://ppgletas.ufv.br/wp-content/uploads/2013/04/Regimento-2020.pdf>>. Acesso em 10 dez. 2023.

levada para diversos outros cenários que me revelariam outras complexidades e fatores atuantes em meu pesquisar, em minhas escolhas e na construção de minhas identidades. *Mas, “delimita”, “tem que delimitar”, lembro-me de umas de minhas professoras (e autora de uma tese autoetnográfica) presentes na banca do Seminário falando. Seguro o pensamento e escolho ficar por aqui. É importante viver o Seminário.*

Acontece que um currículo assim concebido como prescritivo pode ser condicionante, mas não determinante. Pois quando encontro com Pinar (2011; 2016) e trazemos para o currículo o movimento, podemos passar a vê-lo não mais em sua completude de forma substantiva, mas deslocado como verbo, *currere*. O que ganhamos com o movimento é o nosso corpo, de sujeito, de humano, de pessoa, *com* experiências; com nosso envolvimento, nossas emoções e nossas ações, temos agência. O conhecimento construído sob outras condições: “intervindo no mundo, conhecemos o mundo” (Freire, 2013, p. 29). É quando o currículo é vivido e praticado em seu processo no cotidiano por alguém que tem história e cultura, ou seja, ao invés do foco no caminho definido, planejado, em que a estrutura a ser percorrida é o objetivo, “o protagonismo do *currere* é atribuído ao sujeito do currículo, na ação educativa” (Silva; Sá, 2020, p. 3). Ressoa com os “saberes de experiência feitos”, sobre os quais pergunta Paulo Freire (2013, p. 32) em *Pedagogia da Autonomia*: “Por que não estabelecer uma ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”

Desse modo, a aprendizagem vem não do planejado, mas do entendimento que o diálogo – consigo ou com outros – sobre essas experiências possibilita: “Esse entendimento, alcançado por meio do trabalho, da história e da experiência vivida, pode nos ajudar a reconstruir nossas próprias vidas subjetivas e sociais” (Pinar, 2016, p. 20). Eu comigo, eu com a pesquisa, eu com Ana, eu com Thays, eu com Bárbara, eu com Raquel, eu com você, que me lê: vivo, converso e aprendo. *Reunião com o grupo da Ana realmente acabou me fazendo bem. Foi bom ter tido espaço para falar da minha pesquisa e sentir que ela está sendo recebida e ouvir para onde devo ir (diário pessoal, 28/04/2023).* E aprendendo, faço intervenções que podem alterar

um curso, desdobrar os percursos, resgatar saberes outros e abrir o futuro: “*aprender é **uma aventura criadora**, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente a *lição dada*. Aprender para nós é *construir, reconstruir, constatar para mudar*, o que não se faz sem **abertura ao risco** e à **aventura do espírito**” (Freire, 2013, p. 68, itálico do autor, negrito meu). E esse *currere* não consta no histórico de meu Registro Escolar.*

É um risco percorrer o caminho no mestrado com a autoetnografia. E com a autoetnografia da pesquisadora vivendo a pesquisada sobre sua formação com a pesquisa é um risco duplo, uma metapesquisa. “*Viver e entender o que está vivendo às vezes é meio difícil*”, fala meu amigo calouro do mestrado enquanto estou escrevendo este parágrafo e conversando com ele. Que bom que ele me entende. Lembro de Riobaldo no sertão de suas veredas também exclamando: “*No meio da travessia não vejo!*”. É sábado, dia de feira, e preciso entregar esta parte do trabalho finalizada para Ana em dois dias. Daqui uma semana viajo para o sul para as festas de fim de ano, por isso, desejo “*Feliz Natal!*” ao senhor na barraca de quem sempre compro couve, salsinha e cebolinha. Trago na garupa da bicicleta cenoura, tomates e mangas. Faço cinco saudações ao sol mesmo quatro horas depois de ele já ter me saudado e entoo que andar com fé eu vou, que a fé não costuma faiá, da playlist que fiz para esta pesquisa, que toca agora – o play quando preciso me libertar. Fiquei travada ontem o dia inteiro em dois parágrafos. Falei que ia para a Experiência e acabei indo para o Currículo, hoje eu ia para o Caminho, mas acho que vou para o Tempo. Eu pico a salada pro almoço pensando no esboço, meu amigo me pergunta como é que estão as coisas aí, eu respondo. Que bom que ele me entende.

É bom quando alguém de fora, como meu amigo, vê e fala. Receber a troca da empatia. Apesar de compartilharmos um currículo comum, cada pessoa tem sua forma de trilhar a pesquisa, cada uma e cada um tem seu caminho, tanto com seus percursos metodológicos, quanto com seus percursos de vida. Cada uma e cada um com seus objetivos. E uma das coisas mais difíceis de se entender no mestrado é isto: que as pessoas têm suas formas particulares de se relacionar com o tempo e suas formas particulares de se relacionar com o espaço, como esta pesquisa autetnográfica bem vem me mostrando. Por isso, o pesquisar, a formação e a

construção de crenças e identidades, embora sociais e compartilhadas, são também singulares; cada pessoa constitui em si uma *diferença* e constrói para si seus sentidos:

Cada pessoa é vista como um entrecruzamento de contextos diversos, o que faz de cada uma um ser único e ao mesmo tempo coletivo, um ser social e ao mesmo tempo individual em seus processos de significação, em sua maneira de conferir sentido ao mundo: as pessoas são particulares e únicas porque cada uma promove o entrecruzamento dos discursos que a perpassam em pontos distintos, de acordo com sua maneira única de ver o mundo; as pessoas constituem-se também coletivamente porque aprendem em suas comunidades a privilegiar certos tipos e locais de entrecruzamento discursivo, a fazer com que certas visões de mundo coincidam em determinados aspectos e não em outros, conforme costumam fazer as diferentes culturas em que transitam. (Jordão, 2005, p. 2)

Mas não é simples reconhecer e distinguir isso dentro de uma estrutura. Dentro de um contexto acadêmico de produtividade acelerada e de competição, encontramos-nos constantemente em situações – por exemplo, eventos acadêmicos, apresentação de trabalhos em congressos ou até mesmo em aulas – em que argumentar e defender uma “verdade”, uma “tese”, um “conhecimento” é a prática social esperada, o que para mim é diferente de propiciar oportunidades para se fazer uma reflexão crítica, por exemplo. Desse modo, a posição de defesa (para mim monológica) sobrepõe-se ao da escuta (que entendo como dialógica). E, assim, acabamos ficando no ser coletivo do currículo acadêmico, cumprindo com prazos e objetivos, com a mira para o fim; e não no *currere*, tendo conversas consigo e com outros presentemente, com tempo de qualidade, criando entendimentos e consciência sobre o que se está atravessando, quem se é ou quem se quer tornar. Não valorizamos ou aprendemos a valorizar o próprio caminho; não enxergamos e não sentimos os sujeitos humanos que há em nós, pesquisadoras e pesquisadores. A comparação, portanto, fica difícil de ser desviada:

Por que eu sempre acho que estou fazendo pouco?

Diário pessoal, 11/09/2022

Por que sempre me sinto em débito, na pesquisa não consigo avançar, não confio em mim? A pesquisadora e a pesquisada. O medo de não ser científico. O medo de ser egóico. A quem mais isso importa?

Diário pessoal, 17/07/2022

Fiquei feliz quando consegui responder sem relutar ou sentir vergonha sobre a minha pesquisa, e fez sentido para a pessoa.

Diário pessoal, 20/03/2023

As emoções que circulam nesse contexto tornam difícil reconhecer como legítimo, no ser individual em mim, uma voz e uma diferença que constituem minha construção identitária de pesquisadora. “Fiquei feliz” e “fez sentido” porque a interlocução naquela ocasião mencionada acima foi com uma pessoa também das humanidades. Mas, a vergonha, o medo e a culpa em minha relação com a pesquisa e o pesquisar mostram como o ambiente universitário e científico em que estou inserida constroem essa prática nos discursos da “produtividade”, da “inovação”, do “avanço”, do “rigor” e da “tecnologia”, por exemplo. Os postulados da racionalidade da ciência moderna que regem as ciências naturais – e agora somados aos discursos e práticas neoliberais – parecem me abranger, mesmo eu me situando em um paradigma qualitativo de pesquisa nas ciências humanas e sociais.

De fato, percebo na UFV (que é de onde posso falar atualmente), um espaço que institucionalmente se constrói por esses padrões hegemônicos do que é “ciência”. Isso se mostra na compartimentalização dos departamentos pelas áreas do conhecimento (em consonância com as também divisões consideradas pelo CNPq) e assim as divisões disciplinares e ofertas de disciplinas nos programas de pós-graduação; as formas avaliativas em formatos escritos determinados – em teses

ou dissertações - e outras avaliações com base quantitativa e numérica de classificação; nos formatos de realização de eventos acadêmicos e os critérios de avaliação considerados, como na Semana de Integração Acadêmica (SIA); e nas exigências do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos determinadas pelo setor da Saúde, para mencionar algumas dessas normas reguladoras, que, por sua vez, respondem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Essas normas partem de uma concepção específica do que é “pesquisa” e “produção de conhecimento”; elas delimitam bem o espaço das práticas e relações do que defendem por “ciência”. E essas práticas e relações parecem barreiras à autoetnógrafa. A autoetnógrafa que pesquisa a pesquisadora em mim se sente barrada; ela precisa ter os limites alargados para ter construído o seu sentido de existir. Ela - eu - está aqui para criar esse espaço:

De acordo com Kleiman (2013), nossas universidades não operam bem com questões referentes à diversidade e à reinvenção epistemológica. Para a pesquisadora, precisaríamos “sulear” o debate, a epistemologia, o que precisaria constituir nossos cursos de graduação, nossos currículos de cursos de formação de professores, “de modo que as chamadas histórias apagadas e tradicionalmente esquecidas das periferias se tornassem centrais, em vez das histórias eurocêntricas ou norte-americanas” (p. 23). Ou seja, precisamos contar e legitimar as nossas histórias, os nossos conceitos, os nossos saberes. (Pires-Santos *et al.*, 2015, p. 42)

Por isso, vou me deslocando pelo campo epistemológico e pelo *campus* da universidade. Por dentro, seguindo o movimento do meu pensamento enquanto por fora, o passo é do tipo etnográfico. Observo a arquitetura dos prédios, provo dos pães de queijo, escuto as palavras, procurando neles e nelas a história, a cultura, como se formam identidades, o que é a linguagem. *Qual o lócus da Linguística Aplicada?* Com a atenção voltada para os sujeitos, os conceitos estão por todas as partes: “como pessoas interessadas em linguagem, estamos inevitavelmente preocupados em entender a diversidade” (Street, 2010, p. 43). Uma roda de capoeira, um aglomerado de venda de ingressos para uma festa universitária, um grupo correndo com camiseta personalizada, pessoas dançando forró ao meio-dia, ensaios de maracatu ao fim da tarde, se estiver aberto, é possível entrar de

mansinho em todas as rodas. Etnografar é assim, imergir aos pouquinhos escolhendo uma roda, uma comunidade.

Imergir para participar, participar para observar, observar para descrever, descrever para analisar. Em sua formação etimológica, “etnografia” é uma palavra inventada no século XIX que combina duas outras de origem grega: *graphein*, o verbo para “escrever”, e *ethnoi*, um substantivo plural para “nações”, que também passou a ser compreendido para designar um grupo de pessoas acostumados a viverem juntos, uma comunidade ou um grupo partilhando uma cultura (Erickson, 2010). É uma metodologia e tipo de pesquisa que se originou na Antropologia com objetivo de estudar uma determinada realidade social e cultural. Através da observação direta e participante, a pessoa etnógrafa compartilha a experiência vivenciada pelo outro a partir da relação de intersubjetividade que com ele estabelece (Clifford, 1998), por isso tem como premissa o exercício intenso de alteridade (Pimentel, 2014). Como processo de produção de conhecimento, a pesquisa etnográfica foi sendo adaptada por pesquisadores para ser utilizada no estudo de outros tipos de grupos sociais, em outras áreas do conhecimento, como na Saúde, na Educação, na Linguística Aplicada e na Comunicação.

Por isso, “etnografia” está comigo desde o tempo em que era estudante de Jornalismo na UFSC. Durante aquela época, experimentei disciplinas optativas em outro departamento da universidade por interesse em cursar a de “Antropologia Social”. Depois, levei os aprendizados ao trabalho de conclusão de curso, ocasião em que realizei com uma colega da turma uma pesquisa em videodocumentário. Eduardo Coutinho, saudoso documentarista brasileiro, foi inspiração. Sua escuta sensível trazia um clima de diálogo espontâneo para as entrevistas que realizava em campo, transformando-as em conversas naturais, já que as perguntas que dirigia aos entrevistados não vinham com respostas antecipadas. Assim, o espaço para a história estava, dentro do que o contexto lhe possibilitava, completamente aberto:

No centro do seu método, está a fala de alguém sobre sua própria experiência, alguém escolhido porque se espera que não se prenda ao óbvio, aos clichês relativos à sua condição social. O que se quer é a expressão original, uma maneira de fazer-se personagem, narrar, quando é dada ao sujeito a oportunidade de uma ação afirmativa.

Tudo o que da personagem se revela vem de sua ação diante da câmera, da conversa com o cineasta e do confronto com o olhar e a escuta do aparato cinematográfico. (Xavier, 2004, p.180)

Eu falo ainda hoje que aprendi a escutar pessoas, e a ler nelas histórias, com Coutinho. Sua disponibilidade para a troca, para o imprevisto, para a pessoa que lhe narra dá outros tons de vida para uma realidade representada em uma entrevista: "Tento fazer filmes em que tenho perguntas a colocar e vou tentar saber quais são as respostas fazendo o filme. Geralmente o filme, quando dá certo, não termina com uma resposta-síntese. (...) meus filmes terminam, suponho eu, com perguntas e reflexões e não com uma resposta" (Coutinho, 1997, p. 168-169). Quando tento fazer uma pesquisa qualitativa, tenho perguntas a colocar e vou tentar saber as respostas fazendo a pesquisa, e não antecipar respostas e resultados. É bem provável que eu também termine fazendo-me mais perguntas.

Em 2014, as reflexões que eu e minha amiga queríamos trazer para o TCC estavam nas histórias de vida dos catadores de lixo do então maior lixão a céu aberto da América Latina, localizado na cidade Estrutural, uma cidade satélite de Brasília (DF). Naquele ano, o lixão estava para ser desativado em conformidade com a Lei Nacional de Política de Resíduos Sólidos, porém o impacto social na vida dos trabalhadores que, desde a formação da cidade em torno do lixo dependiam dele para sobreviver, não estava sendo reportado pela grande mídia, que se mostrava apenas interessada nas resoluções ambientais. Precisando permanecer morando na cidade por um mês e adentrá-la aos poucos, para conhecer pessoas, entrar em suas casas, construir com elas confiança e subir ao lixão para acompanhar suas rotinas de trabalho e representá-las em imagens e falas exigiu de nós um processo de imersão e uma experiência de contato que modificou completamente minha relação com a alteridade<sup>12</sup>. Sinto que acabou se desenvolvendo em mim algo próximo do que acabo lendo em Pimentel (2014), pesquisando no mestrado para planejar uma aula de Estágio Supervisionado para a graduação, sobre “atitude etnográfica”: “Defino como atitude etnográfica as práticas de alteridade nas quais buscamos assumir

---

<sup>12</sup> “Lixo Estrutural”, resultado do videodocumentário apresentado no TCC pode ser assistido por aqui: <<https://vimeo.com/113562730>>.

posições ao lado das pessoas para compreender o desconhecido através de outras perspectivas socioculturais” (Pimentel, 2014, p. 51).

Atitude essa que está em meus passos, quando, andando pela universidade em Viçosa, escolho entrar em uma roda. A pesquisa também entra, pois, desta vez, *estou* autoetnógrafa. É a “Troca de Saberes” acontecendo, momento quando o gramadão em frente ao Bernadão (aquele que você viu no início deste trabalho) se torna ponto de encontro para agricultores, quilombolas, indígenas e movimentos sociais compartilharem manifestações e conhecimentos (Imagem 37). Sento sobre a grama, pessoas de uma etnia outra da minha têm a fala. Lembro de professores na graduação em Letras dizendo que língua, para além de estrutura, é um espaço de produção de sentidos, uma prática que tem função social, poder e que se constrói em diferentes contextos, a partir do uso e de nossa agentividade (Jordão, 2014). E Brian Street, antropólogo que pela pesquisa etnográfica fez surgir os Novos Estudos de Letramento – uma contribuição para a Linguística Aplicada – complementou: “do ponto de vista etnográfico, precisamos ir além e começar a perguntar: ‘que outras categorias podem existir para se entender o mundo e estar no mundo (...)’” (Street, 2010, p. 44), reconhecendo práticas sociais locais e identidades e legitimando-as, em suas escritas e leituras, nos diferentes grupos sociais (Pires-Santos et al., 2015).

Quando escuto sobre a Marcação do Tempo do Povo Puri de Guiricema (MG) (2023), por exemplo, vivo um dia não definido pelas horas de utilidade do trabalho exercido para o capital, mas pela duração da luminosidade do sol e pela fase da lua (Imagem 38). O céu torna-se presente de diversas formas, materializado na terra, no plantio da semente, na colheita do fruto, nas mexericas agora na roda partilhadas e ingeridas – doces e cítricas – porque é julho; está nas cabaças que se tornam cumbucas, nas peneiras de palha tecidas por Zé Maria, na poesia musicada e pinturas corporais de Dauá Puri e no bambu que sustenta a arquitetura de folhas secas a nos prover sombra enquanto observo no jogo de memória distribuído sobre o solo que na imagem do instrumento de percussão cilíndrico e de couro em que eu vejo um “tambor”, Carmelita Lopes Ñamá Pury ouve a “imitação do som do trovão”, em sua língua: *borara*. Diante de mim, sentidos não fonéticos e fonológicos expressam agentividade e comunicação em um mundo que se cria com outras

semióticas. Coadjuvante a palavra escrita, com os sons na centralidade, se prestarmos atenção, escutamos. *Sim, são possíveis mundos outros. O estrangeiro nos oferece contato para outras maneiras de produção de sentido, o que alarga as possibilidades de nosso entendimento do mundo:*

Assim, aprender uma *língua estrangeira* não é necessariamente o mesmo que aprender *uma cultura estrangeira*: aprendendo uma língua estrangeira eu adquiero procedimentos de construção de significados diferentes daqueles disponíveis na minha língua (e cultura) materna; eu aprendo que há outros dispositivos, além daqueles que me apresenta a língua materna, para construir sentidos, que há outras possibilidades de construção do mundo diferentes daquelas a que o conhecimento de uma única língua me possibilitaria. (Jordão, 2005, p. 3)

Com os Puris, aprendo que *escutar, estar e conhecer* é com meu corpo todo. Pois caderno, lápis, *smartphone* ou qualquer outro dispositivo de gravação são dispensáveis se se está em uma roda que te convoca as mãos para os maracás, os pés para a ritmização, as vozes para o canto e o ar para instrumentos de sopro, como venho a experienciar na roda de honra aos ancestrais em abril de 2023 na abertura do 1º Kanduna Puri – primeiro evento a celebrar a etnia promovido no centro da cidade pela prefeitura de Viçosa (Imagens 34, 35 e 36). Para uma cultura tão aficionada e confiante no registro escrito, dependente dele – e atualmente cada dia mais da imagem – e de uma crença na racionalidade, como a minha ocidental branca, orientar-se pelo som, pela oralidade, aciona outros sentidos e emoções com a linguagem. É preciso estar presente para guardar; experiência e memória transformadas em outras práticas. Como uma pesquisadora que se forma em LA, acredito ser importante questionar e ter uma compreensão (minha) do que é a língua(gem) e o que ela faz. É o que estou buscando...

Eu acredito no poder da língua. Eu acredito no poder da palavra. Eu tenho um problema com palavras, porque eu amo as línguas, eu amo as palavras e em como podemos criar coisas, fazer mágica, mobilizar, manipular. E elas também podem criar coisas em nós. Produzindo sentidos, elas criam realidades. Por isso, penso assim como Larrosa (2002, p. 21):

As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras. E, por isso, as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle das palavras, pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras.

Eu penso muito nas palavras que uso. E naquelas que escuto, que leio, que me afetam, então as guardo. Preservo, desde antes desta pesquisa (e durante a pandemia usei muito), caderninhos – que não gosto de chamar de diários. Na mesma medida em que dar nome às coisas tem o poder de criar, dar nome também pode apagar. Por exemplo, no cultivo de café na Serra bem próximo daqui que tem hoje nome de Brigadeiro, os Puris existiam. Mas não para mim, ainda estrangeira em Minas, em Viçosa e no primeiro ano de mestrado, que apenas ouvia falar das pessoas e do turismo ecológico sobre os cafés, as trilhas e as cachoeiras da “Serra do Brigadeiro”. Só pude conhecer um pouco mais sobre a ocupação da Zona da Mata mineira quando, pela divulgação no *email* da universidade, participei de uma saída de campo organizada pelo pessoal da Semana Acadêmica de Geografia, na tentativa de “me situar”. Subimos em caminhada ao pico do Cruzeiro do Careço, um dos pontos no caminho para a Serra, e lá, distante e do alto, os mediadores trocaram comosco os relatos, depoimentos e informações que vinham obtendo com suas pesquisas de mestrado e doutorado (Imagens 23 e 24). Os Puris então apareceram pelas palavras. Assim como “*guerras*”, “*lei de terras*”, “*expansão de empreendimento*”, “*quartéis*”, “*ouro*”, “*região de abastecimento*”, “*aparatos materiais simbólicos*”, “*catequizações e fortificações*”, “*intrusão*”, “*espaço e contraespaço*”, “*zona da mata: sertão proibido*”. Lá, distante e do alto, uma outra narrativa da história, comigo, a partir daquele momento, se espacializava. Mesmo de “origem” fora *daquele* mapa de Minas Gerais e Zona da Mata, com a pesquisa autoetnográfica vou me tornando um ponto onde aqui e agora – Viçoca, 2023 – vão se encontrando diferentes trajetórias.

Comigo me deslocando, o mapa vai tendo suas bordas alargadas. E assim o espaço e o olhar etnográfico acabam indo parar na sala de aula. Mas de uma outra posição. *É possível proporcionar a graduandas e graduandos de Letras em formação*

*inicial uma experiência de regência envolvente e sensibilizada ao espaço do ambiente escolar?* Desta vez, proponho eu abrir uma roda. Sentadas e sentados sobre a grama do Departamento de Letras da UFV, estendo o mapa. Eu gosto de chão, eu gosto de espaço e eu gosto de diálogos. Ana me convida para uma fala com a turma para a qual leciona Estágio Supervisionado na graduação, mas o movimento do meu pensamento e a abrangência do meu situar faz da ideia de um encontro único se transformar em uma proposta a percorrer todo o semestre: a formação da pesquisadora encontra com a formação da formadora. Pensando bem, é Ana quem abre a roda para mim.

Desde o início é Ana quem abre a roda para mim. Quando em 2021 durante o último ano da graduação em Letras eu cursava como aluna especial da pós-graduação da UFPR a disciplina de “Agência, identidade e discurso”, encontrei pela primeira vez a inter-relação de identidades, crenças e emoções (Barcelos, 2015). No caso de professores de línguas, um entendimento sobre suas identidades ajuda-nos a compreender mais sobre como constroem sentido para si e como isso reflete em seus modos de agir e de se relacionar com o ensino e estudantes (Brzezinski, 2002; Varghese; Morgan, Johnston; Johnson, 2005; Ferreira, 2015). Suas experiências são mediadas por um filtro que acaba se tornando uma característica importante do ensino. Esse filtro é operado pelas crenças (Barcelos, 2006), que estão intimamente ligadas a experiências passadas e podem influenciar a interpretação de novas informações e experiências (Borg, 2018). Com a Virada Afetiva chegando à LA, tal interpretação também passou a abranger percepções que, na compreensão de Aragão (2005), Golombek e Doran (2014), White (2018) e Barcelos *et. al* (2022) são entendidas como emoções. Elas influenciam nossas ações, tomadas de decisão e na maneira como nos enxergamos. Desse modo, identidades, crenças e emoções são concebidas como contextuais, relacionais e dinâmicas, interagindo em um processo aberto a mudanças e adaptações. Portanto, não são fixas, acabadas e definitivas:

As emoções moldam as crenças, intensificando-as, tornando-as mais fortes ou mais fracas, criando crenças, alterando-as, e essas crenças, por sua vez, moldam nossas emoções. Ao mudar nossas crenças e nossas emoções, estamos construindo diferentes identidades dentro do que é possível ou permitido construir, dadas as estruturas de

poder da sociedade em geral. Além disso, as emoções fazem parte de nossas identidades. Somos o que acreditamos e o que sentimos. As crenças formam e fazem parte de nossas identidades, e as emoções estão no centro do que as crenças são. (Barcelos, 2015, p. 315)

A organização desses conceitos colocados de tal modo como parte de uma rede complexa ou de um “continuum” (Barcelos, 2015) ressoou com meu período reflexivo de pandemia, de conclusão de curso, de iniciação científica, com o modo de perceber minha relação com o mundo e com projeções do futuro. O mestrado ainda não estava elaborado em papel, mas os construtos assim relacionados começaram a se desenvolver no TCC, a partir da sistematização de estudos conduzidos em Linguística Aplicada publicada por Ana. Seu artigo de onde extraí o trecho acima (Barcelos, 2015) foi importante referência para mim para começar a pensar sobre o assunto mais a fundo. Naquela época, Ana era Barcelos; suas palavras me alcançavam virtualmente e à distância por meio de livros e periódicos de alta relevância. Para mim, Barcelos chegava como nome de uma renomada autora e pesquisadora.

Acho curioso o uso de sobrenomes no discurso acadêmico. Usamos dessa maneira para fazer referências a obras e citar argumentos, análises e pensamentos de autoras e autores. Dialogamos com essas pessoas textualmente com uma linguagem convencionalmente formalizada que pressupõe o sobrenome como símbolo de respeito, de profissionalismo, de impessoalidade e também de distanciamento em oposição à intimidade. Eu gostaria de entender como se originou e se perpetua essa norma até os dias atuais, mas quando pesquiso no *Google* em português, não encontro respostas a não ser *links* para manuais da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT); e quando tento em inglês, o que encontro são especulações no *website* de perguntas e resposta “Quora”. Lá, comentaristas falam sobre o registro formal, a tradição acadêmica e a precisão quanto a nomes próprios que na língua inglesa podem ser usuais e gerar confusão. Tentei o *ChatGPT*, e a resposta foi parecida. No entanto, minha inquietação não é questionar o respeito e o profissionalismo exigidos pelo discurso científico, mas problematizar a omissão que um sobrenome pode causar quando não acompanhado de um primeiro nome, construção social que também marca uma identidade.

A autoria deixada apenas no sobrenome pode ser a reprodução de um modelo de ciência hegemônico masculino e branco que preza pela neutralidade, universalidade e objetividade. De certa forma, vejo aí ser escondida a corporalidade; é como se no último nome existisse a voz da mente racional e transcendente imbuída de poder, e no primeiro nome a voz de um corpo afetivo, situado e, por ser encarnado “humano”, fragilizado. Em questão de gênero e sexualidade, isso gera bastante debate. Não é incomum, por exemplo, ouvir autoras mulheres serem referidas com pronomes masculinos pelos seus sobrenomes em leituras e discussões feitas em aula e grupos de estudos a respeito de seus trabalhos. Na crença dominante científica, os sobrenomes são dos homens. Mas mulheres também fazem ciência, também têm nomes e sobrenomes.

Quando Barcelos se torna Ana em meu discurso não estou diminuindo o imenso respeito e admiração que tenho por seu trabalho. Tampouco deslegitimando a relação profissional que seguimos construindo como orientadora e orientanda desde que fui aceita por ela em seu grupo de pesquisa no mestrado. Não vejo como uma exposição de intimidade, mas sim de afinidade, como uma relação humana que se estabelece, na ciência e na vida, por conexões. Foram elas que me conduziram, já desde as crenças, identidades e emoções, para sua orientação. Em um capítulo de livro escrito em tom mais pessoal, ela diz que identidades de professores de línguas são construídas por como professores se relacionam com o que leem, qual sentido fazem de artigos de pesquisa e metodologias de ensino e como se identificam com eles ou não (Barcelos, 2017). Vejo-me construindo pesquisadora também dessa forma, identificando-me com aquelas e aqueles que leio. Aos poucos, vamos *nos encontrando*, Ana e eu, do texto à vida, entremeando *nós*. Confiamos, as duas, na respiração. E, assim, um sobrenome passa a ocupar espaço, ganha vida, presença, ossos, pele, músculos e pulmão.

Barcelos para mim vai se tornando Ana quando ainda em plena pandemia, vejo-a pela primeira vez, pela tela do computador, com senso de humor e sorridente durante o Congresso Latino-Americano de Formação de Professores e a escuto falar nos comentários das apresentações – das quais participo ainda como iniciante científica e à distância – sobre abraços, árvores, fraquezas e emoções. Barcelos vai

se tornando Ana quando intuitivamente semanas após esse evento investigo com qual instituição está vinculada sua pesquisa e se há vagas no mestrado para receber sua orientação; Barcelos vai se tornando Ana quando submeto um projeto de pesquisa com o seu nome na capa, abaixo de onde ocultei (por fins de sigilo) o meu; Barcelos vai se tornando Ana quando recebo diretamente dela mensagem no celular com boas vindas e inclusão em seu grupo de *Whatsapp* (imagem 6); Barcelos vai se tornando Ana quando antes de eu ir, verifica com todas as partes envolvidas a confirmação da bolsa auxílio CAPES que garantiria meus estudos e permanência, longe da cidade em que eu vivia, na pós-graduação; Barcelos vai se tornando Ana quando me recebe de braços abertos em Viçosa e UFV e pergunta frequentemente como estou; Barcelos vai se tornando Ana quando no café para o qual me convida em uma tarde de inverno escuta as “loucurinhas” e os *insights* que passam na minha cabeça e acolhe minhas preocupações com insegurança, bloqueios, crises e autocobranças com a escrita e o trabalho, acalmando-me as ansiedades no coração. Barcelos vai se tornando Ana quando me permite, enquanto orientanda, pesquisadora, aprendiz, professora, humana – com todas as vulnerabilidades e potências que isso significa – ser quem eu sou.

Com Ana, aprendo de perto e na práxis o que Freire (2013) considera formação. Faz de sua prática educativa no cotidiano reflexão crítica que se abre para transformar suas ações no amanhã: “quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de por que estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar” (Freire, 2013, p. 40). Tanto como pesquisadora, orientadora, professora e formadora: Ana se vê implicada em sua pesquisa. Ela reconhece que escrever sobre crenças em seu trabalho de doutorado fez com que percebesse como suas próprias crenças estavam intrinsecamente ligadas às questões de quem ela acredita ser no mundo (Barcelos, 2017). E isso ela leva para a maneira que ensina em sala de aula: “Como formadora de professores de línguas, eu estive (e ainda estou) constantemente tentando entender as crenças de meus estudantes assim como as minhas próprias e conhecer a fonte dessas crenças e de que maneira elas moldam a imagem que estudantes fazem deles mesmo como futuros professores.” (Barcelos, 2017, p. 146, tradução minha). Com sua postura reflexiva, convida a turma para que

também se envolva no reconhecimento de suas próprias histórias. Uma das atividades propostas para os licenciandos na graduação, por exemplo, é escreverem suas histórias com a aprendizagem/ensino de línguas, oportunizando espaço de encontro com memória, afetividade e análise de suas próprias crenças, emoções e identidades. Ana valoriza as *leituras de mundo* de suas alunas e alunos; vejo nela encarnadas as palavras de Freire (2013, p. 45):

Pormenores assim da cotidianidade do professor, portanto igualmente do aluno, a que quase sempre pouca ou nenhuma atenção se dá, têm na verdade um peso significativo na avaliação da experiência docente. O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser “educado”, vai gerando a coragem.

Posso fazer tal afirmação pela minha própria experiência. Como aluna sua no mestrado, também passei pela oportunidade de revisitar minha história com a língua inglesa, o ensino e a aprendizagem. Esse encontro gerou reflexões que pude elaborar com mais consciência na seção anterior deste trabalho (“Os caminhos que trazem aqui já são a pesquisa”) quando busquei compreender em mim – e na minha trajetória – minha relação com identidades. Com elas, e pela autoetnografia, segui mergulhando mais fundo do que poderia prever; e, quando de fora observo, vejo-me refletida não em superfície plana e estática de um espelho, mas como nuances, nas ondulações instáveis e variáveis do mar. Ana me incentiva e me encoraja, com as minhas habilidades, com a minha história, minha singularidade, os meus interesses, o meu olhar, minhas sensibilidades e com o meu tempo, a navegar, a escrever e me reconhecer nesse lugar. Eu, que me prendia em vergonha de mim mesma, sentindo-me à deriva em um caminho de vida e de pesquisa que não segue linear, vejo-me, aos poucos, com a pesquisa e com a orientadora, conseguindo me libertar:

uma das tarefas mais importante da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador,

realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar.  
(Freire, 2013, p. 42)

Assumir-me como sujeito na pesquisa autonográfica sobre formar-me uma pesquisadora com identidades, crenças e emoções não é fácil. É difícil, pode ser sofrido, pode parecer errado falar de mim, pode expor vulnerabilidades e trazer sentimentos de inadequação, como aqueles que mencionei anteriormente em relação ao campo da LA, já que em ocasiões de aula escuto me perguntarem: “*Após concluída esta pesquisa, você seria reconhecida pelos seus pares?*”. Refletir sobre o “eu” no *agora* e no *aqui* coloca-me em confronto direto com meus desejos, com meus valores, com minha ética, com meu passado e com meu futuro, o que gera medo de descobrir que talvez eu não poderia ou não deveria, que não teria capacidade ou que não gostaria realmente de estar aqui. São crenças que, com Ana, aprendi a assumir, encarar e transformar em mim.

Ela conta que ao concluir sua licenciatura em inglês, acreditava que a falta do sotaque “nativo” “norte-americano” ou “britânico” lhe causava prejuízos na maneira como se reconhecia como professora e usuária da língua (Barcelos, 2017). Isso começou a ser alterado após a reflexão suscitada por um visitante norte-americano, que lhe perguntou sobre qual seria o problema com o sotaque brasileiro. A partir daí, buscou explorar o papel dessa crença em sua identidade: “Escrever sobre isso me ajudou a começar a entender e lidar com minha crença e, portanto, abriu um mundo diferente para mim com possibilidades de identidades de usuária de inglês outras que a de uma ‘falante não nativa desfavorecida’ procurando pelo ‘sotaque nativo’” (Barcelos, 2017, p. 145, tradução minha). Ana conta que a mudança não aconteceu da noite para o dia; foi um processo que passou por leituras de artigos acadêmicos que tratavam do assunto e pela oportunidade de vivenciar o doutorado nos Estados Unidos. Essas experiências lhe abriram a mente e ajudaram-na a “ressignificar a crença naquela época e, portanto, experienciar mudanças em minhas próprias identidades como usuária da língua, professora e pesquisadora” (Barcelos, 2017, p. 145, tradução minha).

Portanto, não parece acaso a intuição que segui anos atrás fazer meu caminho cruzar com o dela e o dela cruzar com o meu. Similar ao seu processo, mas por uma

outra vida, uma outra época e uma outra posição, hoje sou eu a ressignificar o espaço da pesquisadora que vai se construindo em mim. A crença, quando cheguei, em estar inadequada, desencaixada e de não poder compor nem a cidade nem a LA vai sendo transformada à medida que estar aqui – no mestrado, na autoetnografia, na UFV, em Viçosa – me faz questionar: *Por que investigar identidades e sua relação com crenças e emoções?; Por que autoetnografia?; Por que falar a partir da pesquisadora?; Por que Linguística Aplicada?* Vou seguindo essas perguntas e elaborando neste percurso em forma escrita de pesquisa – o qual você vem lendo desde a capa – o que e com quem vou encontrando no caminho. As emoções, que intensificam as crenças, que por sua vez constroem identidades (Barcelos, 2015), nesse processo, vão a cada dia, a cada mês, a cada estação e a cada ano se alterando. No deslocar da vida e da pesquisa, nada permanece o mesmo ou a mesma; estamos – estou –, com o tempo, no decurso da mudança:

**Tão viçosense**, que estou tendo meu primeiro **grande amigo** [inesperadamente] indo embora...Saio com ele à noite para uma cerveja e batata frita.

(...)

Passo a tarde **lendo** uma tese de autoetnografia que me deixa confiante. Que me passa a **sensação de que estou fazendo algo com a minha pesquisa**. Alguns **insights**. Saio à noite **com vontade** e consciência limpa.

Diário pessoal, 16/09/2022

(...) Meu peito **respira** melhor depois de ter dormido ontem com chá de erva doce e de ter abandonado antes das onze o projeto para poder **dançar**; ou **mover, soltar**, lubrificar a fásia. Funcionou, hoje acordei bem, até John Cage eu encaixei naturalmente, sem precisar forçar. **Eu detesto forçar**. Sem querer, eu analisei. **Eu gosto de analisar. Sou boa em analisar os outros**, então **por que escolhi me analisar?** Tô prometendo um monte nesse projeto, mas quero só ver se vou conseguir entregar tudo o que prometi. Mas o projeto vai dar, isso que pedi quando caminhei de manhã para aula antes de me maçarocar. A Ana foi a única que entendeu. **Nossa conexão** vem de algum lugar. Saí agora do banho com uma **ideia de artigo**. Eu tenho **insights na água**, e como estava tudo molhado quando fui a pé de manhã para a aula, **coloquei Djavan para tocar**. Tem chovido com torneiras abertas todos os dias no final do dia e/ou noite. Teve **tempestade** que até fez a Ana cancelar a aula à noite. Foi bom para eu **poder escrever**. Mas **tava lenta, não rendi**. Preciso respirar e olhar pra frente. Não enrolar mais o **bolo de fios**. Lembrei da “Meada”, um portfólio artístico que não serviu pra nada. Nem artista, nem mediadora, nem professora, **o que sou agora?** Lembrei do dom que eu buscava encontrar em mim em abril do ano passado quando **me isolei** no sítio com a mãe. Foi um período meio de crise, mas foi muito bom. Eu tinha **muita imaginação** e ia **dormir cedo** sem internet, no **silêncio** e na **escuridão**. Subia **a pé** pela manhã estradas de chão e encontrava bois pelo caminho. Mas eles não tinham asas como no meu bordado, e o dom que eu encontrei em mim naquela época foi **contemplar!** Achei meio **abstrato**, tosco, então a Carol me falou para **assistir “Soul”**, então eu **fiquei bem**. Tava passando essa animação no domingo anterior nas Quatro Pilastras quando eu tava voltando do **Vijazz**. Finalmente um rolê com a **minha “tribo”**, estar em **Viçosa está me fazendo bem**. Todo sábado vou **à feira**, toda terça e quinta vou à aula de **yoga**, caminhar **é seguro**, a **Flor** vai onde eu vou, **não me sinto mais sozinha**, estar nas **aulas no DLA** com as **meninas** é bom. **Fundamental foi eu ter me aproximado da Ana, importante ela me conhecer e saber de onde vem toda minha maçaroca. Ainda bem que ela entende!** Mas pelo link que ela mandou, acho que se escreve com dois “s”.

Diário pessoal, 16/11/2022

Gastei uma hora (ou mais) para **me definir** no resumo do Lattes. (...) Estou **me sentindo apaziguada, assumindo** aos poucos e verbalizando os **cruzamentos** que existem em mim. **O caminho é largo.**

Diário pessoal, 21/01/2023

O caminho é largo, como o movimento do meu pensamento e o deslocamento dos meus passos até aqui demonstraram. Mesmo dentro de uma estrutura de produção de conhecimento no paradigma moderno da racionalidade e de uma universidade assim também estruturada, um “currículo”, quando seguido pelos pés

do sujeito, apresenta marcas de desvios, atalhos e cruzamentos que trilham outras possibilidades. Pois, com a ação, temos a potência de, no corpo de quem age, sente, escolhe, decide, rompe e intervém (Freire, 2013), atuar fora do plano predeterminado. Escapamos à linearidade, traçamos curvas, enredamo-nos em maçarocas. Um *currere* assim praticado abre espaço para resistência; com ela, desenhamos outras *formas*.

Nos passos cruzados com os meus, percebi isso ocorrer comigo e ao meu redor ao longo desse percurso autoetnográfico. Por exemplo, na realização anual da “Troca de Saberes” criado como alternativa à “Semana do Fazendeiro”, ao invés do agronegócio – há 93 edições sendo tradicionalmente a atração principal na UFV – pude encontrar com a agroecologia e com histórias e saberes de outros grupos populares e tradicionais. Posso dizer que essas trocas *sulearam* (Silva Júnior, 2023)<sup>13</sup> a minha formação como pesquisadora, alargando, a partir do contato com o outro, a compreensão que tenho sobre o que é língua, cultura e conhecimento.

A “Troca” já traz em seu nome uma diferença na relação com o conhecimento dentro do espaço universitário. Há 14 edições integra universidade e comunidades de quilombolas, indígenas, agricultores e movimentos sociais, propondo em sua programação espaço de participação e de diálogos. Atualmente, também passou a ser reconhecida como disciplina optativa no currículo da UFV, contabilizando horas e créditos para quem se matricula e participa das aulas e da organização do evento. Respondendo à Pires-Santos et al. (2015) segundo apontado por Kleiman (2013) sobre a dificuldade das universidades brasileiras operarem com a diversidade e reinvenção epistemológica, a construção e realização da “Troca de Saberes” parece ser uma roda que reinventa a contação e legitimação de nossos saberes, nossos conceitos e nossas histórias. Uma trilha outra na formação da pesquisadora e na construção de conhecimento, que vai se criando pelas mãos de quem na academia por muito tempo havia ficado de fora.

---

<sup>13</sup> “O termo Sulear representa um posicionamento crítico às representações geradas pelo caráter ideológico do termo nortear, fruto de um pensamento eurocêntrico dominante a partir do qual o Norte passou a ser apresentado como referência universal. Sulear significa contrariar essa lógica, dando visibilidade à ótica do Sul e desconstruindo a falsa ideia de Norte como acima, superior e Sul como abaixo, inferior.” (Silva Júnior, 2023, p. 339).

De forma parecida, trilhar com a Semana Acadêmica de Geografia a subida para o pico do Cruzeiro do Careço também abriu uma diferente rota. Percorrer o interior da mata no encontro com pessoas de outros cursos e com elas ser conduzida por mestrandos e doutorandos de outras áreas situou a pesquisadora acadêmica de outro modo. Ao escutar os mediadores relacionando múltiplas temporalidades e assim fazendo encontrar naquele espaço uma heterogeneidade de trajetórias, protagonistas antes inexistentes ganham vida ao ganharem nome dentro de um mapa. Assim, não apenas começo a compreender um pouco mais o espaço que ocupo hoje geograficamente e com o qual vou me integrando com as minhas passadas, mas também o espaço que uma pesquisa de mestrado ou de doutorado cria ao nos apresentar narrativas escondidas na História.

De igual modo, penso no espaço em que a pesquisa nos é socializada. Nesse caso, fora de um contexto formal de simpósio ou de congresso, ocasião na qual pessoas costumam ser alocadas em um auditório fechado, onde seus corpos permanecem sentados, imóveis, escutando apresentadores mostrar em tela seus *slides* enquanto vez ou outra a atenção lhes é chamada por seus celulares. Diferentemente, uma Semana Acadêmica construída por corpo discente, isto é, corpos de estudantes, pode nos levar a campo e fazer ter com a ciência e a pesquisa acadêmica um diferente tipo de encontro. Com os corpos deslocados das salas e deslocando-se em grupo pelo chão da “realidade”, todas e todos têm a trilha do *conhecer* formada por seus passos. Com o cruzamento de percursos em um mapa, todas e todos que estão *presentes* trocam experiências e deixam nas folhas, nos galhos, no chão as suas marcas.

Foi assim que busquei conduzir a atividade proposta na aula de Estágio Supervisionado. Com essas relações que eu construía com a observação, o campo etnográfico, a espacialidade e as reflexões que estar na pesquisa autoetnográfica me suscitavam, Ana achou que uma participação minha em sua turma da graduação para falar de tais questões e introduzir uma perspectiva etnográfica na escola poderia contribuir na formação de professoras e professores de línguas. *Eu adorei a proposta e me empolguei tanto, que até como voluntária eu faria parte nessa matéria. Eu acho que tenho me animado com a ideia de ‘formar professores’.* (diário

*de campo*, 27/10/2022), escrevi à noite no diário de campo após uma de nossas conversas no carro voltando de uma aula de Metodologia de Ensino de Línguas. Essa disciplina da graduação eu acompanhava na época como parte do “Estágio em Ensino II” – o meu “estágio docência” como aluna do mestrado.

Com a minha “empolgação”, levei para Ana a ideia de convidar a turma para o gramado, para o ar livre, para uma roda de diálogos, em que cada pessoa pudesse situar sua presença, seus estudos, seus trabalhos e suas emoções na universidade e na escola como alunos-professores/professores-alunos. Assim como no pico do Cruzeiro “especializaram” comigo a Zona da Mata, com a turma de licenciandos(as) em língua inglesa busquei especializar um “estágio”. A proposta se estendeu para além de um encontro introdutório, pois “situar” para mim acaba sendo mais delongado. Conversando com Ana e Ana conversando comigo sobre suas responsabilidades como formadora de professores, suas preocupações e pontos que considerava importantes para serem melhorados em sua prática, acabamos construindo em dupla o curso de uma disciplina inteira e vivenciando todo um semestre de docência compartilhada. Mesmo eu já tendo cumprido com a carga obrigatória de estágio no período anterior, acabei, sim, envolvida “*nessa matéria*” como “*voluntária*”. Nela, Ana abriu espaço para mim e juntas abrimos brechas, experimentando novidades ao intervir em estruturas curriculares – tanto no currículo dela, como no meu, no dos alunos e alunas da turma e no do programa preestabelecido do mestrado. Para Paulo Freire, críticas e aventureiras vamos nos tornando: “Como professor crítico, sou um ‘aventureiro’ responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente” (Freire, 2013, p. 49). Por isso, aprendo que me formar pesquisadora na universidade pública brasileira e na LA é também me formar educadora, professora e formadora, que é reflexiva, crítica e consciente dos caminhos que meus passos no mundo abrem.

E construir essa consciência é importante. Paulo Freire ainda não saiu de minha cabeceira:

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta

para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da história. (Freire, 2013, p. 53)

Sendo nós sujeitos históricos, o conhecimento que produzimos também tem historicidade. As nossas pesquisas, lançadas ao mundo, existem. Longe de nossa vista, de nossas projeções e de nosso controle, elas circulam e continuam mobilizando por elas mesmas vidas de outras pessoas – sejam participantes entrevistados, sejam leitoras, leitores, alunas, alunos, plateia, curiosos, amigos, interlocutores com quem conversamos nas feiras ou nos bares. Como pesquisadora, humana e ser social, atuo em construções de mundo, em formas de pensar e agir, isto é, em construções de crenças e identidades, e posso influenciar outras pesquisas e a formação de outros agentes pesquisadores, como bem me mostram todos os *outros* trabalhos e encontros com os quais me envolvi e continuo me envolvendo para estar hoje escrevendo aqui. Temos responsabilidade sobre o que criamos no mundo, e com a pesquisa não é diferente. A prática formadora, conforme diz Freire, tem uma natureza iminente ética: “Não posso me perceber no mundo como uma presença no mundo, mas, ao mesmo tempo, explicá-la como resultado de operações alheias a mim” (Freire, 2013, p. 53). Isso mostra o espaço da pesquisa existindo em sua materialidade e a importância ética de nosso agir com ela. Afinal, interrogo-me: *por que pesquiso e por que eu quero pesquisar?* As perguntas que me faço e sigo com a autoetnografia sobre a pesquisadora vão levando eu – e você junto – cada vez mais fundo.

Nesse deslocamento, seguimos com o verbo, no movimento, pois a ética também está em reconhecer que em nossa formação somos inacabados. Uma vez conscientes do inacabamento, continuamos e continuaremos buscando. Por isso, com Freire e com a autoetnografia, reflito sobre como a formação é uma busca, uma construção que eu não separo entre “inicial” ou “continuada” como nomeiam alguns autores (Nóvoa, 2022), mas que com a curiosidade se mostra para mim ser permanente: “Satisfeita uma curiosidade, a capacidade de inquietar-me e buscar continua em pé. Não haveria existência humana sem a abertura de nosso ser ao mundo, sem a transitividade de nossa consciência” (Freire, 2013, p. 85).

A curiosidade que me faz perguntar, conhecer e atuar me coloca em um deslocamento na vida que não delimita um caminho determinado e reto de estudos, de pesquisa, de carreira, de tempo e de futuro. O movimento da curiosidade faz meus olhos brilharem para os arredores, por isso ela não me leva para um *fim*, mas para os lados. Deslocando-me assim, ao invés de longo, o caminho que trilho é largo. Com ele e com a curiosidade, como pesquisadora, vou me colocando em variados pontos: a) em posição de abertura ao encontro com o outro, a mudanças (seja de moradia, de cultura, seja de ideias, atitudes), ampliando-se, desse modo, a compreensão sobre possibilidades outras de construção de realidades, de relações, formas de agir e visões de mundo no reconhecimento do outro; b) em posição de diferença (como “estrangeira”), quando interajo com grupos, saberes, comunidades das quais não faço (ou fazia) parte ou que extrapolam o “currículo” de uma área, o que vejo ser facilitada uma interdisciplinaridade; c) em posição crítica, pois ao ter o repertório de minha leitura de mundo ampliada, faço conexões, desenvolvo outros olhares, questionamentos e criatividade, levando-os comigo em meus deslocamentos na vida, onde atuo; d) em posição reflexiva, quando na abertura à diferença no ponto de contato com o outro, encontro ao mesmo tempo ponto de distanciamento de mim, o que me faz refletir sobre meu próprio senso de identidade e de realidade.

Não significa, no entanto, que esse encontro seja sempre harmonioso, como as emoções expressas ao longo deste trabalho escrito vêm demonstrando. O confronto e o estranhamento também fazem parte desse processo reflexivo do *deslocar-se*. Como diz Moita Lopes (2013, p. 22): “Atravessar fronteiras no campo do conhecimento, assim como na vida, é expor-se a riscos”. E os riscos que a condição nômade que assumo *eu* junto com a Linguística Aplicada na pesquisa autoetnográfica nos revela oscilantes e moventes, experimentando devagar com os conceitos, com os sujeitos, com os discursos, as epistemologias e as culturas entre as rodas; assim, seguimos em processo, desterritorializadas. É um desafio, continua Moita Lopes:

que se deve encarar com humildade e com a alegria de quem quer entender o outro em sua perspectiva. A posição na fronteira é sempre perigosa, já que quem está além da fronteira é aquele que vai se apropriar de nosso conhecimento, vai falseá-lo ou usá-lo incorretamente. Mas ele pode ser também aquele que vai nos fazer refletir, pensar de outra forma ou ver o mundo com outro olhar. (Moita Lopes, 2013, p. 22)

De onde estou agora, o olhar para o que acreditava “descaber” em mim como pesquisadora faz dos fios percorridos que antes pareciam dispersos e inadequados entrelaçarem com a pesquisa autoetnográfica, entregando à ciência um *sujeito outro de pesquisa* e uma *forma outra de pesquisar*. De passos largos, a nômade desvia o uniforme retilíneo, confunde os limites, distancia-se do centro, quando, sem se dar conta, atravessou um portão; deslocada, ela não volta. Da margem vai ao meio, faz a pergunta e a conexão. Olha para os lados e, de onde está, no limiar entre o *eu* e a produção de conhecimento, compreende enfim com o teórico e compositor musical John Cage (1967, p. 12, tradução minha) que “indo por diferentes direções, teve ao invés de separação, uma sensação de espaço”. A **nômade** de passos largos encontra com a pesquisadora no *meio*. Encontrou morada no movimento. Seu caminho é seu *lugar*.

## **4. DO *MEIO* PARA O *FIM***

...



Imagem 42: *Post-its* em meu quarto. Com palavras, pensamentos, referências e conexões, transformo parede em cartografia e espaço escrito de diálogo.

## Escrevendo

Enquanto caminha, a pesquisadora autoetnógrafa em mim escreve. Além das observações em diários, escrevo conexões em notas adesivas coladas à parede, comentários e perguntas em textos e livros lidos, em conversas por *Whatsapp* com amigos, em atividades avaliativas e artigos para as disciplinas, em apresentações de *power point* para seminários e grupos de pesquisa e sem contar nas inúmeras tentativas de transformar tudo isso em um parágrafo “dissertativo”. Escrever é materializar o que está invisível borbulhando aqui dentro. E está na origem da autoetnografia como metodologia, conforme se pode ver expresso na “grafia” que seu nome carrega. A escrita, portanto, está em sua *formação* e faz parte do processo autoetnográfico desde o princípio, de modo que ela não se caracteriza como uma etapa final do que seria convencionalmente feito após geração e análise de dados em um projeto tradicional de pesquisa. Conforme Colyar (2013, p. 368, tradução minha) sustenta: “Na autoetnografia, a escrita não é um ato separado, mas um processo que apoia, ou talvez constitua, o eu e a conexão com o sociocultural”.

Por isso, estudiosos dessa metodologia falam do *fim* (o produto) que se faz *meio* (o caminho). A autoetnografia é o produto que esta dissertação entregue a você, ao departamento da universidade, ao repositório da biblioteca e ao banco de dados virtual da CAPES assume em forma, talvez assim também arriscando e fortalecendo o desenvolvimento de um gênero discursivo diferente na academia: “Os gêneros de uma época são também as condições de possibilidade daquilo que pode ser dito (ou seja, do que pode ser descrito como real)” (Samuel-Lajeunesse, 2007, p. 264, tradução minha). Ao mesmo tempo, pela autoetnografia como dissertação (ou dissertação como autoetnografia) são minhas experiências que traçam – e *escrevem* – o caminho e, por ele, elaboro, construo e reflito sobre identidades, crenças e emoções com a minha formação de pesquisadora. E uma pesquisadora na LA, vendo por mim, escreve muito: “Autoetnografia manifesta, no processo e na página, a prática reflexiva de uma escritora ou escritor” (Colyar, 2013, p. 374, tradução minha).

Comparado a metodologias qualitativas tradicionais, é como se escrever fosse *instrumento*, assim como o é a pesquisadora ou o pesquisador que dá vida a

esse ato (Richardson, 2000). Desse modo, penso junto com Laurel Richardson (2000), que, no surgimento da autoetnografia, viu uma das possibilidades de expressão do que ela chama nas ciências sociais de “práticas analíticas criativas” (“*Creative Analytic Practices*”), originadas a partir da desconfiança do pós-modernismo aos métodos científicos e às verdades privilegiadas. Para a autora, essas práticas nos permitem escrever de diferentes maneiras e, ao escrevermos assim, descobrimos novos aspectos sobre o tópico que investigamos e sobre nossa relação com ele, o que acaba constituindo uma prática e um trabalho de pesquisa em que forma e conteúdo são inseparáveis (Richardson, 2000). Nesse modelo, então, escrever se torna, por si só, um método de investigação. Com ele, “experimentamos ‘a linguagem em uso’ e como ‘*linguajamos* o mundo’, criando-o em sua existência (Rose, 1992)” (Richardson, 2000, p. 923, tradução minha). Para mim, parece afinar com o interesse e a composição do lócus da LA brasileira contemporânea. Estar na fronteira com a linguagem em seu uso real é experimentar pela transdisciplinaridade o movimento da interação de disciplinas, que, conforme Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011), desloca-se não apenas com a interação de conceitos, mas também com interação de metodologias:

Escrever como um método de investigação, portanto, fornece uma prática de pesquisa por meio da qual podemos investigar como construímos o mundo, nós mesmos e outros, e como práticas padronizadas de objetificação das ciências sociais nos limitam desnecessariamente, tanto a nós quanto à ciência social. Escrever como método não pressupõe a escrita como algo garantido ou dado como certo, mas oferece várias maneiras de aprender a fazê-la e de nutrir o escritor. (Richardson, 2000, p. 924, tradução minha)

Significa que utilizando a escrita, podemos “conhecer” o que antes desconhecíamos. Escrever se torna espaço por onde observações, percepção, reflexão e conexão se encontram e nos revelam muito sobre a construção de nós mesmos e a cultura e as estruturas sociais das quais fazemos parte. “Talvez autoetnografia seja um exemplo de prática sócio-epistêmica, o trabalho de uma escritora ou de um escritor individual, que constrói e articula significado dentro de um espaço culturalmente organizado” (Colyar, 2013, p. 374, tradução minha) diz Julia Colyar, autoetnógrafa

interessada em teorias de composição de escrita. Leio seu texto “*Reflections on writing autoethnography*” em uma segunda-feira em que planejava estar escrevendo.

“*Início de uma nova semana é excelente para encaminhar projetos*”, *falam pessoas do “espaço culturalmente organizado” capitalista neoliberal o qual habito na cidade, na ciência e na universidade; propicia começar novas etapas e otimizar o vigor reconstituído com o suposto descanso do corpo no final de semana*, penso enquanto não escrevo. O discurso sobre o primeiro dia útil de trabalho que delimita uma semana tem suas influências na projeção que faço sobre minha agenda, prazos, organização e expectativas. Passada uma dezena de dias da apresentação da primeira parte desta autoetnografia à banca no Seminário de Qualificação, eu precisava continuar a pesquisa. Sentia-me aliviada pela aprovação e agradecida pelas contribuições e elogios recebidos, mas culpada pelos comentários de incentivo das debatedoras presentes na banca não me fazerem seguir no ritmo produtivo que eu esperava conseguir gerar no começo do último trimestre do ano. Muito ainda faltava e se emaranhava sobre aquilo que eu queria dizer *elaborado por escrito*, e muito ainda se descobria, se transformava e se desenhava conforme as paisagens do percurso – dentro e fora de mim – descortinavam; era marco de um novo início. No *fim*, eu precisava (preciso) escrever.

Mas naquela segunda-feira, o “primeiro” dos “dias úteis”, eu não estava escrevendo. Eu estava reverberando com os efeitos que uma etapa importante concluída do processo de um mestrado acadêmico teve sobre minhas emoções e identidade. A ocasião da leitura, conversa e partilha no Seminário de Qualificação havia sido importante por meu manuscrito e eu termos tido de leitoras, pela primeira vez além de Ana, uma validação. Tendo em vista que a validade como critério metodológico científico na autoetnografia provém da capacidade da autora ou autor em evocar que naquilo que é contado (incluindo o sentimento da experiência narrada) seja verossímil, plausível e possível (Samuel-Lajeunesse, 2007), isto é, que a história seja coerente (Ellis; Adams; Bochner, 2011), era importante para mim que leitoras e leitores se relacionassem com meu relato, pois a identificação comigo também garantiria que a generalização do trabalho estaria presente.

Apesar de diferente do significado do qual se origina na tradição das ciências sociais – com o foco da generalização estando nos sujeitos entrevistados –, na autoetnografia esse critério é testado pelas leitoras e leitores. São essas pessoas que determinam se a história contada fala com elas sobre alguma experiência suas ou sobre a vida de outras pessoas que conhecem (Ellis; Adams; Bochner, 2011). Conectar a partir de meu local (específico) com processos culturais (geral) e lançar luz sobre questões “desconhecidas” por não terem sido anteriormente verbalizadas me daria, além disso, credibilidade como autoetnógrafa. Segundo Ellis, Adams e Bochner (2011), esse critério na pesquisa autoetnográfica seria correspondente ao que é a confiabilidade em uma pesquisa tradicional: “Poderia o narrador ter tido as experiências descritas, considerando as ‘evidências factuais’ disponíveis?” (Ellis, Adams; Bochner 2011, p. 10). Portanto, era importante que quem lesse meu manuscrito se relacionasse com a minha história (comigo) de alguma maneira e, a partir dessa conexão, reconhecesse a pertinência deste trabalho. Como pesquisadora, eu acredito que cumprir com a metodologia pretendida seja alicerce de uma investigação. Do contrário, como ela e eu (como pesquisadora) nos sustentaríamos? Por isso, uma questão fundamental a ser então respondida por leitoras e leitores me assombrava: *estou eu, de fato, desenvolvendo (como metodologia) e apresentando (como produto) uma pesquisa autoetnográfica?*

De origem *dissertativa*, a proposta “*narrativa*”, “*reflexiva*”, “*evocativa*” e “*relatada em camadas*” (Ellis; Adams, Bochner, 2011) de meu texto final precisava expressar sobre a trajetória vivida até aqui. Durante esses quase dois anos de mestrado, muito havia (e tem sido) experienciado, observado, lembrado, debatido, transformado e registrado em memória, fotografias, conversas, cadernos e diários. Mas como eu e Ana havíamos acordado que tudo o que eu fosse vivendo no contexto e no período de minha formação no mestrado – por exemplo, participações em disciplinas, apresentações em eventos acadêmicos, relação com colegas e com orientadora (para mencionar apenas algumas das situações possíveis) – entraria como parte da “*geração de dados*”, as reflexões pelas quais eu vinha passando acabaram abrangendo do início – março de 2022 – até o momento em que comecei a escrever para o Seminário – final de agosto de 2023 – e aconteciam sobre os mais diversos

espaços. Embora escrevesse desde o final do primeiro semestre em um diário de campo – instrumento essencial das pesquisas etnográficas, de onde a autoetnografia é derivada –, também continuei escrevendo (e observando-me) em meu diário pessoal, hábito que já mantinha antes da entrada no mestrado. Olhando pela perspectiva do discurso acadêmico da pesquisa tradicional, diria que eram muitos os “dados” gerados.

Por isso, após tanto tempo de elaboração no casulo, a chegada do Seminário de Qualificação significava que uma primeira entrega também se aproximava. Havia chegado a hora de elaborar para fora, de unir os pontos, de “criar inteligibilidade” (Moita Lopes, 2013) sobre minha linguagem e, do meio do caminho, traçar um mapa. O momento dessa entrega foi importante, pois conseguir apresentar os (alguns, ainda poucos) “dados” organizados para o Seminário, que também apresentei ao grupo de pesquisa anteriormente, fez eu colocar para fora, tirar de dentro de mim e enxergar o corpo da pesquisa, talvez finalmente fazendo eu ver nele um objeto e compreendendo ser essa a objetividade em uma investigação que tem como premissa a subjetividade e valoriza os saberes localizados os quais defende a bióloga e filósofa da ciência Donna Haraway:

Precisamos aprender em nossos corpos, dotados das cores e da visão estereoscópica dos primatas, como vincular o objetivo aos nossos instrumentos teóricos e políticos de modo a nomear onde estamos e onde não estamos, nas dimensões do espaço mental e físico que mal sabemos como nomear. Assim, de modo não muito perverso, a objetividade revela-se como algo que diz respeito à corporificação específica e particular e não, definitivamente, como algo a respeito da falsa visão que promete transcendência de todos os limites e responsabilidades. A moral é simples: apenas a perspectiva parcial promete visão objetiva. Esta é uma visão objetiva que abre, e não fecha (...). (Haraway, 1995, p. 21)

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que a autoetnografia que eu entregava se objetificava pela escrita, ela teria sua objetividade cumprida se a partir de minha visão e experiência eu conectasse pontos com teorias da LA, com as experiências de outras pessoas e com a cultura na qual nos construímos como sujeitos da pesquisa.

Pude sentir esses critérios sendo confirmados à medida que leitoras aos poucos foram recebendo meu trabalho. Por exemplo, com uma amiga veterana do mestrado em quem confio, a recepção foi particularmente significativa. Sendo ela autora de uma investigação politicamente relevante e assumidamente engajada – “violências contra mulher no contexto profissional de professoras de línguas” –, eu sentia uma menor relevância sobre meu tema, já que ele não foca em questões como a de gênero, raça ou classe, interseccionalidades essas que a pesquisa na LA tem buscado tematizar na atualidade. Muito embora eu estivesse falando da posição de uma pesquisadora, não era exatamente o gênero meu foco de discussão – mas hoje vejo como ele está presente nas entrelinhas. Portanto, ter ouvido de minha amiga pesquisadora uma identificação com o trabalho, relatando para mim que a leitura a impactou e a fez pensar muito na sua vida, me fez sentir mais aliviada e mais segura para continuar. *Então minha pesquisa faz sentido*, respirei tranquila e feliz com seus comentários.

Da mesma forma ocorreu com a apresentação ao nosso grupo de pesquisa e à qualificação. O fato de ter tido diferentes leitoras e leitores (de idade, de titulação, experiências, temas de pesquisa, etc.) e ouvido delas e deles uma forma de identificação mostrou-me que o trabalho abrange, sim, uma cultura. Formamos a comunidade de pesquisadoras e pesquisadores em Linguística Aplicada. Dentro disso, foi de extrema importância, para mim, ter sido lida na banca por uma autoetnógrafa que havia passado por esse processo no doutorado, enquanto que de uma pesquisadora com experiência em biografias e autobiografias eu pude receber uma outra perspectiva e questionamentos com a metodologia adotada. Isso me fez voltar para as distinções que marcam esses caminhos metodológicos que são também narrativos. Ter parte da escrita elaborada – embora ainda inacabada – me deu materialidade para que eu pudesse, com ela, voltar para os textos autoetnográficos já lidos para a escrita do projeto, reler então com a vivência da primeira parte escrita e fazer uma conferência, o que serviu também como um critério de autoavaliação. Confiei que eu poderia seguir autoetnografando.

Em medida equivalente, o reconhecimento do trabalho naquele momento – e que continua a se fazer (re)conhecido com você lendo agora – também significava a

pertinência de *mim*. Como o estudo trata do tema das identidades, crenças e emoções, parti (parto) de minha posição de sujeito complexo, multidimensional e contraditório para compreender a maneira com que esses construtos teóricos, comigo agindo no mundo, ganham vida na materialidade: uma mestrandia imersa no campo acadêmico científico da LA contemporânea brasileira, que, no programa de pós-graduação, integra um grupo de pesquisa interessado em investigar crenças, identidades e emoções na formação de professores e ensino e aprendizagem de línguas. De meu corpo presente no espaço geográfico da cidade de Viçosa (MG) entre março de 2022 e março de 2024, pelo curso do mestrado, *eu* – a pesquisadora-participante – *escrevo* enquanto vivo minha trajetória, buscando refletir sobre a formação de uma pesquisadora, com suas emoções, crenças e identidades.

A pesquisa, portanto, é a formação. Ocorrendo junto ao desenrolar e a aprendizagem de uma metodologia (ainda inédita para mim) ao longo do mestrado, que por sua vez inicia com mudança de cidade, de universidade, de projeto e de mudança da própria metodologia, a pesquisa/autoetnografia escapa de meu controle, assim como ocorreu com Ono (2017) em sua tese autoetnográfica no doutorado:

Não há uma fórmula procedimental neste processo, creio que cada pesquisador acaba encontrando o seu caminho, seja pela paixão, pela dor, pela necessidade ou obrigação que o move. É um processo que acontece no caminho – como um *easy rider*, que sabe aonde precisa e quer chegar, mas não traça uma rota definida, deixando-se tomar conta pela incerteza, apreciando e contemplando a paisagem, ferindo-se com os espinhos, tropeçando nos obstáculos. Para mim, não há autoetnografia sem esta entrega, sem a sensação de não estar no comando da sua pesquisa. (Ono, 2017, p. 18)

E, de maneira inimaginável, ela passa a centralizar minha vida, minha vida torna-se a pesquisa. De tão próximas pelos tópicos de investigação, sinto como se nela eu tivesse que justificar minha existência. Por isso, encaro dificuldades quando do *meio* eu preciso fazer o *fim*, escrever o fim, a dissertação, que é o seu produto. *Como entregar por escrito uma experiência?* Percebo as dificuldades no peso que isso assume para mim como autora; na consciência da responsabilidade de que escrevendo o fim, eu estava (estou), em mais um uso da linguagem, a *criar* uma pesquisa

e, com ela, fazer vivo o “sujeito da pesquisa”, isto é, a pesquisadora com a escrita da autoetnografia, que vai se nutrindo e se criando para se tornar *eu*. Um trecho no romance ficcional *A maçã no escuro*, de Clarice Lispector, que narra sobre o personagem fugitivo Martim, espantosamente me encontra na angústia vivenciada desse momento e me ajuda a refletir:

E desinchado, de óculos, tudo o que lhe parecera pronto a ser dito evaporara-se, agora que queria dizê-lo. Aquilo que enchera com realidade os seus dias reduzia-se a nada diante do ultimato de dizer. Como se via, aquele homem não era um realizador, e como tantos outros, só sentia a intenção, da qual o Inferno está repleto. Mas para escrever estava nu como se não lhe tivesse sido permitido levar nada consigo. Nem mesmo a própria experiência. E aquele homem de óculos de repente se sentiu singelamente acanhado diante do papel branco como se sua tarefa não fosse apenas a de anotar o que já existia, mas a de criar algo a existir. (Lispector, 2020, p. 193)

No romance, Martim é supostamente um criminoso que foge de seus atos. Distanciando-se no “escuro”, ele vai parar em uma fazenda de terra desnutrida, onde em uma casa habitam Vitória, Ermelinda e Francisco. Passa então a conviver com eles, descobrindo-se como uma vida humana, à medida que vai fertilizando o solo com o seu trabalho. Sua fuga, ao invés de isolá-lo, remonta à sua criação, a um profundo mergulho aos valores estabelecidos em sua vida, desprezando os antigos para se revelar um novo ser em uma outra condição.

No “escuro”, peguei emprestado o livro da biblioteca central da UFV no segundo ano do mestrado. Não havia lido previamente sinopse ou ouvido dele quaisquer comentários; apenas fui captada pela “maçã” no título, que tinha sido um símbolo surgido no debate em uma aula de Educação e Cotidiano. A arte da literatura, mais uma vez, cruza meu caminho. Os eventos, questionamentos, emoções e pensamentos que perpassam o personagem principal narrado por Clarice surpreendem minha leitura pelo aquilo que eu vivia em sincronicidade. Também no “escuro”, vim para Viçosa, em Minas, começar o mestrado; no escuro, iniciei uma pesquisa autoetnográfica, isolei-me com emoções, crenças e identidades; no escuro, fui-me deslocando, fazendo-me com o caminho, pelo solo interiorano brasileiro, criando com – e para – minha existência as condições de um trabalho. No escuro, encontro-me

com Martim, no escuro somos vulneráveis, profundos, somos memória e confronto. Nutrimos a terra sobre onde estamos, nosso chão, nossa base; a escrita, portanto, também se faz aí, no tempo da maturação. Frutificados em coragem<sup>14</sup>, buscamos sair do escuro, assumindo então um novo risco; nós agora nos expomos, da escrita à leitura do *outro*, com o nosso coração:

A autoetnografia se baseia na ideia de que a narração da viagem permite a compreensão do processo narrado, portanto a ênfase não está no destino final, não está na explicação, não se trata de resolver um mistério, mas de dar chaves para a empatia e, portanto, passar da superioridade do autor para a igualdade com o leitor. (Samuel-Lajeunesse, 2007, p. 268, tradução minha)

A situação que o Seminário de Qualificação envolveu me fez vivenciar o quão associadas a escrita e a leitura estão. Talvez sejam espectros de uma mesma linha, assim como na relação com as identidades, dependendo do *outro* para ser *eu*. Por isso, preciso de você, leitora e leitor. Para eu ser reconhecida como pesquisadora, a metodologia – o caminho, o meio – pelo qual escolhi percorrer o mestrado precisava ser cumprida. E o fruto estaria na dissertação a ser lida, já que, como produto, “escrever é também um registro do meu trabalho e uma forma de capital que eu troco no mercado acadêmico” (Colyar, 2013, p. 365, tradução minha). *Se eu não entregar uma dissertação escrita no final, eu sou pesquisadora?* perguntei uma vez inconformada para Ana quando no café conversávamos sobre minhas experiências na universidade, enquanto em casa eu lidava com um “bloqueio”, pois, ao que parece, as “provas”, em nossa cultura, ainda vêm pela linguagem escrita. Por isso, eu queria buscar as comprovações das minhas experiências nos diários pessoal e de campo; mostrar para as pessoas pela dissertação que a pesquisadora não inventou dados sobre a pesquisada, que não voltou à toa para outros momentos do passado. Hoje, percebo ser difícil desviar da sombra dos pressupostos rigorosos, objetivos e

---

<sup>14</sup> Origem etimológica: “Do latim *coraticum* (*cor* + *-aticum*): associação entre a palavra latina *cor*, que tem como um dos significados a palavra coração, e o sufixo latino *-aticum*, que é usado para indicar a ação da palavra que o precede, assim então, ‘ação do coração’”. Disponível em: <<https://pt.wiktionary.org/wiki/coragem>>. Acesso em 10 de janeiro de 2024.

classificatórios dos métodos positivistas que nos encobre em nossas pesquisas qualitativas.

A experiência, por ela própria, não parecia ser válida. Enquanto escrever é investigação, escrever – pela confiança nessa ação depositada dentro do universo acadêmico em que me encontro – também pode ser pressão. Desse modo, para chegar até aqui, os momentos que vivi com a escrita de uma pesquisa nem sempre foram harmoniosos, fluidos e bonitos. Para Sara Ahmed, escritora feminista e pesquisadora independente interessada em como corpos e mundos ganham forma, nossos sentimentos podem se fixar em alguns objetos e deslizar sobre outros a depender da situação (Ahmed, 2014). Ao propor uma abordagem política e cultural para compreender emoções, a autora as considera como sendo relacionais, isto é, elas envolvem (re)ações de “aproximação” ou de “distanciamento” em relação a objetos, que podem ser tanto materiais, como também objetos simbólicos, ou uma memória, uma ideologia, um discurso, uma representação ou qualquer outro ser ou entidade. Para ela, emoções são moldadas pelo *contato* com objetos, portanto não existem *a priori* no sujeito nem no objeto; elas circulam e aderem a eles dependendo da contingência da ocasião:

Se o objeto do sentimento molda e é moldado pelas emoções, então o objeto do sentimento nunca está simplesmente anterior ao sujeito. Como o objeto imprime sobre nós pode depender de histórias que permanecem vivas na medida em que já deixaram suas impressões. (Ahmed, 2014, p. 8, tradução minha)

Em meu caso, o diário de campo acaba sendo a projeção da pesquisa. E o conflito com ela, representado pela importância da escrita que a tradição da ciência ocidental, as convenções em nossas universidades e a literatura como forma de arte constroem – e com as quais eu tanto me relaciono –, reflete-se nas emoções que “aderiram” a esse objeto em meu contato com ele. Desse modo, ele passou a incorporar comigo uma relação com emoções, conforme desabafo para a própria pesquisa/diário de campo em um dia de bloqueio:

Que ódio eu estou de você. Ou não, que tormenta. Estou atormentada. Não consigo te olhar cara a cara, não consigo te fitar meu olhar, quem dirá abrir a boca, falar, sentir, tocar. Não quero tocar você porque talvez não quero que você me toque com esse aspecto duro, rígido, cortante. Você me corta por dentro. E por isso fico me segurando, retendo o sangue para não deixar ensanguentar; retendo o sangue para não deixar enfraquecer. Paraliso. Anseio. Receio. O sangue retido no estômago não deixa o oxigênio circular e nutrir outros vasos, outros espaços, no meu ombro, por exemplo, no espaço entre a escápula direita e a nuca, formou-se um calombo, que, agora rígido, duro, reflete o corte que você causa a mim, impedindo-me de me alimentar. De me movimentar. De me abrir. É isso; eu paraliso, cortada, calombada, dolorida e ensanguentada, não tenho coragem de me abrir. Pelo medo, pelo desgaste, não há como saber quanto sangue irá jorrar dali. Enquanto isso, as páginas seguem vazias, silenciadas, momentos que não entrarão para a história porque, nesse intervalo, o tempo é inexistente se você, no verso que segue, preenche uma palavra. O que ficou não dito nesse espaço existe? O que existe não dito nesse espaço ficou no meu ombro, na minha nuca, na gangrena que cerrou o meu corte. Fica tudo desconfigurado por dentro, enquanto por fora uma palavra segue a outra na linearidade de um caderno sem pauta, como se nada tivesse acontecido. Mas tanta coisa aconteceu.

Diário de campo, 07/12/2022

Se eu olhasse pelo o que se espera de um discurso científico padrão, em que a escrita é vista dissociada do processo, o excerto acima seria a prova de que a dissertação “eu não conseguia escrever”. Um “bloqueio”, como costumam chamar – e eu chamei anteriormente. Mas utilizando a escrita como método de investigação (Richards, 2000), é possível compreender a ocasião como um momento estético, que valoriza a reflexividade corporalizada da pesquisadora ou pesquisador na escrita acadêmica (Satama, 2020). Pesquisar através de momentos estéticos é uma proposta de Suvi Satama, doutora em Sociologia das Organizações (“*Management and Organisation Studies*”). Escrever a partir do corpo sensorial pode possibilitar outras pesquisadoras e pesquisadores a darem sentido a suas experiências vividas, segundo a autora. Para ela, momentos estéticos são sensoriais, afetivos e se referem a “ce-nas” lentas do processo de pesquisa. Desse modo:

possibilitam percepções sutis e detalhadas, lançam luz sobre os aspectos mais relevantes, fornecem uma perspectiva sobre o mundo ao nosso redor como pesquisadores e até mesmo nos ajudam a crescer espiritualmente (Hooks, 2000; Kiriakos & Tienari, 2018). Mais especificamente, os momentos estéticos se referem às características sutis de nossas práticas cotidianas – ações cotidianas, gestos mundanos, artefatos, regras e maneiras de nos comportarmos em relação uns aos outros (Ryöma & Satama, 2019). O que distingue os momentos estéticos é o estar-no-mundo com base sensorial. (Satama, 2020, p. 210, tradução minha).

A autora identifica três aspectos que permitem às pesquisadoras e pesquisadores experienciar momentos estéticos. São eles: “apreciar pistas sensoriais, escrever ‘na e a partir da carne’ e permitir que a vulnerabilidade floresça” (Satama, 2020, p. 209, tradução minha). De fato, a página de desabafo no diário não fora planejada, com palavras editadas no momento, pensadas, censuradas e manipuladas por mim. Eu não estava ali para criar um argumento; pelo contrário, eu estava ali porque senti que precisava canalizar a raiva, a ansiedade, o medo, a paralisia e a pressão que a necessidade de escrever me causava, mesmo ela sendo objetificada pelo próprio diário, espaço de escrita que ainda não era o produto que eu precisava entregar. Geralmente, em situações de estresse assim, as emoções me fazem querer escoar pelo suor do corpo, então saio para pedalar ou para correr. Mas, daquela vez, a raiva e o medo de escrever me fizeram, justamente e contraditoriamente, *escrever*. Em fluxo de consciência, no instante do ímpeto em que não quis pensar, abri para o diário/pesquisa/escrita/autoetnografia a experiência visceral que naquele instante me implodia. Assim, meu corpo, em forma de palavras, naturalmente apareceu, e a escrita, como momento estético da pesquisa, ganhou um corpo no papel. No *post-it* novo que acrescento à parede de meu quarto, escrevo: “o bloqueio é criação”. Para a experiência vivida, um sentido então se deu.

Tal qual Suvi Satama, compreendo que fazer pesquisa é uma práxis profundamente incorporada para mim. “Eu não posso negar e não poderia fazer de outra forma” (Satama, 2020, p. 210), ela diz. A corporalização acaba ativando a sensibilidade estética, pois para a autora, a estética engloba os sentidos, as sensibilidades, memória corporal e emoções. Poucos trabalhos reconhecem o envolvimento estético da pesquisadora ou pesquisador com o fenômeno que ela ou ele estuda (Satama,

2020), sendo o envolvimento derivado de suas íntimas, involuntárias e vulneráveis experiências relacionadas ao tópico de pesquisa. Com a autoetnografia, que no meu caso vem acompanhada de muita escrita em diários, tenho percebido como isso acontece e é muito presente em meu pesquisar. Se eu demonstro ter uma relação estética com meu objeto de estudo, que são identidades, crenças e emoções, eu percebo que pela estética eu construo minha identidade – maneira com a qual eu me relaciono com o mundo (Norton, 2013). Eu me relaciono com o mundo de maneira estética, sensorial e corporalizada. Portanto, me envolvo também esteticamente com o fazer da pesquisa. Isso compõe a minha identidade como pesquisadora.

Desse modo, pesquisar baseado no sensorial mostra a mim e à Satama (2020) aquilo a que se referem como o *processual* da pesquisa/autoetnografia/escrita (Richardson, 2000; Colyar, 2013; Cooper; Lilyea, 2022), reconhecendo nesse meio os aspectos dinâmicos, emergenciais e relacionais que o constituem. Por isso, não distinguimos entre o “trabalho de campo”, o “trabalho da cabeça” e o “trabalho do texto” (Van Maanen, 2011 *apud* Satama, 2020). Para nós, “conduzir uma pesquisa pode ser visto como uma experiência holística que alcança além de nossos ‘eus’ acadêmicos de profundas maneiras” (Satama, 2020, p. 212, tradução minha). Portanto, faz sentido a maneira como acabei “misturando” os espaços, as experiências e as reflexões ao longo do mestrado para compreender pelas identidades, crenças e emoções a minha formação. Pela escrita, fica evidente na “confusão” dos diários de campo e pessoal a indissociação do percurso acadêmico com a “vida vivida”, como pode ser visto nos trechos que venho reproduzindo aqui nesta dissertação. Se reparar, você verá que muito do que escrevo sobre a pesquisa, por exemplo, está não no diário de campo, mas no diário pessoal.

Recorrer ao diário pessoal também mostra o quanto reconhecer os momentos que supostamente seriam considerados “fora” do estudo são inerentes ao “pesquisar”. Partindo de meu envolvimento estético, os momentos de pausa e as “cenas lentas” da pesquisa são igualmente importantes para a escrita, a elaboração, a reflexão, assim como para minha identidade e emoção, ainda mais se são elas os tópicos que investigo. Satama fala, e eu concordo, que “somente parando de vez em quando é possível formar percepções sutis e detalhadas, discernir os aspectos mais

relevantes e obter uma perspectiva do mundo ao nosso redor” (Satama, 2020, p. 213). Se o que me mantém existindo e pesquisando é o movimento, posso ir devagar:

São nove da noite, e como eu queria que o final de semana começasse agora, deitada relaxada na cama, o vento de temperatura amena de outono recém iniciado. Como estava fazendo muito calor, saí para pegar ar na vista, e foi só quando subi ao alto – depois de ter mudado da rota para a cidade, caminho diário –, que consegui fechar meus olhos. O peso das pálpebras livre, solto, enquanto cai, o ar sobe mais alto, a cabeça infla e sustenta fácil, pois são as pernas que sentem um término/início de trabalho. Assisti a filmes bons, ouvi comentários, li textos filosóficos, senti minha mente fazendo conexões, o que me dá prazer ao invés do samba, forró ou outro som qualquer que hoje eu poderia ter buscado. Pinteí minhas unhas de marrom e, quando saio com a Flor, minhas mãos sentem falta do violão, mesmo que há tanto tempo elas não o toquem. Queria ter zerado tudo o que está atrasado para começar amanhã replanejado. Não foi possível, porque fiquei pegando ar na vista de corpo relaxado. Preciso pegar leve comigo mesma.

Diário de pessoal, domingo, 26/03/2023

Conscientemente não fui à feira; tirei a manhã para ficar lendo na sacada, com sol. Meditei por 30 minutos. Foi difícil. Cheia de pensamentos. Poderia dar e receber beijos. Um abraço gostoso. Hoje, eu não queria estar em Viçosa. Calor abafado me paralisando em casa. Quero sair, mas não sei para onde ir. Acho que estou com saudades. Não sei se das pessoas ou dos lugares. Preciso de alimento pra mente, uma conversa, um estudo, um curso, um cinema, um teatro, qualquer referência para meu espírito funcionar, para me nutrir. Aqui dentro, me sinto encolhida. Queria sair na rua e ser surpreendida. Nesses momentos, parece que regredi, que regrido. Estou carente? Estou com saudades?

Às quatro da tarde, resolvo sair de casa com a Flor. Começa a chover, então me resigno em ficar. Permaneço na sacada. As trovoadas descarregam toda massa acinzentada, molha a poeira, escorre a melancolia. O suor seca, e o ar refresca. Anoiteço com o dia na sacada e “A maçã no escuro”, com Vitória e Martim. Esse livro veio mesmo para mim. Vejo a lua nascer no céu de arco-íris, os postes nascer nas casas, igual estrelas quando olhamos para o céu. Sinto as pernas e o tórax moles. Parece que chorei. Alma lavada.

Diário pessoal, sábado 01/04/2023

Reconhecer a quietude em um momento vivido, vendo-o registrado em palavras no diário, eu percebo a quietude na qual me encontro, ou me faço encontrar, nos momentos de escrever. A autoetnografia, tendo dentre suas características a possibilidade de observar como nós e nossas práticas emergem a partir de determinado contexto (Eriksson, 2010), possibilita-me essa compreensão. No contexto de pesquisadora na Linguística Aplicada pesquisando as identidades, crenças e emoções em minha prática, vejo que a pesquisa por onde me faço enunciar, nesta dissertação, tem muito da minha escrita pessoal, confessional e criativa, que surge do corpo, das emoções, de minha história e de minhas conexões com estudos, trabalho, viagens, espiritualidade, arte e amizades, e que corre com o sangue, em um fluxo sem predeterminação. Eu escrevo, para você, com intuição. É ela que me guia, assim como Satama em seu estudo, que pretendeu, por seu instinto, liberar-se de convenções acadêmicas alinhadas a tradições dominantes e masculinas sobre como pesquisar e escrever (Satama, 2020). Com a autoetnografia da pesquisadora tendo como foco a experiência pessoal, reconheço em minha escrita a práxis incorporada, fluída, estética e reflexiva de meu pesquisar. Esse é o *uso real de minha linguagem*. Ao fim, a **escritora** que existia em mim eu pude acolher quando, na pesquisa científica, pelo meio, ela também apareceu.

**5. ONDE E QUANDO VOCÊ ESTÁ  
AGORA**

...



Imagem 43: Um mergulho entre mares de morros.

## A experiência

Difícil, para o sujeito em movimento, parar. Parar exige limites, parar confronta estímulos, parar pode ser resistência, mas parar também é ceder. É entregar o tempo para o espaço presente – onde está você, o que te traz aqui. Parar é acomodar, processo esse de “adaptação de pensamento e ação às necessidades impostas pelo ambiente”, conforme nos sugere o dicionário Aulete em sua oitava definição. E neste sábado de manhã seca, gelada e tipicamente azulada de outono no sudeste interiorano do Brasil, acordo cedo no apartamento em que atualmente divido com a espécie companheira Flor para ir “parar” no cômodo ao lado, um quarto vazio.

Autoetnografia, 03/06/2023 - excerto apresentado para o grupo de pesquisa durante reunião.

O trecho acima eu escrevi para esta autoetnografia-fim quando entrando em junho de 2023, eu havia decidido com Ana colocar na pesquisa um ponto. Seria com esse parágrafo que este trabalho abriria, seria ele o início de sua leitura e por onde eu começaria a desenrolar os fios de minhas reflexões. Levava para aquele quarto da ocasião descrita acima folhas de rascunho, lápis de cor, *post-its*, fita crepe, cadernos de aula e diários pessoal e de campo pelo ímpeto da necessidade de organizar tudo o que tinha vivido até ali durante o período da pesquisa (portanto do mestrado), tendo a consciência de que “tudo” seriam fragmentos, peças coloridas de um vitral, cujo desenho ainda não fazia ideia do que iria mostrar. Era mês 6 de 12, marcador de fim de um “início” e de início de um “fim” de ano; estávamos no meio. Era outono.

No calendário letivo, final de semestre: uma disciplina optativa de Educação e Cotidiano para concluir (um artigo a escrever); disciplina de Estágio Supervisionado que eu ministrava com Ana na graduação para finalizar (planos de aula para corrigir e uma aula-atividade de fechamento para conduzir); fora do letivo, mas ainda dentro do calendário: a oportunidade de uma publicação no

horizonte (com um *abstract* primeiro a se propor) e encontros com o grupo de pesquisa que mantenho da época da Iniciação Científica (dados a se analisar). E, no letivo e no calendário, mas também fora do letivo e fora do calendário, o cerne e condutor de tudo isso: a pesquisa de mestrado (uma dissertação para escrever).

Para quem vinha (vem) percorrendo um caminho de estudo acerca da própria formação acadêmica, a qual se realiza à medida que se a experiencia, *como saber até onde e quando vai esse deslocamento? Quanto teria sido suficiente e quanto faltaria a se atravessar?* Naquela época, pensei que naquele limiar, naquela fronteira de fim de início e início de fim representado pelo mês de junho e pelo término de um último semestre de disciplinas a ser cursado, seria um bom momento para ser estipulado o ponto que marcaria o encerramento da minha “geração dados”; em minha condução iniciante de mestranda junto com a de autoetnógrafa, pensei ser possível “sair de campo”.

Mas era junho, o meio estava apenas a se alargar mais um tanto. Não consegui permanecer no cronograma do calendário mesmo que houvesse para ele me planejado, e o espaço, como você acompanhou por todo este trabalho, estava tendo seus conceitos e percepções significativamente transformados. Inconsistência metodológica, poderiam acusar os ortodoxos. Mas com a autoetnografia encarnada em mim, pesquisando a pesquisadora, pude assumir e demonstrar agora com esse “desvio” o caráter “simultâneo, não linear e iterativo” (Croker, 2009, p. 10, tradução minha) da pesquisa qualitativa. Por isso talvez você se lembre de eu ter escrito aqui, em alguns fragmentos em seções anteriores, que eu falava a partir “dos” e “sobre” os “*bastidores*”. Ou seja, demonstrando pelo processo de minha pesquisa/dissertação que “a coleta, a análise e a interpretação dos dados são feitas em grande parte ao mesmo tempo, com pesquisadores movendo-se constantemente, de frente para trás e de trás para frente, entre as três” (Croker, 2009, p. 10, tradução minha), eu falo sobre aquilo que na produção do conhecimento não se mostra da prática por detrás dos resultados. Usei a ciência para falar da Ciência, oferecendo-lhe um olhar crítico. Esta é uma das vantagens que pude experimentar da autoetnografia como processo teórico-metodológico; ela nos leva a achados que outras vias metodológicas não alcançariam (Bartleet, 2016).

Nesta pesquisa qualitativa, o fenômeno não estava no *outro*, o “sujeito participante”, que na tradição científica é quem possibilita a pesquisadores dados para suas análises. Aqui, o fenômeno estava (está) justamente em quem conduz a pesquisa. Há, do lado de cá, um sujeito, uma pessoa que pulsa; alguém que, para desenvolver uma teoria e avaliar um resultado, viveu – vive e continua vivendo e transformando – muitas coisas. Aliás, o tempo verbal no texto foi (tem sido) uma questão problemática para mim em refletir por escrito neste trabalho. Um detalhe, mas que pela forma autoetnográfica com a qual escolhi apresentar este *produto* “dissertação-autoetnografia”, assinala as complicações que o tempo linearizado em nossa construção de mundo geram e são geradas dentro da e pela complexidade da linguagem. Concordando com Tomaz Tadeu da Silva – um dos autores nos Estudos Culturais com quem penso a oscilação das identidades (Silva T., 2014) – às vezes, a linguagem falha...

Com a linguagem, parti dos fenômenos das identidades, crenças e emoções para compreender o percurso de formação que me constrói uma pesquisadora na Linguística Aplicada contemporânea. Pela minha entrada no currículo do mestrado em Letras na Universidade Federal de Viçosa em março de 2022, fui desenvolvendo meu *currere* (Pinar, 2011; 2016), buscando compreender como esses construtos teóricos se relacionavam nas vivências de uma pesquisadora em formação. Desconfiada e amante que sou das palavras, persegui esses conceitos, levei-os comigo na caminhada, transformei-os em objetos, incorporei neles o movimento. Continuo achando uma armadilha as definições. Talvez as veja como insuficientes, ou talvez simplesmente eu não queira definir nada. A curiosidade como compreensão do inacabamento (Freire, 2013) me mantém aberta, assim como o espaço das linguagens: identidades podem ser paisagens. Dou espaço para a imaginação; para quem me lê – e para mim –, criei metáforas. Assim é que na **ciclista, aprendiz, leitora, estrangeira, nômade e escritora** encontrei pelas emoções em meu corpo vários tons de significados. Com os fios desalinhados do tempo, faço delas uma **maçaroca**. É desse modo que vai se tecendo, pela linguagem, uma pesquisadora.

Com essa pesquisadora, vejo encarnar o que se propõe a constituir no Brasil atual a LA. Pois acompanhando quem pesquisa (o “sujeito”, micro), no caso pela minha trajetória com escolhas, interesses, ações, inquietações, estudos, desejos e buscas, acredito que pude ter revelado o que compõe esse campo interdisciplinar/transdisciplinar/indisciplinar da LA na ciência (o “contexto”, macro). Escapar dos limites para se estar nas fronteiras (Moita Lopes, 2006; 2013), por exemplo, veio com meu deslocamento, que, como você pôde ler, acabou ganhando destaque durante a minha investigação reflexiva.

Ele se expressou de diferentes formas. Como *deslocamento físico-geográfico*, expresso pela mudança de região para a participação no mestrado; como *deslocamento estético*, com caminhadas e pedaladas “descompromissadas”, que mostraram ser contemplativas, meditativas e reflexivas para a pesquisa (Satama, 2020), promovendo distanciamento para o olhar e organização para o pensamento; como *deslocamento diário*, a pé ou de bicicleta, pelo qual meu contato com a rua pôde ser imediato, fazendo emergir a atitude etnográfica (Pimentel, 2014), que deu abertura para vivenciar eventos inusitados, encontros, surpresas, sensações e aprendizados (e mais questionamentos); *deslocamento disciplinar*, em direção a outros interesses de formas conhecimento e de saberes, com a participação em oficinas, cursos, aulas, leituras, rodas e conversas com as artes, filosofia, geografia, antropologia, “cultura” de modo geral, comunicação e meio ambiente, facilitando a transdisciplinaridade e assim continuando a me levar então para o *deslocamento epistemológico*. Todos eles foram me colocando no encontro com a diferença e, desse modo, fazendo deslocar minhas crenças e identidades. Em um campo que se identifica como “nômade” (Moita Lopes, 2006), até onde podemos ir, LA e eu, com nossos passos?

Nem retilíneo nem uniforme, o movimento da vida social humana acaba se refletindo no movimento de uma pesquisadora qualitativa. Assim, eu diria ter sido praticamente impossível (para não afirmar categoricamente *impossível*) para mim “analisar” só a partir daquele marco que eu havia tentado firmar na metade do ano, pois a análise já estava sendo feita desde antes: pelos diários – que, em meu caso, mais do que descritivos apresentaram um significativo grau de reflexividade –, pelas

cenar que eu fotografava no celular ou em minha memória, conversas que eu tinha com amigos distantes ou nos bares; e, assim, a interpretação continuaria sendo colorida pelo que eu estaria a viver adiante. Até o trabalho estar finalmente entregue, nossos passos, seja em detalhes, em uma palavra ouvida, um conselho dado, uma leitura, uma imagem, um sonho, um acontecimento, um gesto, uma emoção, escrevem nossas análises. Tensionando os limites, com a autoetnografia entrei na pesquisa intensamente e fui absorvendo tudo o que veio para mim do processo que envolve fazer pesquisa em um mestrado em Letras na área da LA. Com essa entrega, fui (venho) me esticando até o último ponto.

Este trabalho termina pelo que seria o início, que iniciaria sendo pelo meio, que é para onde voltamos eu e você quando abri esta seção. Quem compõe um percurso reflexivo, o *meio* – o caminho – é onde sempre se está. Mas talvez eu tenha escolhido mal a palavra, porque não há volta para quem se permitiu acontecer. Por esse sentido, a palavra que há tanto tempo tentei aqui abrir, mas não consegui, neste momento finalmente aparece: *experiência* é o que de tudo isso eu queria dizer. Larrosa, professor universitário, filósofo e pedagogo, vem ao meu auxílio: “A experiência é o que **nos passa**, o que **nos acontece**, o que **nos toca**. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada **nos acontece**” (Larrosa, 2002, p. 21, grifo meu). Ele reitera que isso nada tem a ver com estar informado ao se ler ou ouvir de alguém que conta sobre algo, formar uma opinião, trabalhar em excesso ou passar com velocidade pelos acontecimentos (Larrosa, 2002). A experiência é uma outra relação estética e existencial:

A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimental). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indo-europeia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a ideia de travessia, e secundariamente a ideia de prova. (Larrosa, 2002, p. 25)

É curioso que meu primeiro encontro com essa definição (e com o texto de Larrosa) tenha acontecido não no momento da pesquisa na universidade, mas no museu de arte contemporânea em que trabalhei anos antes com arte-educação. Na

época, a intenção da coordenadora foi nos apresentar, a meus colegas e eu, a “experiência” por seu caráter de sensibilidade como possibilidade estética, a qual poderíamos proporcionar na mediação entre público e arte através de nossa função social. Mas, para além disso, o texto (o autor dele e a minha coordenadora) acabaram me entregando a chave que ressignificaria uma outra palavra, de um outro livro, de um outro autor, já tão conhecida e repetida no meio literário brasileiro e há anos importante para mim. *Então era isso que “viver é muito perigoso” sugeria nas entrelinhas?* Não era para a situação de ameaça (somente), mas justamente – e novamente – para a “travessia” que o personagem Riobaldo, do mineiro Guimarães Rosa, tanto apontava. Viver é muito perigoso porque é uma travessia; viver é provar. Isso fez mudar radicalmente a perspectiva que eu tinha de perigo.

E tal mudança tem efeitos no sujeito em que hoje, de um espaço-tempo presente nos meses finais do mestrado em Linguística Aplicada, na cidade de Viçosa (MG) em 2024, eu me vejo. Pois em experiência também encontramos o *ex*, de “exterior”, de “estrangeiro”, de “exílio” e de “estranho”. O sujeito que se coloca em perigo é o sujeito que se abre, que prova, que se permite atravessar. É para ele que Larrosa (2002) dá o nome de “sujeito da experiência”, que se expõe atravessando um espaço indeterminado, “pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade” (Larrosa, 2002, p. 25). Riobaldo bem o sabe:

Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso? (Rosa, 1994, p. 43)

Isto é, não se vive uma experiência sem com ela ter-se afetado; você se abre e você se desloca, não é o fim (mesmo que você o tenha projetado), mas o que lhe acontece na travessia. A pesquisa me aconteceu em minha travessia; e com a autoetnografia, pude me abrir de corpo inteiro, permitindo-me provar pelos sentidos tanto do corpo quanto da linguagem os sabores e dissabores de meu exílio,

de minha estrangeiridade e de minha “*ex-posição*”. Por isso, sinto que buscar compreender pelas minhas relações com identidades, crenças e emoções o percurso que me constrói uma pesquisadora na Linguística Aplicada contemporânea em uma pesquisa de mestrado foi mergulhar muito mais fundo no rio do que eu poderia imaginar quando ainda de Curitiba (PR) por mensagem de *Whatsapp* aceitei vir para cá. Ter vindo “parar” aqui foi (é) uma experiência:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Larrosa, 2002, p. 19)

Portanto, autoetnografia é *experiência*. A experiência é a pesquisa. Ao contrário do experimento, a experiência é singular, não se reproduz, não se repete. Também não a pesquisa. Ela mesma, em sua contingência, é um efeito de encontros, uma soma de fatores, alinhamentos que só poderiam existir no corpo que ela ganha aqui, comigo neste ponto. Como diz Santos (2009) a respeito do paradigma emergente na ciência pós-moderna, podemos compreender hoje que na prática científica, ao invés de separar, podemos nos unir pessoalmente ao que estudamos, sendo o objeto visto como a continuação do sujeito. Por isso, o autor defende que “todo conhecimento é autoconhecimento” (Santos, 2009, p. 81), o que confere a ele seu caráter emancipatório.

Em meu percurso autoetnográfico pesquisando a pesquisadora, a distância veio se estreitando tanto, que nesta parte do mergulho vejo ter sido invertido o movimento da travessia. Não se tratou de uma autoetnografia de um sujeito que se torna pesquisadora, mas talvez de uma pesquisadora que, pela autoetnografia, vai se tornando sujeito. Foi uma relação conflituosa, lenta, intensa e empática comigo mesma, de olhar, acolher, perdoar, reconhecer e assumir quem sou eu em minha

história de pessoa, de ser que é humano, vulnerável, complexo, misterioso, errante e imprevisível. Um processo de reconhecer as experiências todas que foram me acontecendo ao longo da vida e dar a elas o valor que antes eu não enxergava. Recuperar o(s) sentido(s), perder a vergonha e o medo, assumir a diferença, afrouxar a rigidez, aprender com limites (internos e externos) e saber que com minhas experiências existe sim um conhecimento com que posso contribuir; reconhecer pela pesquisa o sujeito *eu*, ter orgulho dela e ter orgulho de mim, algo que até então era tão raro de sentir. E, sobretudo, honrar e agradecer os encontros, pois se hoje sou *eu* aqui, é porque *outros* me fizeram e me fazem existir. Nunca caminhei só.

A pesquisa, e portanto a pesquisadora, são uma *soma*, um *efeito de conexões*. Fosse outra universidade, outro programa de pós-graduação, outro ano, outra época da vida, outros amigos, outra orientadora; fossem outros os acontecimentos pessoais e do mundo; ou mesmo se fosse para começar agora, a pesquisa seria outra, pois outra agora já sou eu, com a experiência, com a pesquisa. Conforme diz Maturana (2005, p. 65):

Quando estamos em interações recorrentes na convivência, mudamos de maneira congruente com nossa circunstância, com o meio, e num sentido estrito nada é obra do acaso, porque tudo nos ocorre num presente interconectado que vai gerando continuamente como uma transformação do espaço de congruências a que pertencemos. Ao mesmo tempo, nada do que fazemos ou pensamos é trivial nem irrelevante, porque tudo o que fazemos tem consequências no domínio das mudanças estruturais a que pertencemos.

Por isso, digo que *a pesquisa é o que é porque não poderia ser outra*. Com ela, por esse produto escrito, tentei abrir seguindo a minha ética e da forma mais sincera que pude as conexões que constituem minha relação com o fazer científico, com a linguagem em uso, com o ensino, com a formação e com a universidade, mostrando que a trama pela qual nos tecemos é larga, multidimensional e composta de fios interligados que cada uma e cada um de nós incorpora com nossas ações. O percurso que trilhei se compôs comigo, por isso ele é singular, intransferível e irreproduzível. Mas ao sentar-se desde a primeira página com esta dissertação para me ler, seus

passos, de alguma maneira, vieram ao encontro dos meus. Nossa conexão deve vir de algum lugar... Por isso, neste momento, meu movimento se estende ao seu, para o diálogo que este espaço abriu: de qual ponto você me enxerga? Como seus passos vieram “parar” aqui?

...

**OBSERVAÇÕES ÉTICAS:**

- 1) Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa e aprovada com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) no parecer 65781022.5.0000.5153.
- 2) As pessoas que foram identificadas no trabalho receberam uma cópia para apreciação da leitura e consentiram em ter seus nomes reais publicados.

**CONTATO:**

Para comentários, sugestões, perguntas e diálogos que a pesquisa possa ter lhe suscitado, sinta-se à vontade para entrar em contato comigo pelo *email*: [helenasturmer@gmail.com](mailto:helenasturmer@gmail.com). Será um prazer ter essa conversa.

## REFERÊNCIAS

- AHMED, Sara. **The cultural politics of emotion**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2014 [2004].
- ALDRED, Rachel. Incompetent or too competent? Negotiating everyday cycling identities in a motor dominated society. In: **Mobilities**, v.8, n. 2, p. 252-271, 2013.
- ALLEN-COLLINSON, Jacquelyn. Autoethnography as the Engagement of Self/Other, Self/Culture, Self/Politics, Selves/Futures. In: JONES, Stacy Holman; ADAMS, Tony E.; ELLIS, Carolyn (Eds.) **Handbook of Autoethnography**. New York: Routledge, 2016.
- ARAGÃO, Rodrigo. Cognição, emoção e reflexão na sala de aula: por uma abordagem sistêmica do ensino/aprendizagem de inglês. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 101-120, 2005.
- ARAGÃO, Rodrigo. **São as histórias que nos dizem mais**: emoção, reflexão e ação na sala de aula. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- AS PRAIAS de Agnès. Direção de Agnès Varda. Produção de Agnès Varda. França: Ciné-Tamaris, 2008.1 Video DV (110 min.).
- ASSIS, Joziane Ferraz de. **“Eu, caçadora de mim”**: o percurso de formação de uma professora de Espanhol. Tese (Doutorado em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BARCELOS, Ana Maria Ferreira; ARAGÃO, Rodrigo; RUOHOTIE-LYHTY, Maria; GOMES, Gysele da Silva C. Contemporary perspectives on research about emotions in language teaching. **RBLA**, v. 22, n.1, 1-16, 2022.
- BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. In: BARCELOS A. M. F.; VIEIRA ABRAHÃO, M. H. (Orgs.). **Crenças e ensino de línguas**: foco no professor, no aluno e na formação de professores. Campinas: Pontes, p. 15-41, 2006.
- BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Desvelando a relação entre crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas, emoções e identidades. In: GERHARDT, Ana Flavia L. M.; AMORIM, Marcel Alvaro; CARVALHO, Alvaro Monteiro (Orgs.). **Linguística Aplicada e Ensino**: Língua e Literatura. Campinas (SP): Pontes Editores, p. 153-186, 2013.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Identities as emotioning and believing. In: BARKHUIZEN, Gary (Ed.). **Reflections on language teacher identity research**. New York and London: Routledge. p. 145-150, 2017.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Unveiling the relationship between language learning beliefs, emotions, and identities. **Studies in Second Language Learning and Teaching**, v. 5, n.2, p. 301-325, 2015.

BARROCO, Sonia Mari Shima; SUPERTI, Tatiane. Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 22-31, 2014.

BARTLEET, Brydie-Leigh. Artful and Embodied Methods, Modes of Inquiry, and Forms of Representation. In: JONES, Stacy Holman; ADAMS, Tony E.; ELLIS, Carolyn (Eds.) **Handbook of Autoethnography**. New York: Routledge, 2016.

BELINKY, Tatiana (Trad. e Org.). **Di-Versos Alemães**. Editora Scipione, 1993.

BENESCH, Sarah. **Considering emotions in critical English language teaching**. New York: Routledge, 2012.

BLOMMAERT, Jan. **Discourse: a critical introduction**. New York: Cambridge University Press, 2005.

BORG, Simon. Teacher beliefs and classroom practices. In: P. Garret; J. Cots (Eds). **The Routledge Handbook of Language Awareness**, 2018.

BRZEZINSKI, Iria. **Profissão professor: identidade e profissionalização docente**. Brasília: Plano Editora, 2002.

CAGE, John. **A year from Monday**. New Lectures and Writings by John Cage. Wesleyan University Press: Middletown, Connecticut, 1967.

CAMUS, Albert. **A peste**. Rio de Janeiro: Record, 2017. E-book.

CERVIO, Ana Lucía. Experiencias en la ciudad y políticas de los sentidos. Lecturas sobre la vista, el oído y el olfato. In: SÁNCHEZ AGUIRRE, Rafael (Org.). **Sentidos y sensibilidades**. Exploraciones sociológicas sobre cuerpos/emociones. Buenos Aires/Argentina: Estudios Sociológicos Editora, 2015, p. 17-48.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: UERJ. 4ª edição, 1998.

COLYAR, Julia E. Reflections on Writing and Autoethnography. In: JONES, Stacy Holman; ADAMS, Tony E.; ELLIS, Carolyn (Eds.) **Handbook of Autoethnography**. New York: Routledge, 2016.

COOPER, Robin.; LILYEA, Bruce. V. I'm Interested in Autoethnography, but How Do I Do It?. **The Qualitative Report**, vo. 27, n. 1, 2022. p. 197-208.

CORACINI, Maria José R. F. Discurso e identidade: uma questão de memória e ficção de si. In: BASTOS, Liliana Cabral; MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Orgs.). **Estudos de identidade entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

COUTINHO, Eduardo. O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade. **Proj. História**, São Paulo, v. 15, abr. 1997.

CROKER, Robert A. An introduction to qualitative research. In: HEIGHAM, Juanita; CROKER, Robert. A (Orgs.). **Qualitative Research in Applied Linguistics: A Practical Introduction**. New York & London: Palgrave Macmillan, 2009.

DENZIN, Norman. Confronting ethnography's crisis of representation. In: FLAHERTY, Michael G.; DENZIN, Norman K.; MANNING, Peter K.; SNOW, David A. REVIEW SYMPOSIUM: Crisis in Representation The "crisis" in representation: Reflections and assessments. **Journal of Contemporary Ethnography**, vol. 31, n. 4, ago, 2002, p. 478-576. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/297525123\\_The\\_crisis\\_in\\_representation\\_reflections\\_and\\_assessments/link/5afd15a80f7e9b98e03ea108/download](https://www.researchgate.net/publication/297525123_The_crisis_in_representation_reflections_and_assessments/link/5afd15a80f7e9b98e03ea108/download)

DIAS, Romar Souza; MASTRELLA-DE-ANDRADE, Mariana R. Narrativas de professores: identidades sociais de raça e classe no processo de ensino-aprendizagem de inglês. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). **Narrativas autobiográficas de identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em estudos da linguagem**. Campinas,SP: Pontes Editores, 2015.

DOLORIERT, Claire; SAMBROOK, Sally. Ethical confessions of the "I" of autoethnography: the student's dilemma. **Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal** Vol. 4 No. 1, 2009. p. 27-45.

DYS, Sebastian P.; SCHELLENBERG, E. Glenn; Mclean, Kate C. Musical identities, music preferences, and individual differences. In: MACDONALD, Raymon A. R; HARGREAVES, David John; MIELL, Dorothy. **Handbook of musical identities**. Oxford, 2017.

ELLIS, Carolyn. Carrying the torch for autoethnography. In: JONES, Stacy Holman; ADAMS, Tony E.; ELLIS, Carolyn (Eds.) **Handbook of Autoethnography**. New York: Routledge, 2016.

ELLIS, Carolyn. **The Ethnographic I: A methodological novel about autoethnography**. EUA: Altamira Press, 2004.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography: An Overview. **Forum: Qualitative Social Research**, v. 12, n.1, art. 10, jan. 2011.

ERICKSON, Frederick. **Classroom Ethnography**. University of California, Los Angeles: Elsevier, 2010.

ERIKSON, Erik H. **Identity: Youth and crisis**. New York: Norton, 1968.

FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). **Narrativas autobiográficas de identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em estudos da linguagem**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

FRANK, Hélvio; CONCEIÇÃO, Mariney Pereira. Identidade em Linguística Aplicada: em direção a uma sistematização conceitual. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, SC, v. 21, n. 1, p. 11-31, jan./abr. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GALINDO, Dolores; MARTINS, Mário; RODRIGUES, Renata Vilela. Jogos de armar: narrativas como modo de articulação de múltiplas fontes no cotidiano da pesquisa. In: Spink, Mary Jane et. all (org). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 1a ed, 2014.

GIDDENS, Anthony. **The consequences of modernity**. California: Stanford University Press, 1990.

GOLOMBEK, Paula; DORAN, M. Unifying cognition, emotion, and activity in language teacher professional development. **Teaching and Teacher Education**, Amsterdam, v. 39, p. 102-111, abr. 2014.

HAESBAERT, Rogério. O espaço importa: dilemas da construção identitário-territorial na contemporaneidade. In: BASTOS, Liliana Cabral; MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Orgs.). **Estudos de identidade entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz. T. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15ª edição. Petrópolis: Vozes, 2014. p.103-133.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu** (5) 1995. p. 07-41.

HARDING, Sandra. After Mr. Nowhere: New Proper Scientific Selves. In:\_\_. **Objectivity & diversity**: another logic of scientific research. Chigago, Londres: The University of Chicago Press, 2015, p.150-175.

HARKOT, Marina Kohler. **A bicicleta e as mulheres** – mobilidade ativa, gênero e desigualdades socioterritoriais em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

HEMPKEMEYER, Sheila. Pedalar: uma experiência educativa sobre duas rodas na cidade. In: 7º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação e 4º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, 2017. **Anais...Canoas**: Ulbra, 2017. Disponível em: [http://www.2017.sbece.com.br/resources/anais/7/1495334004\\_ARQUIVO\\_ResumoSbece.pdf](http://www.2017.sbece.com.br/resources/anais/7/1495334004_ARQUIVO_ResumoSbece.pdf).

HETHERINGTON, Kevin. **Expressions of identity**: space, performance, politics. Londres, Thousand Oaks, Nova Delhi: Sage, 1998.

JOHNSON, Karen. E; GOLOMBEK, Paula. Inquiry into experience: Teachers' personal and professional growth. In JOHNSON, Karen E.; GOLOMBEK, Paula (eds). **Teachers' narrative inquiry as professional development**. Cambridge: Cambridge University Press. p. 1-11, 2002.

JONES, Stacy Holman; ADAMS, Tony E.; ELLIS, Carolyn (Eds.) **Handbook of Autoethnography**. New York: Routledge, 2016.

JORDÃO, Clarissa Menezes. A língua estrangeira e a formação do indivíduo. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação – Departamento de Ensino Fundamental. **Diretrizes Curriculares Estaduais – Língua Estrangeira Moderna** (versão preliminar). Curitiba: SEED/PR, 2005.

JORDÃO, Clarissa Menezes. ILA - ILF - ILE - ILG: quem dá conta? **RBLA**, v. 14, n. 1, mar. 2014.

KLEIMAN, Angela B. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. In: In: MOITA LOPES, Luiz P. (Org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente**. São Paulo: Parábola. p. 39-58, 2013.

KRAMSCH, Claire. **The multilingual subject**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, abril, p. 20-28, 2002.

LIBERALI, Fernanda Coelho; FUGA, Valdite Pereira. A importância do conceito de perejivanie na constituição de agentes transformadores. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 35, n. 4, p. 363-373, 2018.

LISPECTOR, Clarice. **A maçã no escuro**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. *In: Educação e realidade*, v. 25, n. 2, p. 59-76, jul./dez. 2000.

LUPTON, Deborah; Beyond the 'affect heuristic': the emotion-risk assemblage. Conference paper presented at the '**Risk and Uncertainty Plenary Session**', Australian Sociological Association Conference, Brisbane, 28 November 2012.

MARCAÇÃO DO TEMPO DO POVO PURI DE GUIRICEMA (MG). "**XIV Troca de Saberes**", Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, Minas Gerais, 22 jul. 2023.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2008.

MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagem na educação e na política**. 4. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

MERLO, Marianna Cardoso Reis. **Autoetnografia, infâncias e decolonialidades em (trans)formação**. 2022. 396f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. *In: MOITA LOPES, Luiz Paulo. (Org.). Por uma lingüística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 85-107.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Da aplicação da Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. *In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar. (orgs.). Linguística Aplicada: um caminho com muitos acessos*. São Paulo: Ed. Contexto, p. 11-24, 2013.

MOTHA, Suhanthie; LIN, Angel. "Non-coercive rearrangements": Theorizing desire in TESOL. **TESOL Quarterly**, v. 48, n.2, p. 331-359, 2014.

NELSON, Cynthia D. Narrativas queer da vida em sala de aula: lições intrigantes para os estudos da linguagem. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). **Narrativas autobiográficas de identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em estudos da linguagem**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

NISHIMURA, Sahsha Kiyoko Watanabe Dellatorre. **Inventaire Futile**: experiência, autoria e linguagens entrelaçadas no ensino-aprendizagem de francês língua estrangeira na escola. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

NOGUEIRA, Maria José D'Alessandro. **To be or not to be ensinante/aprendiz de inglês**: (Im) possibilidades na sala de aula de adolescentes trabalhadores em vulnerabilidade social. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

NORTON, Bonny. **Identity and language learning**: Extending the conversation. Buffalo: Multilingual Matters, 2013.

NÓVOA, António. In: LOMBA, Maria Lúcia Resende; FARIA FILHO, Luciano Mendes. Os professores e sua formação profissional: entrevista com António Nóvoa. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 38, e88222, 2022.

OLEKSZECHEN, Nikolas. **Mover-se na cidade**: produção da identidade de lugar em ciclistas. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

OLEKSZECHEN, Nikolas; MASSOLA, Gustavo Martineli; KUHNEN, Ariane. Mobilidade urbana e cognição ambiental de ciclistas. **Psicologia em estudo**, v. 24, e40502, 2019.

ONO, Fabrício Tetsuya Parreira. **A formação do formador de professores: uma pesquisa autoetnográfica na área de língua inglesa**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

PARQUETT, Marcia. **"Uma Linguística Aplicada Des-norteada"**. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa (MG), 17 de maio, 2023.

PIMENTEL, Álamo. A atitude etnográfica na sala de aula: descolonizando os processos de ensino. **REALIS - Revista de Estudos AntiUtilitaristas e Pós-Coloniais**. Educação e Estudos Pós-Coloniais, v. 4, n.2, 2014.

PINAR, William F. **The Character of Curriculum Studies**: Bildung, Currere, and the Recurring Question of the Subject. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

PINAR, William. Currículo: Uma introdução. LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth (Orgs). **Estudos Curriculares**: ensaios selecionados. São Paulo, Cortez, 2016.

PIRES-SANTOS, Maria Elena; LUNARDELLI, Mariangela Garcia; JUNG, Neiva Maria; SILVA, Regina Coeli Machado. “Vendo o que não se enxergava”: condições epistemológicas para construção de conhecimento coletivo e reflexivo da língua(gem) em contexto escolar. **DELTA**, v.31-especial, p. 35-65, 2015.

REICHMANN, Carla Lynn; ROMERO, Tania Regina de Souza. Language teachers’ narratives and professional self-making. **DELTA**, vol. 35, n. 3, 2019, p. 1-25.

RICHARDSON, Laurel. (2000 [1994]) Writing: A Method of Inquiry. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.), **Handbook of Qualitative Research**. 2 ed. Sage, Thousand Oaks, CA, 2000, p. 923-948.

RODRIGUES, Rosângela Hammes; CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. **Linguística Aplicada**: ensino de língua materna. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

ROJO, Roxane. Fazer Linguística Aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma linguística interdisciplinar**. São Paulo: Parábola, p. 224-274, 2007.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SAMUEL-LAJEUNESSE, Joel Feliu i. Nuevas formas literarias para las ciencias sociales: el caso de la autoetnografía. **Athenea Digital. Revista de Pensamiento e Investigación Social**, n. 12, p. 262-271, otoño 2007.

SANTOS, Sousa Boaventura. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 7 ed. São Paulo, SP: Cortez, 2009.

SATAMA, Suvi. Researching through experiencing aesthetic moments: ‘Sensory slowness’ as my methodological strength. **Writing Differently in Dialogues in Critical Management Studies**, v. 4, p. 209-230, Emerald Publishing Limited, 2020.

SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (Orgs.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**: Questões e Perspectivas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SILVA, Marcio Antonio da. Currículo como *Currere*, como Complexidade, como Cosmologia, como Conversa e como Comunidade: contribuições teóricas pós-modernas para a reflexão sobre currículos de matemática no ensino médio. **Bolema**, Rio Claro (SP), v. 28, n. 49, p. 516-535, ago. 2014.

SILVA, Sara Betania de Souza; SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de. Currículo como *currere* e como “conversa complicada”: pensando currículo a partir da perspectiva de William Pinar. 6703 - Trabalho Completo - XXV EPEN - **Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação**. Faculdade de Educação da UFBA, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_ (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15ª edição. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102.

STREET, Brian. Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei T. (Orgs.) **Cultura, escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 33-53.

STÜRMER, Helena. Corpo-cidade na identidade ciclista de professoras de línguas. **Anais... I Seminário Quero Botar Meu Corpo na Rua**. Curitiba, PR: quandonde; Latecre. p. 91-93, 2023.

SWALES, John M. **Genre Analysis: English in academic and research settings**. New York: Cambridge University Press, 1990.

TAVANO, Patricia T.; ALMEIDA, Maria Isabel de. Currículo: um artefato sócio-histórico-cultural. **Revista Espaço do Currículo**, João Pessoa, v. 11, n.1, p. 29-44, jan./abr. 2018.

TONIN, Josiane Prescendo. **Ideias decoloniais sobre minha práxis: autoetnografia de uma professora de inglês**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Centro De Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Letras. **Regimento interno do programa de pós-graduação em Letras**. Disponível em: <<https://ppglettras.ufv.br/wp-content/uploads/2013/04/Regimento-2020.pdf>>. Acesso em 10 dez. 2023.

VARGHESE, Manka; MORGAN, Brian; JOHNSTON, Bill; JOHNSON, Kimberly A. Theorizing Language Teacher Identity: Three Perspectives and Beyond. **Journal of Language, Identity, and Education**, v. 4, n. 1, 2005. p. 21-44.

VELOSO, CAETANO. **O estrangeiro**. Brasil: Philips, 1989. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=uIMZLr7LXVE&ab\\_channel=CaetanoVeloso-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=uIMZLr7LXVE&ab_channel=CaetanoVeloso-Topic)>.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WHITE, Cynthia. The emotional turn in Applied Linguistics and TESOL: Significance, challenges and prospects. In: MARTÍNEZ-AGUDO, J. de D. (Ed.). **Emotions in**

**second language teaching:** Theory, research and teacher education. Cham: Springer, 2018.

XAVIER, Ismail. Indagações em torno de Eduardo Coutinho e seu diálogo com a tradição moderna. **Comunicação e Informação**, v. 7, n. 2: p. 180 -187, jul./dez. 2004.